

CONVERSÕES DA ERA MODERNA



(Cardeal Newman, ex-anglicano)

Relatos das conversões mais importantes dos últimos tempos

INTRODUÇÃO

A título de introdução reproduzimos abaixo texto extraído da obra do padre Leonel Franca “A Psicologia da Fé”¹, onde o mesmo analisa a psicologia daqueles que se convertem à Fé Católica. As conclusões do Autor podem ser observadas em todos aqueles que abraçaram nossa Fé.

A psicologia da Fé nas conversões

A conquista da verdade religiosa encontra numerosos obstáculos, uns de ordem intelectual, outros de caráter moral. Na realidade viva das almas, a ação de uns e de outros, discernida por um esforço de análise, funde-se na síntese de um todo solidário e complexo. As ignomínias do coração procuram sempre a cumplicidade da inteligência. Os extravios intelectuais raras vezes deixam de refletir-se na desordem dos costumes. Erro de vício colaboram de freqüente em afastar o homem da verdade total.

Destas dificuldades triunfam as almas retas e sinceras. O estudo desta conquista final da fé é uma confirmação valiosa das nossas análises anteriores. Neste drama palpitante, aparece a ação subjugadora da verdade que vence todas as resistências, não como as abstrações áridas e incompletas de um torneio dialético, mas como a luz integral que invade, com suas claridades, uma existência humana a fim de orientá-la definitivamente para a grandeza de sua finalidade pacificadora. Não há tragédia que, pela transcendência dos interesses em jogo, pela profundidade e intimidade dos afetos que excita, pelas dilacerações indescritíveis da agonia interior, se possa comparar a esta luta heróica em que as grandes almas debatem, com o problema da verdade dos seus destinos, a causa da própria felicidade.

Estudemos mais de perto este fenômeno admirável. São muitas e misteriosas as vias que levam os homens a Deus. De fato, cada conversão tem a sua história que não se repete. Qualquer tentativa de classificação exige um trabalho simplificador que é quase sempre um empobrecimento da realidade. Com a ressalva desta observação, analisaremos os casos concretos, no que apresentam de comum para deles inferir algumas lições de alcance geral.

Há almas que vêm de longe. Partem da negação, da dúvida, do erro; são *conversões para a verdade*; chamemo-las *dogmáticas*. É o caso de Santo Agostinho, de um Newman, ou de um Papini.

Em outras, o trabalho espiritual consiste mais num esforço da vontade que retoma o governo perdido da vida para elevá-la ao nível da fé, até ali não extinta, mas fria e inoperante. São *conversões para o bem*; denominemo-las *morais*. Entre elas nem sempre é idêntica a distância vencida; umas vão do mal ao bem, outras do bom para o melhor. Inácio de Loyola, Margarida de Cortona, ou Luísa de La Vallière deixam uma vida de futilidades mundanas, de ambições terrenas ou de dissipações cortesãs para se dedicar à severidade da vida claustral ou ao apostolado das almas. Teresa de Jesus fala-nos humildemente de sua conversão aos 40 anos como do grande passo que a tirou da “morte para a vida”. Foi a ruptura com certas complacências seculares, a passagem

¹ “A Psicologia da Fé” – Obras Completas do Pe. Leonel Franca, SJ – Livraria Agir Editora – 1952 – págs. 195/227

de uma generosidade intermitente e limitada que mede e pesa o que dá, para a generosidade absoluta na doação de si mesma a Deus, completa, total e irrevogável.

Fixamos até aqui a nossa atenção sobre o ponto de partida e o termo de chegada: é o critério que especifica qualquer movimento. Se observarmos a duração empregada para vencer as distâncias percorridas, achamo-nos diante de conversões *lentas e progressivas*, que se estendem às vezes por anos e anos, como a de um Agostinho ou de um Newman, ou de *conversões fulminantes* que, em poucos segundos, destroem um passado inteiro para, sobre suas ruínas, reconstruir imediatamente um futuro inteiramente novo. Aqui a ação da graça, a percepção dos motivos de credibilidade, a resolução definitiva da vontade fundem-se na unidade de um ato instantâneo. O exemplo de Paulo que, nos caminhos de Damasco, cai fariseu e perseguidor, para levantar-se cristão e apóstolo não é o único na história do cristianismo. No século XIX Afonso Maria Ratisbona, futuro fundador das religiosas do Sion, entra em Roma numa Igreja para comprazer a um amigo que o deixa por alguns instantes só na imensa nave silenciosa, para encontrá-lo, pouco depois, debilhado em lágrimas ante um altar da Virgem. O judeu mundano e escarnecedor do cristianismo levanta-se radicalmente transformado, vai ajoelhar-se aos pés de um sacerdote, recolhe-se num retiro e orienta radicalmente a sua vida para novos horizontes espirituais. Fulmíneas foram ainda quase em nossos dias as conversões de um Paulo Ginhac, de um Herman Cohen ou de um Claudel.²

Sob qualquer de suas inumeráveis modalidades individuais, a conversão apresenta-se-nos sempre como um drama interior em que os dois grandes atores são Deus e a alma.

No princípio de toda a conversão está Deus com as graças de sua infinita misericórdia. A volta do homem à fé é sempre um mistério de seu amor inefável. A graça excita, estimula, ilumina, conforta, para depois triunfar na paz da vitória.

A sua ação torna-se algumas vezes manifesta, quase diríamos sensível à alma que se debate nas ansiedades de uma luta indescritível; outras, é suave, latente, imperceptível, guiando, com a delicadeza de seus toques, o curso dos acontecimentos, dos encontros, das leituras e das reflexões, sem que a urdidura admirável do entrecho manifeste a sua finalidade senão depois do último desfecho. É assim que Deus trabalha continuamente na profundidade das consciências, atraindo-as a si por vias misteriosas, Ele que quer sinceramente “venham todos os homens ao conhecimento da verdade”, como diz São Paulo, *qui omnes homines vult salvos fieri et ad agnitionem veritatis venire*, I Tim. II, 4,³ ou, como ensina São Pedro, “é longânime conosco não querendo que alguns se percam senão que todos venham a arrepender-se”, *patienter agit propter vos, nolens aliquos perire sed omnes ad penitentiam reverti*, II Petri, III, 9.⁴

² CALVET, *Le Pere Ginhac*, 1901, p. 18; CH. SYLVAIN, *Vie du R. P. Hermann*, 4 Paris, 1909, pp. 1-52; PAUL CLAUDEL, *Ma Conversion*, na *Revue des Jeunes*, 10 Oct. 1913, pp. 28-34; E. SAINTE-MARIE-PERRIN, *Introduction à l'oeuvre de P. Claudel*, p. 124.

³ O qual quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade.

⁴ Não tarda o Senhor a sua promessa, como alguns pensam, mas usa de paciência para convosco, não querendo que nenhum pereça, mas que todos se convertam à penitência.

A esta ação divina que nunca falta, pode o homem prestar ou negar a sua colaboração. Ao convite do alto pode responder sim ou não, e, na liberdade desta alternativa, assumir toda a responsabilidade de suas conseqüências.

O estudo deste trabalho interior da alma – atividade racional que investiga e discute, ação da vontade que escolhe, aceita, ou recusa, ressonâncias emotivas com suas alterações de entusiasmo e abatimento, de coragem e desânimo – tudo isto cai no domínio da consciência e constitui o que modernamente tanto se tem estudado sob o nome de psicologia da conversão. Alguns crentes, assustadiços, retraem-se desconfiados ante estas investigações como se a determinação mais exata dos fatos psíquicos que preparam uma volta da alma a Deus importara numa negação da graça, desnecessária ou inverificável. Digamos, de passo, uma palavra sobre a questão.

Ensina a sã teologia que a graça não elimina a natureza, não a destrói nem dela prescinde, mas a supõe para elevá-la à ordem sobrenatural. No processo interior de uma conversão, como em toda a vida religiosa normal, observam-se, portanto, as leis naturais que regem toda a nossa atividade psíquica. Acompanhar e analisar o jogo complexo de todos estes fatores, as suas ações e reações, as que se manifestam à plena luz da consciência como talvez as que se organizam nas penumbras da subconsciência, é evidentemente do domínio e da competência, da psicologia experimental.

Há, porém, além destas causas naturais, registradas pela observação científica, uma intervenção de ordem sobrenatural? Para responder a esta pergunta já não tem competência a psicologia. A graça, como tal, não cai no domínio da consciência; a introspecção não pode atingi-la como uma realidade experimental *sui generis* ou como uma modalidade *empírica* especial, suscetível de ser discernida pela análise psicológica. Por isso mesmo, pronunciar sobre a sua existência ou inexistência não é da alçada da psicologia positiva, cujos métodos de atingir o seu objeto se limitam à simples observação, interna ou externa. Aqui a decisão final pertence, de direito, à outra ciência, à teologia, que, nos seus processos de conhecimento, possa atingir a ordem sobrenatural.

Aplicamos simplesmente ao nosso caso particular o princípio geral de separação ou distinção dos domínios científicos. O fisiólogo, como tal, não nos pode dizer coisa alguma sobre a alma humana nas suas manifestações superiores. Ele poderá acompanhar de perto todas as transformações orgânicas paralelas ao exercício das faculdades psíquicas, mas além de todas estas oxidações e reduções, assimilações e desassimilações, além de todo o metabolismo cerebral, existe uma atividade superior, de outra ordem? A fisiologia não o sabe nem o pode saber. O seu método é o da observação *externa*, acompanhada, onde possível, da experimentação, e este método não pode alcançar um fenômeno psíquico no que tem de específico. Só a introspecção nos revela a existência desta nova espécie de realidade; só a razão analisando as suas propriedades poderá concluir a sua redutibilidade ou irredutibilidade aos fenômenos de ordem puramente orgânica, mas aqui já deixamos o campo da fisiologia para entrarmos no da psicologia racional. Um surdo-mudo diante de um piano estaria em situação idêntica; poderia com a vista acompanhar o movimento das teclas, as vibrações das cordas, investigar e formular todas as leis mecânicas que regem esta complexidade de

movimentos. Sobre os sons, porém, sobre a impressão agradável ou desagradável das suas harmonias, sobre a impressão estética, da música não lhe será possível dizer-nos palavra: falta-lhe o sentido que lhe permitiria atingir estas realidades inacessíveis aos seus meios de investigação.

Não tenhamos, portanto, nem receios nem desconfianças de todas as investigações psicológicas no domínio religioso. O que importa é que se respeitem as fronteiras de cada ciência. Como o fisiólogo não deve dirimir questões de psicologia e decretar a inexistência da alma porque não a encontrou, como uma glândula resistente, no fio do seu bisturi, assim não deve o psicólogo, *em nome de sua ciência*, afirmar ou excluir intervenções de ordem superior aos seus processos analíticos de conhecimento. Não neguemos a existência da música quando só com os olhos e sem ouvidos observamos a movimentação de uma orquestra.

Há, pois, uma psicologia da conversão; podemos construí-la com o material, hoje, de uma riqueza extraordinária, acumulado por inumeráveis depoimentos de almas que nos foram legando a narração de suas experiências religiosas. Aqui nos será permitido acompanhar de perto a colaboração do homem no interesse empolgante de suas vicissitudes dramáticas.

E é precisamente no seu aspecto psicológico que a conversão nos aparece, não só como uma confirmação prática das nossas conclusões anteriores, senão ainda como um testemunho, em favor da fé, de valor excepcional. Tentam, por vezes, os incrédulos diminuir-lhe a importância, simplificando a seriedade do problema com uma desenvoltura ridícula – Caquexia senil, enfraquecimento do cérebro, involução para o estado primitivo – teológico – da humanidade incipiente. E com esta vacuidade sonora de palavras pensam haver resolvido uma das questões mais graves da psicologia religiosa.

Romanes, amigo de Darwin, materialista nos seus primeiros anos, foi, com estudos mais profundos, reformando as primeiras idéias até voltar integralmente ao cristianismo de seus pais. A sua obra póstuma, *“Pensamentos sobre religião. Evolução religiosa de um naturalista do ateísmo ao cristianismo”*, traça as diferentes estações de seu itinerário espiritual. Ao saber do fato, Haeckel, agastou-se profundamente. Seu primeiro ímpeto foi negá-lo. “Quando pela primeira vez”, escreve ele, “tive conhecimento desta conversão por um dos seus amigos, zeloso teólogo anglicano, inclinei-me a crer numa mistificação deste último; porque é notório que os defensores fanáticos das superstições eclesiásticas não escrupulizam em voltar a verdade às avessas quando se trata de salvar os seus dogmas”. Mas, “infelizmente”, o fato era verdadeiro; o patriarca de Iena consolou-se então com uma explicaçãozinha “científica”. “Mais tarde averigüei que se tratava neste caso [Von Bayer também se tinha convertido havia não muito] de uma interessante metamorfose psicológica de que tratei no capítulo 6 do *Welträtsel*. Nos últimos anos Romanes estava enfermo...” Foi “debilidade patológica. Para o uso livre e puro do conhecimento racional, a primeira condição é a disposição normal do seu órgão, o Fronema”.⁵ E como quase todos os grandes naturalistas crêem

⁵ Cfr. J. Donat, *Die Freiheit der Wissenschaft*, Innsbruck, 1925, pp. 273-274. Podemos aplicar ao nosso assunto o que já foi dito de outra atitude do patriarca do monismo alemão. “De uma capacidade mental tão mesquinha como a que se revela nos *Enigmas do Universo*, de Haeckel,, que em sua ingenuidade considera como um gás tudo o que há de invisível na Natureza, não podemos exigir naturalmente que seja capaz, ainda de longe, de seguir os pensamentos aqui expostos”. Jacob Von Uexkull, *Ideas para uma*

em Deus, e dos primeiros colegas de juventude do professor de Lena, os mais notáveis lhe abandonaram o materialismo grosseiro, a fraqueza cerebral é a triste condição da maior e da melhor parte da humanidade..

Bourget vê as cousas com mais elevação e objetividade. “A conversão de um espírito que, à luz das lições da vida, reconhece o seu primeiro erro, é um dos espetáculos mais belos que nos seja dado contemplar”.⁶

Sim! A volta de uma alma a Deus oferece outro interesse, outra importância, outra transcendência. É mister estudá-la com mais atenção e simpatia. Não a desvirtuemos puerilmente com uma displicência intolerante e satisfeita de sua superficialidade ou ainda com a vacuidade altissonante de uma palavra grega: desarranjo de fonema!

* * *

No drama interior da conversão não é difícil distinguir três atos ou fases sucessivas.

A primeira, que prepara e desperta a alma, é geralmente caracterizada por uma impressão profunda de descontentamento, de tédio insatisfeito, de vazio indescritível. A alma entra a sentir vivamente a sua miséria interior, o seu desamparo, a insuficiência de tudo o que a rodeia para fazê-la feliz. O *inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te* de Santo Agostinho vai-se repetindo sob mil formas diferentes na história misteriosa dos corações. Nesta impressão forte da própria miséria, Deus ainda não percebido se vai aproximando: *ego fiebam miserior et tu propinquior*, dirá mais tarde o grande africano convertido.

“Vós me fizeste sentir um vazio doloroso”, escreve Charles de Foucauld, “uma tristeza até ali nunca experimentada por mim;... ela voltava todos os dias pela tarde quando me achava só no meu aposento... durante as que chamam festas, emudecia-me os lábios e acabrunhava-me; eu as organizava, mas em lhes chegando o momento, era um mutismo, um desgosto, um tédio infinito”.⁷

O neto de Renan, oficial do exército francês como o nobre Charles de Foucauld, experimentava na solidão dos desertos africanos esta impressão de tédio incurável. Arrancado às mentiras e hipocrisias da vida artificial nos grandes centros urbanos e posto em contato com a natureza rude e agressiva do Saara, Psichari desce às profundezas da alma e aí encontra vivos os grandes problemas humanos que a dissipação dos teatros dissimula mas não resolve. A voz de Deus fala-lhe à consciência, como outrora a Santo Agostinho ou a Pascal: “Tu me procuras e eu aí estou neste desgosto de ti mesmo que te salteou, neste peso da tua alma cativa e até no pesadelo horrendo dos teus pecados”.⁸

Para a jovem Marie Jaqueline Favre, filha do presidente do parlamento da Savóia, a percepção viva das vaidades terrenas não se fez sentir na solicitude de ermas paragens, mas no mais vivo das agitações e divertimentos mundanos. Índole vivaz e independente, repelia tudo o que pudesse constituir uma ameaça à sua autonomia. A própria direção de São Francisco de Sales houve de manter-se por muito tempo numa atitude de respeito e reserva prudente. Foi num salão de festas, brilhante e fascinador, que se lhe cravou

concepción biológica Del mundo, trad. esp. do alemão. Madrid, Calpe, 1932, p. 47. Pouco antes a obra de Haeckel era severa, mas justamente averbada de “charlatanaria superficial”.

⁶ P. Bourget, *Oeuvres complètes, I, Préface, VIII*.

⁷ Ch.. Foucauld, *Ecrits spirituels*, p. 76.

⁸ E. Psichari, *Le Voyage Du centurion*, Paris, 1911, p. 196.

n'alma a impressão viva das caducidades mundanas. "A jovem Favre dançava maravilhosamente. Indo sua mãe a Chambéry tratar de negócios, as senhoras da cidade que tinham ouvido falar dos talentos de Marie Jaqueline, ofereceram um grande baile para ter o prazer de vê-la dançar. A senhorita Favre lá foi radiante de alegria com o desejo de justificar a sua fama. À primeira nota da orquestra, o governador da região veio oferecer-lhe o braço para romper a dança. Neste momento Deus a esperava. Uma seta divina traspassou-lhe o coração. "Pobre Favre", dizia ela consigo enquanto os outros aplaudiam as suas graças, "que recompensa terás de teus passos ritmados? Que frutos colherás? Dirão: esta menina dançou bem – eis tua recompensa". Uma confusão profunda envolveu-a. A idéia da morte, do juízo, a vergonha de ter malbaratado a sua juventude em prazeres fúteis penetraram-lhe profundamente n'alma. Saiu do baile transformada e resolvida a consagrar-se a Deus".⁹ Mais tarde foi uma das companheiras de Santa Francisca Fremiot de Chantal, fundadora da Visitação.

Gratry é um jovem de 17 anos. Volta das férias ao colégio onde tirara o segundo prêmio. Os colegas deitam-se; ele põe-se a refletir. Todo o futuro de rosas desfila ante a sua imaginação ardente. Serão novos louros no ano que começa; mais tarde, por que não? Também o prêmio de honra na Faculdade de Direito; não lhe falta nem talento nem amor ao trabalho. Depois escreverá e será um autor aureolado de glória como os que mais o foram. Fundará uma família, feliz na pureza de um grande amor... Mas, depois! Depois virá a morte; a morte dos pais, a morte dos amigos que o rodeiam, a própria morte; a vida toda desfeita como um sonho. E assim se vão, umas após outras, todas as gerações humanas a precipitarem-se no abismo fatal. E toda a vida será *isto* e só *isto*!... Ocorre-lhe então o pensamento de Deus. Mas Deus existe! E o jovem desce comovido às profundezas de sua alma e de lá brada angustioso: "Deus! Deus! Luz! Socorro! Explicai-me o enigma... meu Deus! Prometo-vos e juro-vos, oh meu Deus! Fazei-me conhecer a verdade e eu lhe consagrarei toda a minha vida".¹⁰ Deus não foi surdo aos seus chamados. O P. Gratry foi um dos mais zelosos apóstolos da juventude francesa na segunda metade do século XIX.

Em Adolfo Retté é uma questão de honestidade intelectual que lhe crava no coração o primeiro espinho da inquietude. Socialista irredutível, feroz nos seus ataques contra a Igreja, fala um dia a um auditório de vermelhos em Fontainebleau. O assunto fácil de adivinhar, o materialismo de Haeckel e de Büchner: Deus "exorcizado" definitivamente do Universo, pelas conquistas da "ciência". Terminada a palestra, "quatro convencidos" acercaram-se do orador e pedem-lhe explicações mais minuciosas. Uma vez que o mundo não foi criado por ninguém "como é que tudo começou". A. Retté repugnava afirmar o que não conhecia; balbucia, hesita. E o pequeno incidente lhe pôs em foco o problema das origens que a ciência positiva não resolve. "*Estava profundamente perturbado; sentia-se mal; tinha necessidade de refletir, a sós, com a minha consciência*". Interna-se na floresta. "Mas já não apreciava o encanto da sombra e do silêncio. O coração pesava-me no peito; tinha vontade

⁹ Bougaud, *Histoire e Saint-Chantal*, Paris, 1892, t. I, p. 351.

¹⁰ A. Gratry, *Souvenirs de ma jeunesse*, Paris, 1917, p. 40. É preciso ler no original toda a descrição desta crise de alma, PP. 32-40 – Como estudo psicológico dos sentimentos que inquietam e dilaceram a consciência nos momentos que precedem as grandes resoluções decisivas, é célebre a página em que A. Manzoni nos pinta a noite agitada do Innominato, Cfr. I promessi sposi, cap. XXI.

de chorar; um remorso estranho e insólito parecia tumultuar dentro de mim”.¹¹ Foi o primeiro passo na sua conversão; três anos volvidos, A. Retté era católico convicto.

Os *motivos* que despertam imediatamente esta inquietação adaptam-se quase sempre ao contexto psicológico do futuro convertido e, por isso, variam ao infinito.¹² Num temperamento de puro intelectual é a ânsia de resolver o mistério da existência, de achar o último porquê onde possa descansar tranqüila a razão que se não resigna ao suicídio do absurdo.

Numa organização de esteta, a quem a pura beleza seduz, é a desproporção entre as formosuras criadas ou as obras-primas d’arte e o ideal inatingível que o fascina e tortura:

Eterna aspiração insatisfeita

De uma eterna beleza mais perfeita

Que define o sentido do dever.

A uma alma mística que, longe da Igreja, aspira, na sua impotência a uma união mais íntima com Deus – caso freqüente entre protestantes de boa fé – é a vida sacramental católica que atrai, abrindo, no horizonte das esperanças humanas, perspectivas infinitas.

Aos que sondam as profundezas misteriosas do nosso coração é esta imensa capacidade de amor que nenhuma criatura é capaz de saciar. Taine, jovem ainda, todo saturado de Spinoza, experimenta esta desproporção radical entre tudo o que nos envolve e o a que aspira a grandeza da nossa alma. Aos 23 anos, escrevia a Prévost-Paradol: “Seriamente, pode amar com toda a tua alma outra coisa afora das cousas perfeitas que nos manifestam a ciência e a reflexão interior? Não sentes que, quando damos este amor a uma criatura finita e real, só o damos por ilusão, imaginando que este ser é perfeito e vestindo-o de toda a excelência que nos depara este modelo divino? Não sei se as cousas se passam em ti como em mim, mas confesso que o amor infinito, que trago, como todos os homens, no fundo do coração, se acha continuamente tolhido no seu surto, quando se orienta para as realizações finitas da essência perfeita; não sei que desventurada providência me adverte que lhes falta isto ou aquilo e por isso não podem dar corpo ao amor. De mim digo a mesma coisa, sinto que tampouco mereço ser completamente amado”.¹³

Em qualquer destas disposições basta às vezes um fato, por vezes insignificante, para sacudir a alma e desencadear a crise interna.

É a dor, divina mensageira a bater-nos à porta, uma destas dores fundas que desmoronam para sempre o frágil edifício de uma felicidade construída sobre a contingência caduca das criaturas – fortuna, saúde, amor, glória – que

¹¹ A. Retté, *Du diable à Dieu, Paris, 1907, p. 15.*

¹² “Il y aurait... um beau livre à écrire, et donc le titre serait: *La Psychologie de la Conversion, auquel on donnerait pour fondement cette idée si simple et si vraie, qui ni La vérité n’attire à soi toutes les intelligences par elle-même, ni La religion ne touche tous les cœurs au même endroit, ni toutes conversions ne s’opèrent donc pour les mêmes raisons ou ne procèdent de La même origine*”. F. Brunetière, *Discours de combat, Nouvelle série, Paris, 1907, PP. 8-9*

Tradução : Não haveria ...um bom livro para escrever, cujo título seria: A psicologia da conversão, o que seria a base para essa idéia é tão simples e verdadeira, que nem a verdade atrai para si todas as mentes por escolha dela mesma, nem a religião toca cada coração no mesmo lugar, nem todas as conversões se realizam pelas mesmas razões, ou não derivam da mesma origem. "

¹³ *Correspondence d’Hyppolite Taine, t. I, carta de 20.3.1849.*

para sempre nos fogem. A alma desarvorada debate-se no escuro das agonias interiores. Mais tarde há de raiar a luz e das penas e angústias que tanto a torturaram dirá com F. Coppée: Dor bendita! *La Bonne Souffrance!*

É a morte com a sua lição austera da brevidade da vida. Diante de um cadáver – principalmente se as suas formas lívidas, hoje imobilizadas na fria rigidez sem esperança foram outrora aviventadas por uma alma querida – diante de um cadáver surgem em toda a sua ansiedade as grandes interrogações dos nossos destinos definitivos.

O primeiro passo para a conversão representa, pois, um esforço de elevação humana. A inteligência aspira a um conhecimento da verdade integral das cousas; a vontade insatisfeita procura a posse duradoura de um bem real que seja digno do seu amor; a vida, subtraindo-se à dispersão fútil da multiplicidade de insignificâncias, concentra-se em suas profundezas num esforço de realização total de si mesma. Se a maior dignidade da natureza humana é a razão, convém dar à existência um porquê, às suas tendências mais altas uma resposta, aos seus anelos mais íntimos e insofrecíveis um objeto condigno. Ânsia de verdade, de razão e de ordem; sentimento desinteressado do dever; lealdade absoluta com a própria consciência; aspiração a um ideal mais puro, a uma beleza mais perfeita, sede insaciável de infinito, numa palavra, o despertar mais vivo de todas as grandes realidades sem as quais o homem cai abaixo de si mesmo – eis o que se encontra na raiz desta inquietude sublime, desta nostalgia de perfeição que constitui o primeiro estado d'alma dos que, muitas vezes, sem o saberem, já partiram em busca de Deus.

*

*

*

*

A crise religiosa está declarada. No segundo ato do drama contemplamos o esforço da alma que deseja resolvê-la: trabalho da inteligência para elevar-se ao conhecimento da verdade religiosa, lutas da vontade para desembaraçar-se do mal e aderir ao bem.

A investigação intelectual orienta-se quase sempre na direção dos estudos anteriores. Onde a inteligência se tornou, pelo exercício, mais robusta, por aí envereda a fim de resolver as suas dúvidas.

Newman é teólogo, o mais abalizado dos teólogos anglicanos do seu tempo, e talvez a inteligência mais vigorosa que fulgiu na Inglaterra do século XIX. Em torno deste astro de primeira grandeza, gravita, como coroa de satélites, uma plêiade de talentos privilegiados: Mannning, Fabber, Ward. Ele é o chefe incontestado do maior movimento religioso depois da Reforma, o chamado movimento de Oxford, no qual o anglicanismo do Reino Unido colocara as suas mais bem fundadas esperanças de regeneração intelectual e espiritual.

Eis, porém, que, no correr dos seus estudos, lhe salteia uma dúvida angustiosa: será a igreja anglicana a continuadora autêntica da Igreja de Cristo, a herdeira genuína dos ensinamentos do Evangelho? Para um filho respeitoso da Igreja estabelecida, educado em todos os velhos preconceitos da Reforma contra Roma, não podia haver perplexidade mais dolorosa. A fim de dirimir pessoalmente a questão, era mister, aliado a uma competência de especialista, um estudo positivo e aturado das fontes primitivas do cristianismo. A um *scholar*, a um *oxfordman* de envergadura excepcional, como Newman, não faltava nem uma nem outra cousa. A investigação durou cinco longos anos; as

claridades foram-se intensificando com o tempo, e o grande livro sobre o *Desenvolvimento da doutrina cristã* que ele iniciara como ritualista, assinou, concluído, como católico. “Cheguei a tal evidência”, dizia, “que conservar-me fora da Igreja católica, me pareceu um pecado mortal”. Em 1845, depois de agonias interiores cuja intensidade se deixa facilmente adivinhar, o grande Newman abjurara o anglicanismo. “O ano de 1845”, escreveu então Gladstone, “marcou a maior vitória alcançada pela Igreja de Roma desde a Reforma”.¹⁴

Brunetière, formado no positivismo evolucionista, ocupara-se de preferência com questões sociais e literárias. Um dia, percebeu que o positivismo levava ao individualismo e este, à dissolução da vida social. A doutrina, a organização, a influência histórica do catolicismo começam a atrair-lhe a atenção e neste rumo orienta os seus estudos e as suas reflexões. Passo a passo, vai conquistando o terreno e em grandes conferências que repercutiam em toda a Europa, o grande professor ia assinalando a evolução das suas idéias *sur les chemins de la croyance*. Como Le Play, Taine, Balzac e Bourget, chega também ele, de conseqüência em conseqüência, à conclusão derradeira de que a questão social é sobretudo uma questão ético-religiosa e só o cristianismo tem nas mãos a chave de uma solução eficaz e completa.

A Lenormant, a Von Ruville e a Pastor foi a história que os reconduziu ao grêmio da Igreja.

Deus, escreveu Fontenelle, é a encruzilhada para a qual convergem todas as alamedas do pensamento. Do mais insignificante pulvísculo que baila no ar, os olhos, seguindo nas suas reflexões a trajetória do raio luminoso, podem elevar-se até o sol, fonte de toda a luz. De qualquer realidade, material ou espiritual, individual ou social, pode a inteligência alhear-se até Deus, princípio de todo o ser, razão que o explica, fundamento fora do qual cousa nenhuma pode ter consistência. E não deixa de ser altamente instrutivo como estas inteligências partidas de todos os rumos do horizonte científico se encontram na afirmação final da mesma verdade. É uma convergência de feixes luminosos que vão, condensando-se, intensificar o esplendor do grande foco. A fé não teme a investigação racional; exige que seja feita com a mais absoluta sinceridade. As almas que podem dizer com Newman: “nunca resisti à luz”, ou com Brunetière “tenho consciência desde que escrevo e penso de, em todas as ocasiões, me ter deixado plasmar pela verdade”, cedo ou tarde chegam à plenitude da luz.

Paralela ou posterior ao trabalho de investigação intelectual é a luta interna da vontade, mais viva, mais agitada, mais profundamente dramática. A conversão e, em última análise, um ato da liberdade à qual compete imprimir à vida humana a orientação eficaz para a sua finalidade conhecida pela inteligência. Mas a viagem *du diable à Dieu* é uma marcha ascensional e o homem não se eleva sem esforço. “A verdade é uma eminência”, escreveu Le Play, “todos os caminhos que sobem, a ela nos levam”.¹⁵ Mas o subir, se promete a visão panorâmica dos horizontes amplos, exige a coragem, a audácia e a perseverança dos fortes. Importa romper com hábitos anteriores, submeter-se a uma disciplina, dizer adeus ao diletantismo que só vê na vida um passeio pela existência, sem conseqüências nem responsabilidades e com o direito de colher, à ventura, todas as flores que no caminho lhe solicitam o desejo do momento. Esta ruptura é dolorosa, e a luta que a precede,

¹⁴ Cfr. Paul Thureau-Dangin, *La rennaissance catholique en Angleterre au XIX siècle*, Paris, t. I, p. 327.

¹⁵ Le Play, carta ao P. Roullot, na *Réforme sociale*, 1881, p. 369.

indescritível. Mais que qualquer outro aspecto da conversão é este um drama todo individual que não se representa, idêntico, em duas consciências.

Em Agostinho é o peso das paixões sensuais que ainda prendiam a inteligência já iluminada pela verdade. As páginas das *Confissões* em que se nos descrevem estas dilacerações íntimas são de um colorido trágico, de uma viveza psicológica, de um interesse humano que dificilmente poderão ser igualado. “O inimigo tinha nas suas mãos a minha vontade, dela fizera uma cadeia com que constringia. A vontade perversa criara a paixão; a paixão, servida, transformara-se em costume; o costume a que se não resistira tornara-se necessidade. Destes anéis enlaçados se forjara a cadeia de minha dura escravidão. A vontade nova que em mim nascia de vos servir desinteressadamente, de fruir de vós, oh meu Deus, única alegria verdadeira, era ainda muito fraca para vencer a outra, enraizada pelo hábito. Assim, duas vontades, uma antiga, outra nova, uma carnal, outra espiritual, digladiavam-se e nesta luta se dispersava a minha alma... Estava no ponto de agir e não agia. Mas já não caía no abismo da minha vida passada, estava de pé na orla e respirava um pouco. Depois, outro esforço, ia atingir, ia chegar, mas não atingia nem chegava, hesitando em morrer para a morte e viver para a vida. Deixava-me dominar mais pelo mal, companheiro de infância, do que pelo melhor, recém-chegado. Quanto mais se aproximava o instante em que ia mudar, mais se me enchia a alma de horror. Estas bagatelas de bagatelas, estas vaidades de vaidades, amigas minhas de outrora, prendiam-me. Puxando pela minha veste de carne, sussurravam: tu nos deixas! Desde este momento nunca mais estaremos contigo! Desde este momento, isto e aquilo não te será permitido para sempre!... De outro lado, a casta majestade da continência, serena, digna, estendia-me as mãos piedosas, cheias de bons exemplos - de meninos e moças, juventude numerosa, todas as idades, viúvas venerandas, virgens que haviam chegado à velhice... E parecia dizer-me com ironia insinuante: Como! Não poderás tudo o que puderam estes e estas!... E era um duelo no meu coração, de mim contra mim!”¹⁶

No jovem Claudel era o medo dos companheiros, do que dirão, que por longo tempo lhe paralisou o passo decisivo. “Farei esta confissão? No íntimo, o sentimento mais forte que me impedia de declarar as minhas convicções era o respeito humano. A idéia de anunciar a todos a minha conversão, de dizer aos meus pais que não comeria carne às sextas feiras, de me proclamar um destes católicos tão ridicularizados, fazia-me suar frio”.¹⁷

No caso mais complexo de Newman é a sua situação social na Igreja anglicana, a sua posição de chefe religioso e intelectual de um grande movimento que agitava toda a Inglaterra. Abandonar tudo – situação financeira, estima dos correligionários, a sua cara universidade de Oxford, - para ir, aos 45 anos, bater à porta de uma Igreja, contra a qual militavam os mais enraizados preconceitos nacionais e em cujo grêmio não passaria de um neófito, sujeito às disposições ignoradas de uma autoridade eclesiástica que poderia talvez acolhê-lo com reservas e submeter a provas penosas a sinceridade de suas novas atitudes – oh!, como isto, na realidade viva das almas, é árduo e custa o sangue do coração! “Meus olhos”, escrevia ele, “banham-se de lágrimas quando penso em todas as cousas queridas que deverei abandonar”. “Meu coração e meu espírito estão exaustos de cansaço, como os nossos membros

¹⁶ S. Agostinho, *Confissões*, 1. VIII, c. V e XI. Todo este livro VIII deve ser lido.

¹⁷ *Les témoins du Renouveau catholique*, p. 68.

quando sobre os ombros pesa um grande fardo”. A sua irmã, enumerava os sacrifícios que mais lhe custavam: “Gozo de um bom nome no conceito de muitos, sacrifico-o deliberadamente; mais numerosos são os que me desestimam, vou satisfazer-lhes os piores desejos e dar-lhes o triunfo que mais ambicionam. Farei infelizes aos que amo, irei desorientar quantos instruí ou auxiliei. Vou para quem não me conhece e de quem bem pouco espero. Farei de mim um exilado, e, isto na minha idade! Oh, que é que me poderá levar a esta resolução senão uma necessidade poderosa?”¹⁸ Era a necessidade poderosa e intransigente da verdade que acabou vencendo na sua grande alma.

Manning, contemporâneo de Newman e, como ele, um dos grandes convertidos ingleses do século XIX, teve de lutar com dificuldades semelhantes. Ao iniciar os estudos que o haviam de levar ao catolicismo, ainda anglicano convicto, escrevia: “Todos os laços do nascimento, do sangue, das lembranças, da afeição, da felicidade e do interesse, todos os motivos capazes de abalar e inclinar a minha vontade, prendem-me à minha crença. Pô-la em dúvida, fora duvidar e tudo o que me é caro. Renunciá-la, para mim equivaleria a morrer”.¹⁹ Iniciados os estudos, enquanto a evidência prosseguia nas regiões superiores do espírito a sua marcha triunfal, o coração continuava cada vez mais dilacerado. No dia 8 de dezembro de 1850 deixava para sempre a sua paróquia anglicana de Lavington. “Não há palavras”, escrevia pouco depois, em carta de 14 de janeiro de 1851, “capazes de exprimir ou pintar o que sofreu o meu coração ao desapegar-se do único *home* e do rebanho em que eu despendera 18 anos de minha vida de homem”.²⁰ Os sacrifícios afetivos com a conversão tornaram-se mais penosos. O seu irmão mais velho, Frederico, não o quis ver mais; Gladstone, seu íntimo, rompeu as antigas relações e quase todos os amigos de juventude o abandonaram. Mais tarde, quando Manning faleceu, em 1892, o *Times* soube prestar homenagem à sua grandeza d’alma e ao seu amor incondicionado à verdade. “Uma das glórias mais fúlgidas do clero anglicano”, dizia então o grande jornal londrino, “deixou a Igreja de sua infância. A sua saída não a motivou a ambição, certo, como estava, de chegar pelo menos à dignidade episcopal, nem o amor-próprio melindrado como disseram de Newman os que não conheciam a pureza d suas intenções. Manning não sofreu nenhuma injustiça. Agiu por pura convicção e contrariamente aos seus interesse humanos”.²¹

Que contraste entre conversões assim e estas apostasias que atiram fora da Igreja tantos desventurados! Aqui nenhum interesse humano, nenhuma tirania de paixões sensuais, nenhuma irritação de orgulho exacerbado por conflitos entre a autoridade e a liberdade, mas uma inteligência de escol, que, durante anos a fio, se aplica desapaixonadamente à investigação da verdade, uma vontade leal, que, a preço de sacrifícios heróicos, eleva toda a vida à altura de suas exigências morais.

* * * *

O último ato deste drama interior é o encontro final da alma com Deus, num amplexo de paz.

¹⁸ Cfr. Thureau-Dangin, *La Renaissance catholique, etc.*, t. I, p. 310.

¹⁹ E. S. Purcell, *Life of Cardinal Manning*, London, Macmillan, 1896, t. I, p. 472.

²⁰ Op. Cit. p. 598

²¹ Cit. por H. Hemmer, *Vie du Cardinal Manning*, Paris, 1893, p. 77

O sacramento da reconciliação, penoso ao nosso orgulho, mas eminentemente pacificador, vem responder às aspirações mais profundas do convertido que deseja aproximar-se de Deus, dar-lhe à justiça infinita uma satisfação de seus extravios e fruir, com a certeza do perdão, o consolo inefável da amizade divina reconquistada. Para a alma religiosa que sente o peso de sua miséria e quer sinceramente voltar à casa paterna, não se descreve a consolação que se experimenta ao ouvir, pronunciado em nome de Deus, o *ego te absolvo a peccatis tuis*. “Se há paz no céu”, escreve Charles de Foucauld, “à vista de um pecador que se converte, houve certamente quando entrei neste confessionário!... Que dia bendito! E desde este dia toda a minha vida tem sido uma cadeia de bênçãos”.²²

“Recebida a absolvição”, diz-nos outro convertido Charles de Bordeu, “- Como Deus deve ser bom! – senti a sua paternidade restituída, a alegria de ter reencontrado no seu povo, uma confiança pacífica. A inteligência tornou-se maravilhosamente lúcida. As dúvidas, as objeções caíram no fundo, já não as remexo. Os esplendores deram sua prova... Temera ficar apertado como Credo... Movo-me nele como no infinito... Quisera conservar livre o meu espírito e o conservo, mais e melhor que outrora, porque aderi à verdade, porque soube querer e obedecer”.²³

Joaquim Nabuco voltou à prática da sua fé, em Londres, no ano de 1892. No dia da confissão, a 28 de maio, nota em seu diário: “No Oratório. Com o Padre Gordon no Confessionário... Levantei-me alegre, contente de mim mesmo, a vida parecendo-me digna de se viver, e o verde da folhagem do Parque radiante de simpatia comigo. A impressão é divina, pode apagar-se (mas está em mim renová-la sempre), mas, enquanto dura, a alma sente-se alada. Foi na capela de mármore perto de Nossa Senhora das Dores, que a coragem me veio de aproximar-me do confessor. Essa Capela é para mim a nova Fonte de lágrimas porque eu tinha rezado para poder chorar”. Poucos meses depois, já no Rio de Janeiro, quis renovar a primeira impressão, voltou ao Confessionário, e, com um pensamento delicado, atribuiu às orações dos escravos a sua purificação consoladora. “Confessei-me hoje”, reza o seu Diário a 22 de dezembro de 1892, “na Matriz de São João Batista com o Padre Macnamara, irlandês, coadjutor da Lagoa... Quem sabe se as orações dos escravos não concorreram... para dar-me a coragem de purificar-me assim? Mesmo quando tinha perdido a fé, eu admirava a grande concepção do Confessionário. O Padre Gordon atribuía à oração dos seus antepassados católicos a sua conversão. Eu quero crer que foram os escravos que ofereceram a Deus por mim algumas de suas amarguras”.²⁴

A confissão não é ainda a união íntima com a divindade, é apenas a purificação interior que a condiciona. Toda a religião é uma orientação da vida em harmonia com uma explicação completa do Universo. O Universo não é compreensível nem pensável senão numa dependência completa e total de Deus. A vida religiosa será, portanto, o reconhecimento desta dependência com todos os corolários que dela derivam e o ato fundamental da religião consistirá no dom completo de si mesmo a Deus, na oblação total da criatura ao Criador. E eis por que a Eucaristia, em que realiza esta oferta, em união com a oferta de Cristo, é o centro da vida cristã.

²² Ch. De Foucauld, *Ecrits spirituels*, p. 82

²³ L. Rouzic, *Le Renouveau catholique*, Paris, 1919, p. 89.

²⁴ Carolina de Nabuco, *Vida de Joaquim Nabuco*, 1928, p. 338.

O verdadeiro encontro, que, no itinerário da alma a Deus, une e sela a reconciliação definitiva é a comunhão eucarística. Só quem passou por esta experiência inefável começa a compreender o mistério de amor infinito que instituiu a presença real do Deus-Redentor no seio da humanidade pecadora. O convertido fica então integrado na vida da Igreja, sente-se membro real da família cristã. Os mistérios da fé, vistos do interior, aparecem-lhe sob outra luz, como os vitrais das nossas igrejas: de fora, não passam de grandes manchas cinzentas, irregulares, recortadas por divisões de chumbos; de dentro transfiguram-se inteiramente, os desenhos ressaltam na harmonia das suas linhas, as tintas iluminam-se na viveza da sua esplêndida policromia. A comunhão, a vida religiosa prática, a experiência viva do cristianismo dissipa as últimas dúvidas, esclarece e conforta.

Joaquim Nabuco, no dia da sua primeira comunhão de convertido, escreve em suas notas íntimas: “Hoje comunguei com o Padre Bos, na capela das Irmãs de Caridade. Pela primeira vez; porque as comunhões do colégio eram em idade em que eu não podia compreender o ato. Graças a Deus, das cinzas da minha fé pude tirar a pequena lâmpada que hoje acendi em honra de Cristo em meu coração e que alumiará a minha forte. Estou grato pelo recolhimento com que recebi o sagrado corpo de Deus e espero que ele se disseminará como alento por todo o meu ser desanimado e como luz pelo abismo que ele trazia dentro de mim. As minhas dúvidas hoje empalideceram todas, fugindo como as corujas do campanário ao raiar do dia”. O trabalho de reconstrução de sua fé prosseguiu serena e intensamente. “Dia a dia, o vergar da minha razão perante a doutrina católica foi-se tornando mais fácil, enquanto o sentimento de minha liberdade se dilatava em vez de se contrair ao encontro da nova disciplina. O ajustamento do meu pensamento individual ao pensamento comum dos católicos se realiza como que por um puro fenômeno de afinidade. Era-me grato trocar as mil perguntas insolúveis, que são a riqueza inútil do cético, pelo simples – *omnia mea mecum porto* do crente”.²⁵

Lacordaire já nos havia descrito como o seu estilo cintilante esta transfiguração interior. “Incrédulo ontem, crente hoje, certo de uma certeza invencível, não era a renúncia de minha razão encadeada de repente numa servidão incompreensível; era, pelo contrário, a dilatação de suas claridades, uma visão de todas as cousas num horizonte mais amplo e numa luz mais penetrante. Não era tampouco o curvar-se subitâneo do caráter sob uma regra estreita e glacial, senão o desenvolvimento de sua energia por uma ação vinda de mais alto que a natureza. Não era enfim a renúncia às alegrias do coração mas a sua plenitude e exaltação. O homem todo ficara; nele só havia a mais Deus que o fizera. Quem não conheceu este momento, não conheceu a vida do homem”.²⁶

A. Von Ruville refazia, pouco depois, as mesmas experiências consoladoras. A comunhão foi para ele uma fonte de revelações inesperadas. “Com exceção das diferenças dogmáticas, eu havia considerado a Santa Comunhão mais ou menos como a ceia protestante... Mas como foi diferente a realidade! A boa vontade de crer, o recolhimento, já se vê, eram necessários. Mas em benefício e em graça recebi muito mais, intimamente mais, do que dava. Da primeira comunhão emanava uma força mística que revolucionava

²⁵ Op. Cit. p. 339.

²⁶ Lacordaire, *Mémoires*, cfr. Chocarne, Le R. P. H. D. Lacordaire, Paris, 1866, t. I, PP. 58-59.

até o íntimo todo o meu ser e elevava minha alma a uma felicidade até então desconhecida e incompreensível”.²⁷

O ilustre professor de história moderna tinha vindo à fé no termo de prolongados estudos. “Quis crer, porque qualquer outra atitude me parecia ilógica... As revelações fundamentais do cristianismo... tornaram-se para mim, verdades incontestáveis”.²⁸ Uma vez no grêmio da Igreja, - coincidência notável – experimenta esta mesma impressão de liberdade intelectual de que há pouco nos falava Nabuco. “Depois de minha conversão ao catolicismo penetrou-me todo o ser um sentimento agradável? “eis-me livre, enfim”, exclamei... Aos olhos de seus adversários, nossa Igreja passa por uma penitenciária, onde os seus membros são submetidos à mais intolerável tirania de consciência, onde a palavra, o pensamento, a inteligência no seu trabalho, qualquer que seja, não se podem mover senão num círculo acanhado. E no entanto o meu sentimento era o verdadeiro; a alegria de me ver livre, longe de diminuir pelo tempo adiante, não fez senão aumentar”.²⁹ Assim é; a verdadeira liberdade não está com os que a cada instante se ufanam de “livres” pensadores, escravos, na realidade, de suas paixões, de seu orgulho, de seus preconceitos, de seus sistemas; a liberdade genuína só se encontra nos que têm a coragem de ver a verdade inteira e realizá-la animosamente: *veritas liberabit vos*.

Mas não é só este sentimento de libertação ou esta consolação religiosa que produz n’alma a volta a Deus. É muito mais profunda a mudança determinada por esta orientação radicalmente nova, impressa à inteligência, à vontade e à ação. A conversão ao cristianismo é acompanhada de uma pacificação interior total, de um repouso inefável de todo o ser na tranquilidade de uma ordem essencial restabelecida. Ouçamos alguns dos depoimentos que, há 20 séculos de cristianismo, se sucedem numa unanimidade impressionadora.

Quem percorre nos princípios da nossa era a literatura pagã, tem a impressão de um cansaço, de um esgotamento senil; achamo-nos realmente em face de um *mundus senescens*. Em contraste com esta decrepitude, ressalta, num relevo fortemente vincado, a juventude d’alma, a alegria, moderada nas suas expressões, mas profunda nas suas raízes, da sociedade regenerada pelo batismo cristão. Os nossos hinos primitivos são cantos de ação de graças, ritmados com hosanas e aleluias. “Meu coração exulta e rejubila; creio, achei o meu repouso, porque é fiel Aquele no qual eu deposei a minha fé... Exultemos na alegria do Senhor”.³⁰

Clemente de Alexandria frisa o contraste em antíteses elegantes: “O quinhão dos gentios é a volúpia; dos hereges, o espírito de contradição; da Igreja, a alegria”.³¹ São Cipriano, advogado e orador, depois bispo e mártir: “Errava às cegas nas trevas da noite, balouçado no mar agitado do mundo... ignorando a minha vida, estranho à verdade e à luz... julgava impossível desembaraçar-me dos vícios de que era escravo, desesperara do melhor, tanto

²⁷ Albert Von Ruville, *Retour à La Sainte Église*, Paris, 1911, p. 42.

²⁸ Op. Cit., p. 11.

²⁹ Op. Cit. p. 157. Todo este capítulo 5 é consagrado a um estudo muito perspicaz sobre a liberdade intelectual na Igreja.

³⁰ *Odes de Salomão, Ode XXVIII*. Estas odes, de origem ainda não bem esclarecida, são cânticos espirituais, cuja composição remonta provavelmente à primeira metade do século II. Todos eles exprimem, sob as mais variadas formas, a grande felicidade de ser cristão.

³¹ *Strom*, VII, 16, 101,3.

me comprazia nos meus males que se me haviam tornado companheiros familiares... Mas a água regeneradora lavou as nódoas de minha vida anterior... uma luz do alto difundiu-se no coração purificado... achei fácil o que antes me parecera difícil, possível o que julgara impossível”.³² E poderíamos escrever um volume sobre tristezas pagãs e alegrias cristãs.

Hoje, no meio do nosso mundo repaganizado, e por isso a ocultar sob as aparências de uma alegria ruidosa a melancolia, o tédio, a tendência para o suicídio, para a destruição do ser, para o nada, a juventude imortal do cristianismo produz nas almas os mesmos efeitos de dilatação, de paz e de plenitude.

Teodoro de La Rive, depois de lutas interiores indizíveis, abjura o calvinismo em que havia mais de três séculos vivia a sua família e volta à Igreja antiga. Pouco depois de abjurar o protestantismo, escrevia: “Os últimos dias que passei em Roma foram de uma alegria e de uma paz perfeitas. Estava maravilhado e feliz de ver que era tão fácil ser católico, e começava a descobrir na prática do catolicismo tesouros de graças e belezas que nunca suspeitara”. “Melhor que nunca compreendia que o catolicismo é a religião natural das almas livres, generosas e fortes”.³³

Outro protestante ilustre que já tivemos ensejo de citar várias vezes, o prof. Von Ruville assim exprime as suas impressões: “Todas estas experiências deliciosas, sobre as quais não me parece deva insistir, convenceram-me não só na inteligência mas ainda no mais íntimo d’alma que, a fim de chegar a possuir a tranqüilidade, a verdadeira felicidade e um juízo seguro em todas as dificuldades da vida, é necessário ter fé nas verdades dogmáticas, que esta fé encerra em si o desejo da perfeição moral e sem ela não é possível chegar a uma verdadeira moralidade”.³⁴

Assistimos, há pouco, as dilacerações profundas que agitaram a grande alma de Newman. O passo decisivo foi dado; o sacrifício, completo. Com a resolução heróica entrou-lhe para sempre a paz no coração. Quase 20 anos depois, ele podia afirmar com verdade: “Desde que me fiz católico tenho vivido numa paz e num contentamento perfeitos... Nunca experimentei uma só dúvida... Era como um viajante que entra no porto depois da tempestade. E o gáudio deste repouso dura até hoje sem interrupção”.³⁵

Sentimentos análogos em Manning. Ao seu companheiro de abjuração, Hope Scott, escrevia a 21 de outubro de 1851, poucos meses depois de convertido: “Que resultado feliz! Como a alma, no paraíso dizia a Dante: e da *martírio venni a questa pace*”.³⁶

“O que até ali não passara de uma conclusão da razão pura”, confessa ainda Manning, “tornou-se de então para cá uma convicção íntima d’alma. Uma concepção da verdade, baseada numa certeza sobrenatural e verdadeiramente divina encheu-me de tal maneira o coração e a alma, que nunca mais, nem por um só instante, se elevou a sombra sequer de uma dúvida no meu espírito e na minha consciência. Admirava-me, pelo contrário, que uma verdade, agora para nós evidente, houvesse podido por tanto tempo escapar ao nosso conhecimento. Tudo o que eu podia dizer resume-se nisto: sei uma cousa, é

³² *Ad Donatum*, 3 sqq.

³³ Theodore de La Rive, *De Genève à Rome*, Paris, 1895, PP. 178-181.

³⁴ Alb. Von Ruville, *Retour à La Sainte Église*, Paris, 1911.

³⁵ Newman, *Apologia pro vita sua*, 5ª. Parte.

³⁶ Rob. Ornsby, *Memoirs of James Robert Hope-Scott*, London, 1884, II, p. 93.

que antes era cego e agora vejo”.³⁷ No ano seguinte ao da sua conversão escrevia ao Times: “Na Igreja católica encontrei tudo o que procurava, e até mais do que eu poderia ter imaginado antes de lhe pertencer”.³⁸

Esta paz inalterável que acompanha a doação completa das grandes almas a Deus foi também o prêmio de Charles de Foucauld: “Vivo numa grande paz interior... sou feliz e nada me falta... sou o mais feliz dos homens”.³⁹

O conde de Schouvaloff chegou também aos cimos luminosos da fé depois de longas e árduas ascensões. Na plena madureza dos anos, voltando um olhar retrospectivo, assim apreciava as peripécias de sua existência agitada: “Tenho 53 anos. Cheguei a este período da vida... em que a realidade aparece enfim em sua nudez, de ordinário tão repugnante e tão triste. Sim, a experiência está feita; para mim a verdade é bela... Subi de verdade em verdade, de claridade em claridade; achei o lugar do meu repouso na vida religiosa, nestes cimos que se elevam acima da região das tempestades... Satisfeito com o presente, esperando mais do futuro, não suspiro pelo passado... Desde o dia da minha conversão, a idéia do infinito, da perfeição de Deus, nunca me abandonou; tornou-se-me a companheira necessária e contínua da existência”. E lembrando-se dos seus caros compatriotas russos, aos quais desejara comunicar a sua ventura, exortava-os nestes termos: “A verdade merece ser conquistada a preço de qualquer sacrifício... rezai pela nossa cara pátria; pedi e recebereis; e na alegria de vossas almas sentireis que só uma convicção verdadeira dá a paz e a serenidade, e que Deus recompensa sempre o sacrifício com a felicidade”.⁴⁰

Na geração dos Retté, dos Huysmans e dos Coppée, e na mais recente dos Péguy, dos Psichari, e dos Joergensen poderiam colher-se a mãos cheias expressões de sentimentos semelhantes. Cada um, segundo o seu temperamento, externa esta satisfação indizível de haver encontrado, por entre as misérias da vida, a luz da fé que salva. Comentam todos a seu modo estas palavras de um deles, J. Maritain: “Oh luz santa, os que vêm a ti do fundo do abismo amam-te porventura com um entusiasmo mais impetuoso que os outros, quando tu te manifestaste; mas a preço de uma intensidade de miséria de que não podem fazer idéia os que tiveram a graça de nascer e crescer na fé”.⁴¹

Todos estes depoimentos convergentes, que se poderiam multiplicar sem grande esforço, são de uma importância psicológica fundamental. Lembramo-nos ainda do ponto de partida de toda a conversão: uma inquietude nascida do desejo de dar à vida um significado, de satisfazer as aspirações profundas do que há, em nós, de mais nobre e elevado. A estes brados da angústia humana, a fé, abraçada e vivida, vem dar a sua resposta tranquilizadora.

Na inteligência, à perplexidade e à dúvida sucede a segurança da certeza. É a entrada no reino luminoso da verdade. O homem mente e vive de mentiras. É a mentira da palavra com que tantas vezes, por vaidade ou

³⁷ Hedley, *Oração fúnebre*, *Tablet*, 1892, I, 124.

³⁸ Madaune, *Histoire de La Renaissance du Catholicisme en Angleterre au XIX siècle*, Paris, 1896, p. 470. E um grande convertido alemão: “Paz completa só se encontra na Igreja Católica. É o que experimento todos os dias”. Langbehn, *Der Geist des Ganzen*, Freib. I, Br, 1930, p. 225.

³⁹ Ch. De Foucauld, *Écrits spirituels*, Paris, 1925, pp. 233-234.

⁴⁰ Schouvaloff, *Ma conversion et ma vocation*, Paris, 1901, PP. 257-258, p. 354.

⁴¹ J. Maritain, *Antimoderne*, *Nouv. Edition*, Paris, 1922, p. 237.

interesse, se disfarça a realidade sob o véu de expressões falazes. É a mentira da vida: afivela-se a máscara de uma personagem e no teatro social se representa um papel que não corresponde à sinceridade do que é. O mundo está cheio destas hipocrisias e deste convencionalismo artificial. É a mentira da consciência pela qual nos escondemos a nós mesmos, as nossas deformidades morais, dissimulamos os nossos defeitos, exageramos as nossas virtudes, “racionalizamos” as intenções torcidas. É principalmente a mentira humana por excelência, o engano fundamental sobre a nossa natureza. Vivemos como se fôramos independentes na nossa essência e atividade. Esquecemo-nos que acima de nós há um Deus, a quem devemos adoração, reconhecimento, obediência e amor. *Eritis sicut dii*. Tentamos viver como se fôramos deuses e caímos abaixo da dignidade de homem. É de todas estas mentiras funestas que nasce o mal-estar profundo de quem está fora da ordem e delas é que começa a libertar-nos a conversão sincera. Com Deus entra n'alma a verdade que irradia a sua luz sobre a consciência e as cousas. A vida aparece-lhe com o seu destino supremo, e este porquê último harmoniza e subordina todas as finalidades secundárias. A razão sabe donde e para onde vai. Esquivar estas questões é indigno de um ser racional; orientar a própria atividade, sem as resolver, impossível. A dor tem a sua explicação e a sua utilidade. O sacrifício, inseparável do dever que condiciona toda a dignidade, encontra, com a sua razão de ser, a força misteriosa que lhe alimenta as energias inesgotáveis. A fé transfigura a visão da existência. Não é ainda a plenitude da luz, mas já é a posse das certezas essenciais, sem cuja claridade o universo é uma contradição, a vida, indigna de ser vivida, e o homem, o mais infeliz dos seres.

Segurança na inteligência; unidade na vida. Foi-se aquela dissipação que angustia e esteriliza. As atividades, antes desagregadas, flutuantes, dispersas, concentram-se e solidificam-se em torno de um ideal definido. “Fui cortado em pedaços, oh meu Deus! No dia em que me separei da vossa unidade para dispersar-me numa multidão de objetos; Vós vos dignastes recolher os pedaços de mim mesmo”.⁴² Das profundezas d'alma emergem novas energias que se ignoravam. A tonalidade geral da vida eleva-se expandindo-se harmoniosamente do sentimento de uma unidade que se reconquistou. A uma existência desorientada e vazia sucede a síntese de todas as atividades polarizadas para Deus; uma fidelidade generosa ao dever substitui-se ao livre borboletear por todos os prazeres lícitos e ilícitos; a caridade, a dedicação, o desinteresse que sabe realizar o dom de si mesmo tomam o lugar do egoísmo que faz gravitar homens e cousas ao redor de uma minúscula individualidade. A consciência de que a vida assim se concentra, se unifica para realizar-se integralmente e expandir-se em toda a sua fecundidade – eis a origem da alegria e da paz dos convertidos.⁴³

A paz é a tranqüilidade da ordem, é o bem inseparável do dinamismo normal das atividades humanas. Cada ato de uma faculdade que atinge normalmente o seu objeto é fonte de gozo; cada dever cumprido traz uma satisfação de consciência. O dever primeiro do homem, o mais importante e

⁴² “*Colligens me a dispersione in qua frustatim discissus sum dum ab uno te aversus, in multa avanui*”. S. Agostinho, Confessiões, 1, II, e. I.

⁴³ William James põe em relevo todos estes efeitos – que ele chama *biológicos* – do sentimento religioso: iluminação interior, satisfação lógica e fecundidade prática. Uma boa parte da sua obra capital, *Varieties of Religious Experience*, é consagrada ao seu estudo.

essencial, é tender sinceramente para o seu fim último – conhecer e amar a Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma. O convertido que conheceu esta verdade capital, que para realizá-la não recuou ante a exigência de nenhum sacrifício, sentirá a mais profunda e indescritível das alegrias que é dado ao homem experimentar na terra. O bem-estar é o prêmio inseparável do bem-pensar e do bem-fazer. Agora, para ele, a vida já não será este tributo forçado pago, em cada instante, à destruição, à morte, ao nada. A história de uma existência humana não se resume na destruição progressiva e definitiva do próprio ser. Deus recolherá o que o tempo dissipa, e dos materiais efêmeros construirá um edifício eterno. Os seus arrependimentos e os seus propósitos, as suas resistências ao mal e os seus esforços para o bem, a multidão infinita dos pequeninos sacrifícios com que assegurou o cumprimento do dever de cada dia,- todas estas parcelas infinitésimas de um imenso trabalho de aperfeiçoamento moral, que os arquivos da nossa memória não guardam com tenacidade completa, o Primeiro Amor conservará com indefectível fidelidade a fim de dar-nos, um dia, para sempre, o nosso ser definitivo, na sua plenitude de realidades que não passam.

Toda esta grandeza do plano divino, digno do homem e inspirado numa Bondade infinita, objeto da nossa fé, entra na alma do convertido como verdade, como esperança, como solução completa do enigma da existência. E a paz que lhe inunda a alma é o fruto espontâneo de uma ordem realizada, de uma vida que se elevou na verdade dos seus destinos.

Destarte, à voz dos crentes, que nunca tiveram a desdita de perder a luz da fé, os que voltaram tarde à casa paterna vêm acrescentar o seu testemunho, comovedor, entusiasta, por vezes trágico, à verdade daquela palavra que há 20 séculos promete e dá o por que mais anelam os homens: a luz da vida e a paz da alma.

Habebit Lumen Vitae!

Invenietis réquiem!

1. Conversões de não-católicos, protestantes ou judeus, que se tornaram santos da Igreja ou morreram em odor de santidade

BEATO CARDEAL JOHN HENRY NEWMAN

O dia 09 de outubro é dedicado ao Beato John Henry Newman. Por ocasião de sua beatificação ficou decidido que este seria o dia de sua festa, data de sua conversão ou batismo na Igreja Católica. Se fosse a data de seu falecimento, comum aos demais santos, seria 11 de agosto. Temos aqui então dois motivos para se festejar um santo: o dia de sua entrada no céu ou de seu ingresso na Igreja. Reservar-se-ia a primeira data para aquele que já nasceu católico, pois sua data de ingresso na Igreja geralmente coincide com a do nascimento ou dela se aproxima. A segunda data, a do ingresso na Santa Igreja através do batismo, se destinaria àqueles que não nasceram católicos, mas se tornaram assim já adultos. É o caso do Cardeal Newman. Nasceu, cresceu e foi educado dentro do mais rigoroso protestantismo. Primeiramente teve educação calvinista, “convertendo-se” depois ao anglicanismo. Foi, então, um clérigo e teólogo anglicano de renome nacional antes de se tornar católico.

Nascido na Cidade de Londres, em 21 de fevereiro de 1801, o mais velho de seis irmãos, três homens e três mulheres; morreu em Edgbaston, Birmingham, em 11 de agosto de 1890. Seu pai foi John Newman, um banqueiro, sua mãe Jemima Fourdrinier, de uma família Huguenote estabelecida em Londres como cinzeladores e fabricantes de papel. Seu irmão Francis William, também escritor, mas carente de elegância literária, separou-se da Igreja Inglesa para aderir ao Deísmo; Charles Robert, o segundo irmão, era bastante errático e professava o ateísmo. Das irmãs pouco se sabe, a não ser Mary que morreu jovem. Foi educado desde sua infância em deleitar-se com a leitura da Bíblia, mas carecia de convicções religiosas formadas até que completou quinze anos. Costumava desejar que os contos das mil e uma noites fossem verdadeiros; sua mente discorria com influências desconhecidas; pensava que a vida era possivelmente um sonho, que ele era um anjo, e que seus amigos anjos o estariam enganando com a aparência de um mundo material.

Aos quinze anos se “converteu” ao anglicanismo, ainda que não praticasse muito os Evangelhos. Tornou-se teólogo. Na companhia de vários líderes religiosos e letrados, ele liderou o Movimento de Oxford (também conhecido como o Movimento Tractarian) para revitalizar a Igreja da Inglaterra através da reforma litúrgica, a solidez doutrinal, e resistência à interferência estatal. De uma convicção formada pela fé e estudos sérios, Newman decidiu se converter ao catolicismo em 1843, sendo batizado, após dois anos de discernimento, em outubro de 1845.

Atraído para a vida e a espiritualidade de São Filipe Néri, Newman fez o seu noviciado com os Oratorianos, em Roma, e foi ordenado sacerdote católico em fevereiro de 1848. Poucos meses depois, retornou para a Inglaterra e fundou o primeiro Oratório em Maryvale. Para se defender de acusações de haver traído o anglicanismo e outras calúnias, produziu dois de seus escritos mais influentes: “Apologia Pro Vita Sua” (1864) e “A gramática do assentimento” (1870). Em reconhecimento à sua contribuição para a revitalização do catolicismo romano no Reino Unido, o Papa Leão XIII o fez Cardeal em 1879. Após sua morte em 1890, Newman recebeu elogios de todos os setores da sociedade britânica. O *Cork Examiner* declarou que “o cardeal Newman vai para a sua sepultura com a singular honra de ser por todos os credos e classes reconhecido como o homem que só se aperfeiçoa.” O Rev. Richard W. Igreja, Deão da Catedral Anglicana de São Paulo, escreveu este obituário para o *The Guardian*: “O cardeal Newman está morto, e nós perdemos nele não só um dos maiores mestres muito do estilo Inglês, não apenas um homem de singular beleza e pureza de caráter, não só um exemplo eminente de santidade pessoal, mas o fundador, podemos quase dizer, da Igreja da Inglaterra como a vemos. O que a Igreja da Inglaterra teria ficado sem o movimento Tractarian podemos adivinhar vagamente, e do movimento Tractarian Newman foi a alma viva e o gênio inspirador. Grande como os seus serviços têm sido a comunhão em que ele morreu, eles não são nada por parte daqueles que prestou à comunhão em que os anos mais agitados da sua vida foram passados. ... Ele vai ser lamentado por muitos no romano Igreja”,

O cardeal John Henry Newman

Aos 11/08/90 ocorreu o primeiro centenário da morte do Cardeal John Henry Newman (1801-1890). Converteu-se do Anglicanismo ao Catolicismo em 1845, após sincera e árdua procura da verdadeira face do Cristianismo. Nem o Protestantismo nem o Catolicismo lhe sorriam, pois aquele lhe parecia ceder ao liberalismo e ao racionalismo, enquanto este era menosprezado na Inglaterra como acervo de superstições romanas. Newman pensou numa Via Média, que seria a vivência da doutrina e da espiritualidade dos Padres da Igreja ou dos grandes escritores e Santos dos primeiros séculos; em consequência, fundou o Movimento de Oxford, onde, com amigos anglicanos, se dedicava ao estudo da literatura e da história da Igreja Antiga.

Ora, precisamente essa pesquisa o levou a ver que não havia senão uma conclusão lógica: o retorno à igreja-Mãe ou à Igreja Católica, confiada por Jesus a Pedro e seus sucessores, os Bispos de Roma: tanto o Arianismo (séc. IV), o Nestorianismo e o Monofisismo (séc. V) quanto o Protestantismo (séc. XVI) eram heresias, que haviam dito “Não” ao berço do Cristianismo. De resto, Deus nunca teria deixado a sua Santa Palavra entregue ao léu ou desprotegida contra as oscilações e o subjetivismo dos homens; se no Catolicismo moderno há algo que não se encontrava na Igreja nascente, trata-se de um desabrochar de semente ou do crescimento homogêneo de um organismo; a Igreja é um

corpo vivo, cuja vitalidade produz sempre novas expressões de si mesma, sem se deteriorar ou sem perder a sua identidade.

Convertido em 1845, Newman levou existência atribulada, pois nem sempre foi compreendido; houve quem o tivesse na conta de elemento perigoso para o Catolicismo na Inglaterra. Como que em desagravo desses mal-entendidos, o Papa Leão XIII em 1879 nomeou Cardeal o Pe. John Henry Newman, o que suscitou os aplausos dos católicos de língua inglesa em geral. – Vítima dos achaques da idade, Newman faleceu santamente, após viver destemidamente o epitáfio que ele mesmo formulou: “Ex umbris et imaginibus in veritatem. – Das sombras e imagens para a verdade”.

É portador de mensagem profunda, a ponto de merecer do Papa João Paulo II uma Carta comemorativa, dirigida ao Arcebispo de Birmingham, Mons. Maurício Couve de Murville, com a data de 18/06/90.

O itinerário de vida e pensamento - Infância e período estudantil

Aos 21/02/1801 nasceu em Londres o menino John Henry Newman. O pai John Newman era banqueiro, pertencente a antiga família inglesa, independente em matéria de religião. A mãe, Jemina Foudrinier, era de origem francesa e de religião calvinista. Os primeiros anos de sua meninice decorreram em ambiente tipicamente inglês, que lhe incutiu desconfiança em relação a tudo o que não fosse autóctone ou insular. Foi batizado na Comunhão Anglicana aos 9 de abril de 1801.

Recebeu de sua mãe uma educação bíblica, que avivou nele o senso religioso e a imagem de um Deus bom, que ele havia de procurar esclarecer durante a vida inteira. Ao mesmo tempo, John Henry, desde menino, mostrou vontade tenaz⁴⁴ e grande amor à verdade. Este resumiria todo o programa de sua vida, pois Newman mandou colocar sobre o seu túmulo o epitáfio: **“Ex umbris et imaginibus in veritatem. – Das sombras e imagens para a verdade”.**

O itinerário para a Verdade, que é Deus, Newman o percorreria em duas etapas ou duas conversões...

A primeira deu-se aos quinze anos de idade. Como todo adolescente, John Henry tornara-se um tanto auto-suficiente, rebelde à autoridade dos pais, crítico em relação à própria religião; a leitura de livros racionalistas deixara-lhe dúvidas na mente. Desejava cultivar os valores éticos, mas desligado da prática religiosa. Em fins de 1816, sob o influxo do pastor calvinista Walter Mayers, experimentou um acontecimento de importância capital, que ele mesmo chamou “Conversão”: os princípios religiosos voltaram a ter significado para ele; Deus deixou de ser uma noção abstrata para tornar-se uma Presença viva, concreta, que lhe pedia fidelidade e amor. Newman desde então procurou responder a Deus, levando uma vida cada vez mais voltada para os valores transcendentais e norteadas pelo programa: Servir a Deus... e servir à custa de qualquer sacrifício, como ele mesmo escreveu:

“A essência da verdadeira conversão consiste na entrega de si; uma entrega sem reservas ou condições. Eis o que não quer admitir a maioria

⁴⁴ Para ilustrar essa qualidade, os biógrafos narram o seguinte episódio: Certa vez, a mãe de John Henry lhe disse: “Vês que não prevaleceste contra mim? Repliquou a criança: “Sim, mas também esforcei-me quanto pude para vencer”.

daqueles que vêm a Deus. Gostariam de salvar-se, mas a seu modo... sob condições, levando consigo o que lhes pertence. Ao contrário, o verdadeiro espírito de fé leva a esquecer de si e olhar para Deus.. (The testimony of conscience. Parochial and plain sermons V, p. 241).

O propósito de entrega a Deus levou John Henry à resolução de abraçar o celibato, para mais livremente servir ao Senhor e aos irmãos. Tal atitude era totalmente estranha aos anglicanos, aos quais podia chegar a parecer uma invenção diabólica e ridícula da Igreja de Roma. Newman foi fiel ao seu propósito com tenacidade inglesa, colhendo daí os frutos de uma vida que se foi desenvolvendo cada vez mais homogeneamente em demanda do Supremo Bem.

Em dezembro de 1816 John Henry foi matriculado no Trinity College de Oxford, Universidade que tinha a divisa: “**Dominus illuminatio mea.** – O Senhor é minha luz”; estes dizeres falavam profundamente ao jovem estudante. Destacou-se entre os colegas, apaixonado por literatura, música e também pela matemática. Aos 21 anos de idade foi feito **Fellow** de Oriel College⁴⁵ em consequência de aprovação em concurso, o que significava grande êxito na carreira universitária; doravante teria independência material, fama, relações brilhantes com os meios intelectuais.

Ordenação anglicana, Liberalismo e Volta às Fontes

Entretanto, John Henry mantinha seu espírito religioso, embora vivesse no mundo dos estudos mais variados (matemática, poesia, geologia, mineralogia, hebraico, história da Igreja...). Pediu a ordenação de ministro anglicano, que ele recebeu aos 13/06/1824, registrando então:

“Acabou-se. Quando as mãos episcopais me foram impostas, estremeceu-me o coração. Tão terríveis são as palavras ‘Para sempre!’” (Autobiografia).

Foi nomeado Coadjutor da paróquia anglicana de São Clemente, que contava dois mil paroquianos, na maioria indigentes. Reconstruiu a igreja; reformou o canto; fundou uma escola gratuita e iniciou sua carreira de pregador, que ele assim entendia:

“O pregador que visa, antes do mais, a consolar, parece desconhecer a finalidade do seu ministério. A santidade é a grande meta. Há de haver luta e trabalho”.

Acontece, porém, que os teólogos de Oriel professavam o protestantismo liberal. Naquela época, o liberalismo equivalia ao cientificismo em matéria de filosofia, ao naturalismo na Moral, ao racionalismo em religião; valorizava a razão, a ponto de negar a Revelação Divina. Em 1879, ao ser recebido no Colégio Cardinalício em Roma, Newman recordava:

“Por trinta, quarenta, cinquenta anos tenho resistido ao espírito do liberalismo na religião. Nunca a Igreja necessitou mais urgentemente de soldados que pugnem contra ele, do que neste momento em que o erro se espalha sobre o mundo todo como um engodo... O liberalismo religioso é a doutrina segundo a qual. . . uma crença é tão boa quanto a outra. Não se coaduna com o reconhecimento de uma religião como verdadeira; ensina até que todas devem ser toleradas, porque são todas apenas uma questão de opinião. A

⁴⁵ Trata-se de uma honraria universitária ainda hoje concedida no Oriel College da Universidade de Oxford

religião revelada não é uma verdade, mas um sentimento, um gosto... Cada indivíduo tem o direito de interpretá-lo como lhe agrada à fantasia”.

Rompendo com o protestantismo liberal, Newman resolveu voltar-se para os Padres da Igreja.⁴⁶ Desde os tempos de escola, lera trechos de S. Atanásio (+ 373), S. Ambrósio (+ 397), S. Agostinho (+ 430) e outros, que muito lhe falaram. Os primeiros séculos tornaram-se-lhe o paradigma ou o ideal do Cristianismo. Quis vivificar sua fé anglicana ao contato dos mensageiros mais próximos de Cristo e dos Apóstolos.

Em dezembro de 1832 partiu Newman para um cruzeiro no mar Mediterrâneo. Observou o catolicismo da ilha de Malta e da Itália, experimentando reações contraditórias: de um lado, estimou profundamente o contato com os santuários de Roma; de outro lado, porém, os preconceitos antipapistas causaram-lhe aversão à Roma católica do século XIX. Na Sicília contraiu uma doença grave, que lhe suscitou uma crise religiosa: teria ofendido a Deus e merecido um castigo? Reagiu a esta indagação, certo de que Deus o amava e lhe reservava ainda anos de vida para trabalhar por sua Causa.

O Movimento de Oxford

Voltando à Inglaterra, Newman decidiu empenhar-se no revigoramento do Anglicanismo, do qual ele se considerava ainda seguidor. Os anglicanos, na Inglaterra, se distribuíam por três correntes:

- a “Baixa Igreja” (**Low Church**), na qual nascera Newman, influenciada pelo calvinismo e o protestantismo mais radical do continente europeu;
- a “Alta Igreja” (**High Church**), mais tradicional e ritualista, ligada à Coroa da Inglaterra, a tal ponto que o monarca e o Parlamento decidiam sobre assuntos religiosos; estava em declínio numérico;
- a “Igreja liberal”, em ascensão numérica, aproximando-se do relativismo e do indiferentismo doutrinários.

Newman percebeu que a corrente influenciada pelo protestantismo europeu, professando o livre exame da Bíblia e forte individualismo, levava à desintegração do Cristianismo e à dissolução do Credo. Quanto à Alta Igreja, dependente como era do poder governamental, corria o risco de ser desviada de seus objetivos propriamente religiosos; além disso, acontecia que os Bispos e ministros anglicanos, satisfeitos com a prosperidade material, tendiam a considerar suas funções como meio de vida e não como missão apostólica.

Por conseguinte, Newman via claramente que era preciso renovar e reformar. Que princípios adotaria neste setor? – Não os do protestantismo clássico nem os da Igreja Católica (que lhe parecia desvirtuada e obscurantista), mas os de uma Via Média, que era a dos Santos Padres dos primeiros séculos; estes haviam sabido guardar a pureza da fé e da Moral do Evangelho, opondo-se tanto às heresias decorrentes do subjetivismo e do liberalismo da época quanto ao poder imperial, que se ingeria indevidamente nos assuntos da Igreja. Assim justificava Newman a sua opção:

“Eu comparava aquele Cristianismo fresco e vigoroso dos primeiros séculos com o Anglicanismo dividido e ameaçado. . . A vitória sobre si mesmos

⁴⁶ *Padres da Igreja são os grandes mestres que contribuíram para a reta formulação das verdades da fé nos tempos das controvérsias teológicas: sua época vai até S. Gregório Magno (+ 604) no Ocidente, e S. João Damasceno (+749) no Oriente.*

que seus ascetas manifestavam, a paciência de seus mártires, a irresistível energia de seus Bispos, o ritmo alegre de seus progressos, me exaltavam e envergonhavam a um tempo. Pensava: Olha este quadro e aquele! Por minha Igreja (anglicana) sentia afeto, mas não ternura; experimentava desalento ante seu futuro, cólera e desprezo diante de sua perplexidade inerte” (**Apologia por Vita Sua**).

No seu empreendimento de retornar às fontes patrísticas para escapar do indiferentismo e do ateísmo práticos, Newman pôde contar com a colaboração de amigos como Keble, Froude, Rose, Perceval, Palmer, Pusey.. . Assim se originou o chamado “Movimento de Oxford”, já que os seus arautos moravam em Oxford junto ao Oriel College. Voltaram-se para três metas principais: 1) a independência da Igreja em relação ao Estado; 2) a luta contra o liberalismo, difundindo a doutrina dos Santos Padres e procurando fundamentar a devoção sobre as grandes verdades da fé; 3) o afervoramento dos clérigos anglicanos e dos leigos, caídos no aburguesamento e no pragmatismo.

Para atingir seus objetivos, Newman resolveu publicar uma série de “Folhetos para o Tempo Presente” (**Tracts for the Present Time**); donde o nome de Tractarianismo dado ao Movimento de Oxford. O primeiro desses folhetos veio a lume aos 19/09/1833 com o título: “Pensamentos sobre os Encargos confiados ao Ministério Sagrado”, obra dirigida aos clérigos anglicanos a fim de lhes avivar a consciência dos valores sagrados, da sucessão apostólica e da ação do Espírito Santo na Igreja.

O Movimento de Oxford revolveu e perturbou profundamente o Anglicanismo; devia levar a uma renovação da teologia, da piedade e da vida sacramental. O reitor do Oriel College, decepcionado pelo desenrolar dos acontecimentos, desentendeu-se com Newman e não lhe confiou mais nenhum aluno. Partidários e adversários concordaram em dizer que nunca se vira, na multissecular Universidade, alguém exercer tamanha influência. Na paróquia da Universidade, da qual era Vigário, Newman pregava todos os domingos à tarde perante professores e alunos apinhados no templo; desta oratória sagrada resultaram dez volumes, de enorme tiragem e muito estimados até nossos dias.

A caminho da segunda conversão

A evolução religiosa de Newman processava-se homogeneamente, mas com lentidão. Dois obstáculos se lhe opunham fortemente:

- os preconceitos anti-romanos, disseminados na Inglaterra. Newman acreditava que o Papa era o Anticristo, e a Igreja Católica a prostituta da Babilônia;

- a sensibilidade, que o ligava à Comunhão Anglicana, na qual fora batizado e na qual tinha sua paróquia e seus amigos.

Doutro lado, o Catolicismo na Inglaterra nada tinha de atraente para os olhos humanos: subsistia num resto de cristãos minguados por três séculos de discriminação e perseguição; eram indivíduos de pouca cultura por lhes ser vedado o acesso às Universidades, geralmente desprezados pelos seus concidadãos como maus patriotas, adeptos de grosseira superstição italiana, de espírito retraído e tacanho. Por conseguinte, voltar-se para o Catolicismo na

Inglaterra seria enorme sacrifício para um cidadão inteligente e cioso da sua identidade britânica.

Nesse impasse, qual seria a força motriz do comportamento de Newman?

– De um lado, a oração e a intimidade com Deus; Newman muito estimava o aforismo: **“Solus cum solo. – A sós com Aquele que é único”**.

– De outro lado, fortalecia-o o amor à Verdade. Desde a sua primeira conversão (quando menino), Newman fizera um pacto tácito com a Verdade, que é Deus; conseqüentemente resolvera nunca fechar os olhos à Verdade, mas segui-la à custa de qualquer sacrifício, em absoluta fidelidade. Eis alguns testemunhos de sua pena:

“Nossa liberdade consiste em sermos cativos da verdade” (Loss and Gain).

“Meu desejo foi ter a Verdade como a amiga mais cara e não ter outro inimigo senão o erro” (The Via Media).

Após abjurar o Anglicanismo, escrevia Newman aos antigos companheiros de estudo:

“Tendes um destino, o destino da Verdade. A Verdade é vossa senhora; e não vós, os senhores da Verdade; deveis ir aonde ela vos leva” (Difficulties of Anglicans I).

No intuito de servir à Verdade, Newman prosseguiu na **Via Media**, ou seja, na escola dos Padres da Igreja e do Cristianismo dos primeiros séculos, estes pareciam-lhe estar isentos tanto das mutilações protestantes quanto das “deteriorações romanas”, Dizia:

“Nós, os filhas da Santa Igreja... temos apenas uma voz, aquela única voz que foi da Igreja desde os primórdios” (Letters II).

Da lição dos Santos Padres aprendia grandes ensinamentos, que contradiziam ao liberalismo racionalista dos “evangélicos”: a necessidade dos dogmas, a visibilidade da Igreja, os sacramentos como canais da graça, a importância da hierarquia eclesiástica.

Em 1841 Newman tentou demonstrar que era possível continuar no Anglicanismo (que amava), adotando teses do Catolicismo ou de Roma: publicou o 90º **Tract**, que versava sobre os 39 Artigos da Fé Anglicana e pretendia evidenciar que tais artigos, em sua redação vaga e flexível, comportavam as verdades professadas por Roma: se algo condenavam, eram mais abusos do que dogmas romanos. Levantou-se então tremenda borrasca: os 42 Bispos anglicanos e a Universidade de Oxford condenaram o folheto revolucionário, que lembrava à Comunhão Anglicana as origens apostólicas do Cristianismo; no seu afã de “descatolicizar” o Anglicanismo, os prelados ingleses ordenaram um Bispo anglicano para Jerusalém, com jurisdição sobre os luteranos.

O progresso dos estudos pôs Newman mais e mais em contato com a história dos dogmas e das heresias, levando-o à convicção de que Roma e Cantuária representavam duas atitudes dos antigos cristãos: Roma, a dos ortodoxos; e Cantuária, a dos hereges. Escreveu:

“Logo descobri que os únicos argumentos que tornavam o anglicanismo defensável, vinham a ser fortaleza para as heresias antigas, e que a justificação dos antigos Concílios se tornava apologia convincente para o Concílio de Trento. Dificílimo provar que eutiquianos e monofisitas fossem hereges, a menos que o fossem também os protestantes e anglicanos; era difícil encontrar

razões contra os Padres de Trento que não valessem contra os Padres de Calcedonia; difícil condenar os Papas do século XVI sem também condenar os do século V. O drama da religião – lutar entre erro e verdade – era sempre um e o mesmo. Os princípios e processos da Igreja de hoje são os da Igreja de então; os princípios e processos dos hereges de então são idênticos aos dos protestantes de hoje. Descobri, quase aterrorizado, a semelhança tremenda... entre os anais mortos do passado e a crônica febril do presente... De que serviria então continuar a controvérsia, defender minha posição, se, afinal, eu apenas forjava argumentos a favor de Ario e Futiques, e me tornava advogado do diabo contra Atanásio, o sofredor, e Leio, o grande? Esteja a minha alma com os Santos! Ousaria levantar a mão contra eles?” (Difficulties of Anglicans).

Separado da comunhão com o corpo da Igreja, o Anglicanismo parecia a Newman uma seita; nacional, bairrista, como o Donatismo na África do século IV. Assim como esses hereges antigos se haviam afastado da comunhão universal dos fiéis para formar conventículos regionais, assim no século XVI os ingleses se haviam separado do orbe católico para fundar sua Igreja, bem inglesa. Daí o dilema: ou os donatistas não eram hereges ou os anglicanos também o eram...

Chegando a tais conclusões, movido pela sinceridade de seus estudos, Newman não podia deixar de se apavorar. Havia de se debater durante cinco anos num conflito interior, preso por laços afetivos ao Anglicanismo de suas origens e, ao mesmo tempo, atraído pela luz da coerência e da lógica para a Igreja-Mãe confiada ao pastoreio do Bispo de Roma. Essa dilaceração haveria de assumir forma mais clara em sua mente, que aos poucos veio a formular o dilema nos seguintes termos: “Ou o Catolicismo romano ou o ateísmo”. Em 1840 escrevia:

“Começo a recear muito que nenhuma corporação religiosa tenha vigor suficiente para vencer a coalisão do mal, afora a Igreja Católica” (Letters II).

E em 1845: *“Desde anos tenho convicção crescente de que não há meio-termo entre o Panteísmo e a Igreja de Roma”.*

A **Via Media** aparecia assim como uma utopia ou algo de impossível.

Auge e desfecho da luta interior

Rejeitado pelo Anglicanismo, mas ainda não filiado à Igreja Católica, Newman deixou a Universidade de Oxford e sua paróquia de St. Mary, retirando-se para Littlemore, subúrbio campestre de Oxford. Acompanhado por alguns amigos, passou a viver uma existência quase monacal em pobreza, oração, penitência e estudo. Chegava assim ao ápice de seu drama interior: duvidava demais do Anglicanismo para nele continuar, mas também duvidava demais do Catolicismo para nele ingressar. Em particular, atormentava-o a diferença entre o Catolicismo moderno e o Cristianismo primitivo: não teria havido “inovações romanas” em matéria de fé? Ou essas aparentes inovações poderiam ser tidas como o desabrochar normal da fé primitiva, devido ao aprofundamento cada vez mais lógico e vivo das verdades reveladas? Haveria hiato e corrupção ou continuidade e desenvolvimento? A verdade à qual se entregara, adolescente, era algo de estagnado e petrificado na letra da Bíblia ou algo de vivo e pujante, que haveria de germinar, crescer e frutificar no seio fecundo da Igreja?

Para responder a tais dúvidas, Newman resolveu continuar a estudar. Desse estudo, feito horas a fio, de pé, resultou a obra **“Essay on the development of Christian Doctrine”** (1845). Este livro genial apresenta a seguinte explanação:

Em vez de procurar o verdadeiro Cristianismo citando textos da Bíblia apenas, interroguemos a história, mestra da verdade. Acompanhemos o desenvolvimento do Cristianismo desde as suas origens. . . Ora, pondera Newman, é evidente que o Cristianismo, desde os seus primórdios até o século XVI (época de Lutero, Calvino, Zvinglio, Knox...) nunca foi protestante; as principais teses do protestantismo – sua noção de fé, de culto espiritual, a negação da eficácia dos sacramentos e da Igreja visível – não se encontram no Cristianismo antigo; tais doutrinas são proposições pretensamente deduzidas da S. Escritura com dezesseis séculos de atraso. Sim; é certo que o Cristianismo primitivo não se pautava pela Bíblia apenas, interpretada ao sabor do livre exame de cada crente, mas o Cristianismo antigo vivia da Palavra de Deus oral e escrita; lia a Bíblia no contexto da pregação dos Apóstolos e dos Bispos sucessores dos Apóstolos. Os Apóstolos eram testemunhas de Cristo; os Bispos de outrora eram testemunhas dos Apóstolos e, mediante eles, de Cristo. Assim, por exemplo, no século II S. Ireneu (+ 202), Bispo de Lião (Gália), afirmava que a doutrina por ele ensinada fora recebida de seu mestre S. Policarpo (+156), Bispo de Esmirna (Ásia Menor), o qual, por sua vez, a recebera de S. João Evangelista, o qual a recebera diretamente do próprio Cristo. Havia uma cadeia de testemunhas que não admitiam interpretações privadas e subjetivas, mas ensinavam autoritativamente e exigiam fidelidade a esse ensinamento. Quando São Paulo, por exemplo, “percorreu a Síria e a Cilícia, confirmando as igrejas e ordenando-lhes que guardassem os preceitos dos Apóstolos e dos presbíteros” (cf. At 15,41; 16,4), está claro que estava tolhendo qualquer iniciativa de livre exame da Bíblia. São palavras de Newman:

“Os protestantes são constrangidos a dizer que a doutrina da Igreja nunca foi pura; nós dizemos que nunca se pôde deturpar. Nós acreditamos que uma promessa divina preserva a Igreja da corrupção doutrinal; eles, ninguém sabe que promessa os anima a demandarem aquela pureza imaginária” (**Essay ...**).

As diferenças (não essenciais) entre o Cristianismo primitivo e o Catolicismo moderno, Newman as justifica mediante as seguintes ponderações:

Cristo não compara seu Reino a um aerólito, caído do céu e imobilizado para sempre em inércia estéril; ele o compara, antes, a realidades dinâmicas: o fermento, que penetra toda a massa (Mt 13,33), o grão de mostarda que se torna uma grande árvore (cf. Mt 13,31), uma semente que, lançada à terra, germina e cresce por si só (cf. Mc 4, 26-29). – Essas parábolas incutem claramente que o desenvolver-se da religião cristã não seria algo de artificial, mas algo derivado da própria índole do Cristianismo, correspondendo à sua necessidade de expansão vital. Tão rica e profunda é a mensagem cristã que só aos poucos puderam os homens penetrar o seu conteúdo, meditando as mesmas verdades sob ângulos diversos para descobrir todas as suas implicações.

A prova mais convincente de que apenas a letra da Bíblia não basta para fundamentar a fé cristã, prende-se à questão: por que consideramos inspirados por Deus os livros da Bíblia? Quem nos garante que tais livros – e somente esses – são a Palavra de Deus inspirada? – A resposta não está na

Bíblia; ela se deriva da autoridade da Igreja, que faz eco à Palavra oral (anterior à Bíblia e intérprete da Bíblia).

Mas quem garante que a autoridade da Igreja é válida ou isenta de erros doutrinários? – Responde Newman: se Deus nos tivesse entregue a sua Revelação sem assegurar a sua transmissão fiel através dos tempos, teria feito obra inútil. Por conseguinte, Ele dotou a sua Igreja de assistência infalível, que permite ao Magistério discriminar, sem erros, se tal ou tal desenvolvimento da mensagem revelada é autêntico ou não. Deixar que cada um interprete a mensagem evangélica segundo o seu bom senso apenas, seria o mesmo que abrir as portas à anarquia doutrinal; supérflua teria sido a própria Revelação Divina. Não existe unidade na doutrina sem um órgão responsável pela verdade. Se o Cristianismo é a mensagem destinada aos homens de todos os tempos e regiões, ele precisa de um magistério isento de erros por assistência divina; sem isto, o subjetivismo deteriora a mensagem, como atesta a história mesma do protestantismo. Escreve Newman:

“A idéia mesma de revelação implica um informante, um guia atual; bem mais, um informante e guia infalível. Dizem-nos que Deus falou. Onde? Num livro? Suspeitamo-lo a provas e sentimos decepção. Desaponta-nos aquele sacratíssimo e beatíssimo dom, não por defeito seu, mas porque o empregam para uma finalidade à qual não foi destinado. A resposta do etíope, quando S. Felipe lhe perguntou se entendia o que lia, é a mesma voz da natureza: como o poderei compreender, se não houver alguém que mo explique? A Igreja desempenha esse ofício; ela faz o que ninguém mais pode fazer, e tal é o segredo do seu poder” (Essay...).

“Se voltassem à terra S. Atanásio ou S. Ambrósio, não há que duvidar a respeito da Igreja que reconheceriam como sua... Encontrar-se-iam mais a gosto junto a um S. Bernardo (+ 1153), a um S. Inácio de Loyola (+ 1556) ou um pároco isolado em seu presbitério, com as irmãs de caridade ou com o povo iletrado diante do altar, do que com os seguidores de qualquer outro Credo. Será mesmo lícito acrescentar que esses dois Santos, que ambos residiram em Tréviris – um como exilado, o outro como embaixador -, se porventura viajassem mais para o Norte e chegassem a uma outra cidade risonha (Oxford) situada entre bosques, prados verdejantes e rios tranquilos, os Santos irmãos haveriam de se desviar de muitas naves majestosas, de claustros solenes e indagariam o caminho da capela onde a Missa é celebrada na ruela populosa de um subúrbio abandonado” (Essay...).

Estas linhas perturbavam e escandalizavam aquela Oxford, tão ciosa de sua religião e de sua Universidade!

Por último, em seu **Essay** Newman considera a questão: como se pode ter certeza de que o desenvolvimento do Cristianismo se deu autenticamente, de modo que podemos encontrar a genuína fé cristã hoje na Igreja confiada a Pedro e seus sucessores?

– Em resposta, Newman retoma princípios já formulados por S. Vicente de Lérins (+449) no seu **Commonitorium**. Indica sete critérios, cuja convergência identifica e evidencia que a Igreja Católica atual é legítima herdeira da Igreja dos primeiros séculos: 1) conservação do mesmo tipo; 2) continuidade de princípios; 3) poder assimilatório, sem perda da identidade original; 4) dedução lógica; 5) antecipação do futuro; 6) conservação do passado; 7) contínuo vigor.

Todos estes critérios podem ser ilustrados pelo que ocorre no corpo humano. Este se desenvolve sem mudar de espécie ou de individualidade. Pequeninos são os membros da criança; maiores, os do adolescente; grandes, os do adulto; todavia são os mesmos membros. Ora a Igreja é semelhante a tal tipo de organismo.

Quando ainda estava a redigir seu **Essay**, Newman recebeu a luz decisiva sobre as questões que abordava, e concluiu que era lógico abraçar o Catolicismo. E decidiu fazê-lo: “A fé não é a conclusão de certas premissas, mas resulta de um ato da vontade, o qual, por sua vez, resulta da convicção de que acreditar é meu dever” (**Carta a Wilberforce**).

Como a recompensar o heroísmo de John Henry Newman, Deus enviou-lhe um santo sacerdote, o Pe. Domenico Barberi, da Congregação Passionista. Tratava-se de um sacerdote que sentia em si o apelo para trabalhar na Inglaterra; após muito esperar, foi enviado para lá pelos Superiores. Na manhã de 8 de outubro de 1845, escrevia Newman a Maria Giberne:

“O Pe. Domenico, Passionista, virá aqui esta noite. Ele não sabe da minha intenção: vem para ver um amigo meu, Dalgairns, que ele recebeu na Igreja há aproximadamente uma semana. Eu lhe pedirei para mim a mesma caridade” (Letters II).

Com efeito; às 11 horas da noite de 8 de outubro de 1845, o Pe. Domenico della Madre di Dio chegava a Littiemore sob chuva torrencial; aproximou-se da lareira para secar as suas vestes. Uma porta abriu-se e o padre viu entrar um homem emagrecido por longos jejuns e difíceis pesquisas, e pálido de emoção. Quarenta e cinco minutos depois, Newman saía do pequeno oratório, onde o Religioso acabara de ouvir a sua confissão. No dia seguinte, com os amigos recém-convertidos (Dalgairns e Saint-John) ou convertidos com ele (Stanton e Bowles), Newman assistiu à S. Missa e recebeu a Primeira Comunhão.

Dava-se assim um acontecimento longamente esperado por uns e deplorado por outros. A Comunhão Anglicana perdia alguém que, mais do que outros, trabalhara para vivificá-la e restaurá-la. A Igreja Católica recebia alguém que, desde muito, a saudava como Mãe, embora repuxado por afetos diversos.

Logo após a sua segunda conversão, Newman rematou brevemente o seu **Essay**, cuja explanação ele não precisara de levar ao fim. Em conclusão, escrevia:

*“E agora, caro leitor, breve é o tempo, longa a eternidade. Não afastes de ti o que aqui encontras; não o consideres apenas como assunto de controvérsia; não comeces a leitura decidido a refutá-lo... ; não te iludas ao imaginar que o que aqui está é fruto de decepção, do enfado, da inquietação, de melindres, da susceptibilidade ou de qualquer outra fraqueza.. Não decidas que a verdade é o que desejas seja verdadeiro. Breve é o tempo, longa a eternidade. **Nunc dimittis servum tuum, Domine, secundum verbum tuum in pace. Quia viderunt oculi moi salutar tuum**”.*⁴⁷

A 19 de novembro de 1845, Newman e amigos foram crismados por Wiseman, futuro Cardeal-arcebispo de Westminster. Newman tomou então o

⁴⁷ Eis a tradução das palavras finais, tiradas de Lc 2, 29s: “Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra. Pois meus olhos viram tua salvação”

nome de Maria como nome de Crisma. As conversões do Anglicanismo ao Catolicismo naquela época eram freqüentes e numerosas.

Seis anos mais tarde, num de seus sermões Newman dava a ver quanta coragem era necessária para tornar-se católico na Inglaterra daquela época:

“A Igreja Católica não mais existia neste país e nem sequer uma simples comunidade católica; apenas alguns sequazes da antiga religião, passando silenciosos e tristes, como recordações do que havia sido. Os católicos romanos eram não já uma seita, nem um corpo, por pequeno fosse ele, a representar a Grande Comunhão estrangeira -, mas um simples punhado de indivíduos, que se poderiam contar como seixos, ou como os destroços de um grande dilúvio; acontecia apenas que conservavam uma crença que outrora fora, na verdade, professada por uma Igreja. Aqui, um pupilo de pobres irlandeses, indo e vindo no tempo da sega, ou uma colônia deles alojada em bairro miserável da grande metrópole. Ali, talvez, uma pessoa adiantada em anos, que se via pelas ruas, grave, solitária, estranha – embora nobre no porte – que diziam ser de boa família e também católica romana. Certa casa antiquada de aparência lúgubre, cercada por altos muros, o portão de ferro, o jardim plantado de teixos – conheciam-na qual moradia de católicos romanos; mas, quem eram eles, que faziam, que se entendia ao qualificá-los de católicos romanos, ninguém sabia dizer – conquanto soasse mal o nome e cheirasse a hipocrisia e superstição. E também quando vagueávamos pela grande cidade, contemplando-a com os olhos curiosos de menino, porventura topávamos hoje com uma capela de Irmãos Moravos ou uma assembléia de Quakers, e amanhã com uma capela de Católicos romanos; mas nela não se colhia informação alguma; apenas círios a arder, meninos vestidos de branco a balançar turíbulos; o que tudo isso significava, só se podia saber pelos volumes de Histórias e de Sermões protestantes; e estes não davam boas referências do catolicismo romano; antes, depunham que outrora havia desfrutado de poder e dele havia abusado... Semelhante a este, era mais ou menos o conhecimento que do cristianismo tinham os pagãos antigos. Perseguiam os fiéis até que sumissem da face da terra, para, ao depois, chamá-los **gens lucifuga**, isto é, povo que fugia da luz do dia. Tais eram os católicos na Inglaterra, encontrados pelos cantos e becos, nos porões e nos sótãos, ou nos ermos campestres, segregados da população entre a qual viviam. Assim lobrigavam-nos, por entre névoas ou ao crepúsculo – como fantasmas adejando daqui e dali – os soberbos protestantes, senhores da terra. Por último, eles tanto se quebrantaram, tão desprezíveis se tornaram, que do próprio desprezo brotou a compaixão; os mais generosos dentre os tiranos entraram a desejar conceder-lhes qualquer favor, convictos de que tais credices eram demasiado absurdas para jamais alastrarem-se novamente, e que os mesmos católicos, uma vez prestigiados civilmente, logo renunciariam a elas e delas se envergonhariam. Assim, por simples compaixão de nós, começavam a aviltar nossa doutrina perante o mundo protestante, a fim de que nossa própria estupidez, ou nossa descrença secreta, fizessem jus à misericórdia”.⁴⁸

⁴⁸ **The Second Spring (Sermons preached on varius occasions) p. 172s.** Nas últimas linhas Newman alude à lei de emancipação política dos católicos, votada pelo Parlamento inglês em 1829 – Segundo julgam os historiadores, os católicos ingleses estavam reduzidos em 1814 a 160.000 apenas

O Mistério da Cruz

Nas suas primeiras semanas de católico, Newman visitou instituições católicas da Inglaterra. Acolheram-no cordialmente, mas infelizmente os católicos da época parecem não ter percebido que Deus os brindava com um dos grandes gênios do século XIX. Newman nem sempre foi bem entendido no seio da própria Igreja Católica; isto tornou doloroso, de novo modo, o resto de sua longa vida. Não lamentou sua conversão ao Catolicismo; ao contrário, recordou-a sempre com muito carinho, mas sofreu incompreensões.

Em 1846 foi enviado a Roma pelo Bispo Mons. Wiseman, com o seu amigo Ambrose Saint-John, a fim de completar a sua formação católica e receber a ordenação de presbítero; esta se deu aos 26/05/1847. O Papa Pio IX estimulou-o a fundar casas da Congregação do Oratório de São Filipe Neri na Inglaterra para permitir aos sacerdotes católicos certa vida comunitária. John Henry Newman executou este desígnio, estabelecendo o Oratório em Maryvale (1848), Birmingham (Alcester Street), Londres e Edgbaston (quartirão de Birmingham), onde ficou até o fim da vida, excetuados os cinco anos (1854-58) que passou em Dublin como Reitor da Universidade Católica.

As suas tarefas acadêmicas e pastorais, como dito, não foram felizes: fundação da Universidade de Dublin, tradução da S. Escritura para o inglês, direção da revista **The Rambler**, fundação do Oratório em Oxford para acolher jovens universitários... Uma corrente de pessoas desconfiadas apresentava Newman como homem perigoso para o Catolicismo na Inglaterra.

Em 1879, porém, os horizontes se clarearam. O Papa Leão XIII, reconhecendo a genialidade e a fidelidade doutrinária do convertido, houve por bem nomear Cardeal o Pe. John Henry Newman. Toda a comunidade de língua inglesa, da Grã-Bretanha até a Austrália, regozijou-se com o fato. Newman não podia deixar de ser admirado por seu destemor, sua coerência de vida e seu zelo pela verdade da fé.

Os últimos anos de sua existência foram marcados pelos achaques da velhice. No dia 9 de agosto de 1890 sofreu uma congestão pulmonar. . . e no dia 11 seguinte expirou serenamente, contando 89 anos e seis meses de idade. Em Londres, o Cardeal Manning, mais que octogenário, renunciara à pregação; não obstante, subiu ao púlpito e proferiu oração fúnebre, que começava, afirmando: “Acabamos de perder a nossa maior testemunha de fé”.

Newman foi sepultado em Birmingham, debaixo de uma lápide que resume seu itinerário espiritual: “**Ex umbris et imaginibus in veritatem**. Das sombras e imagens para a Verdade”. Com efeito, passara do protestantismo ao Catolicismo, e da fé à plenitude da visão da Verdade, que é Deus!

Para terminar, seja citado um episódio do fim da vida de Newman.

Certa vez, a Sra. Jemina, fiel amiga do prelado, foi visitá-lo, acompanhada de um netinho; recomendou à criança que não fizesse perguntas indiscretas ao ancião. Todavia o menino, ao chegar à presença de S. Eminência, mostrou-se curioso; Newman, que se deixava sensibilizar pelas crianças, indagou então do menino o que desejava saber. A criança interrogou então: “Que é maior: um Cardeal ou um Santo?” Ao que respondeu o ancião com sorriso: “Meu filho, um Cardeal é da terra, terrestre; um Santo é do céu, celeste”.

Conclusão

O vulto do Cardeal John Henry Newman, comemorado mais uma vez em 1990, é de grande eloquência também para nossos dias. A propósito escreve o Papa João Paulo II na citada Carta dirigida ao Arcebispo de Birmingham em 18/06/90:

“Espero vivamente que este centenário suscite, no espírito de tantos que aspiram à verdade e à liberdade autêntica, uma renovada consciência das lições que podem ser tiradas da vida e dos escritos desse ilustre inglês, sacerdote e Cardeal. Um homem leal e de sinceridade tão coerente não pode deixar de inspirar e atrair muitos outros para o ideal ao qual ele servia fielmente. Nem todos concordavam com as importantes decisões que ele tomou, ou com os princípios religiosos que ele defendeu, mas todos dão testemunho da influência espiritual que o seu exemplo exercia sobre os outros. Alguns lhe pediam orientação no caminho da santidade, outros se surpreendiam pela força silenciosa de seus hábitos humildes e reservados; outros, enfim, encontravam reconforto e paz no seu modo simples de apresentar a verdade; mas todos ficavam impressionados por sua vida de oração constante e de estudo e por sua familiaridade, na fé, com as coisas do alto (CI 3, 1).

Desde então até nossos dias, Newman permanece, para muitos, como um ponto de referência num mundo perturbado”.

Fonte:

[http://www.fecomvirtudes.com.br/conversoes-o-cardeal-john-henry-newman-](http://www.fecomvirtudes.com.br/conversoes-o-cardeal-john-henry-newman-2/)

[2/](http://www.fecomvirtudes.com.br/conversoes-o-cardeal-john-henry-newman-2/)

EDITH STEIN, JUDIA CONVERTIDA AO CATOLICISMO TORNA-SE SANTA

Vamos aqui relatar o espírito de uma grande santa e doutora da Igreja, que converteu-se do judaísmo ao Catolicismo, ingressou no Carmelo e tornou-se santa da Igreja Católica.

Edith Stein, exemplo de mulher consagrada e futura Doutora da Igreja

Nos séculos anteriores, algumas vozes já haviam se levantado para divulgar a bandeira do que se denominou depois de “feminismo”. Mary Wollstonecraft, por exemplo, foi considerada por alguns historiadores como a primeira feminista por defender pontos de vista sempre com a idéia de igualdade entre homens e mulheres. Algumas suas seguidoras como Lady Wollstonecraft, Mary Farifax Somerville, Lucretia Coffin Mott e Lady Elizabeth Cady Stanton chegaram até a organizar a primeira Convenção pelos Direitos das Mulheres em Nova York. Outras ainda se destacaram, em sua maioria oriundas do protestantismo, como Lucy Stone e Susan Brownell Anthony, pertencentes aos Quakers;

Destacou-se, dentre todas, a escritora socialista francesa George Sand como uma das precursoras do movimento feminista de nossa época. Outras ativistas do século XIX foram as puritanas da seita Quaker, nascidas nos Estados Unidos, Lucretia Coffin Mott e Susan Brownell Anthony, as ativistas Elizabeth Cady Stanton, Lucy Stone (americana), Sophia Jex-Blake (escocesa), todas elas personalidades de destaque no meio da alta sociedade.

Muitos consideram falsa a idéia de que somente em meados do século XX foi que tal movimento tomou corpo e se expandiu por toda a terra com Simone de Beauvoir. No tempo de Edith Stein, início do século XX, a “questão feminista” estava candente e com todo vigor, embora mais especificamente na Europa. Antes de sua conversão, Edith Stein chegou a se inscrever como membro da “Associação Prussiana para Defesa do Direito do Voto da Mulher”, um movimento acusado de ter cunho socialista. Não se ouviu mais falar de que tenha se envolvido nunca mais com tais movimentos, parecendo ter sido este um “pecado de juventude”.

Era uma época em que, principalmente na Alemanha, a mulher não tinha quase nenhuma chance de ensinar nas faculdades. Mas Edith Stein, que considerava o ensino como uma atividade tipicamente feminina, enfrentando o respeito humano e as opiniões contraditórias (não havia mulheres no corpo docente das faculdades alemãs), concorreu a uma vaga na Universidade de Göttingen. Foi recomendada em tom meio irônico por seu orientador no doutorado, o filósofo Husserl, que assim se expressou: “Se a carreira acadêmica fosse aberta às mulheres, então eu recomendaria em primeiríssimo lugar e calorosamente a admissão de sua candidatura”. De nada adiantou indicação de tanto peso, já que Husserl era nada mais nada menos do que um filósofo famoso e respeitado tanto na Alemanha quanto no exterior, e que havia criado a escola da “Fenomenologia”: sua inscrição foi rejeitada em 1919, num rápido processo que decepcionou profundamente Edith Stein. O seu caso nem sequer foi levado à Congregação da Faculdade que ela pleiteava, pois uma

comissão prévia a rejeitava alegando que a ocupação de cátedras por mulheres sempre trazia problemas para a escola.

Nem por isso Santa Edith Stein ficou conformada: recorreu ao ministério competente na Capital, argumentando que o fato de ser mulher não poderia ser um impedimento para o avanço de uma carreira científica. O ministro concordou e mandou uma portaria às universidades, recomendando que o fato de ser mulher não fosse impedimento para o acesso ao ensino superior. Mesmo assim, a Universidade de Göttinger não voltou atrás, perdendo a oportunidade de ter em seu corpo docente uma grande doutora. No entanto, nota-se no episódio a diferença da atitude de Santa Edith Stein com a das mulheres ditas “feministas”: estas provavelmente procurariam provocar um confronto com as autoridades e fariam um discurso inflamado ou até passeata em defesa da igualdade entre homens e mulheres. Embora Edith Stein ainda não fosse católica, estava no entanto possuída de bom espírito. Alguns anos depois, quando já crescia sua fama como conferencista e filósofa renomada, foi indicada para a universidade de Freiburg, mas recusou educadamente o cargo pois pleiteava escolas de níveis melhores

Porta-voz dos legítimos direitos da mulher

O espírito de Santa Edith Stein sempre se revelou como recatado e humilde, até mesmo antes de sua conversão. Conhecia perfeitamente os ditames da moda, porém não gostava de bailes nem de exibicionismos sociais, que na época era coisa comum onde andasse. Até mesmo nas festas estudantis, onde todos são descontraídos, ela sempre se mostrava recolhida. Isto fazia-a estar sempre pensativa e analisando antes de fazer qualquer coisa.

Aos poucos foi amadurecendo no interior dela as definições que precisava para caracterizar o modo de proteger a mulher contra situações de opróbrio e de indignidade. Estudava e vivia quotidianamente situações que a levaram como conceber a melhor forma de encarar o problema do lugar da mulher na sociedade. Havia sido enfermeira e ido para o “front” de batalha na primeira grande guerra; voltando às atividades normais, trabalhou em hospitais de desvalidos, mas sempre com a idéia de dedicar-se com afinco aos estudos. Em 1911, quando iniciara o curso de filosofia na universidade de Breslau, era a única mulher no curso de psicologia. Formou-se em janeiro de 1915, em pleno período de Guerra. Este curso lhe possibilitaria depois uma cadeira de ensino em escola secundária. Alguns anos depois, tornou-se assistente do famoso Husserl, seu orientador na tese de doutorado e para o qual redigiu (como secretária) a principal obra de Husserl sobre a “Fenomenologia”.

No final da década de 20, a doutora Edith Stein já se destacava nos meios intelectuais da Alemanha. Em 1928, a Associação Católica de Professoras da Baviera convida-a para fazer uma conferência. O tema, “O valor genuíno da mulher e seu significado para a vida do povo”, foi mais ou menos o assunto de todas as suas palestras e estudos quando versava sobre o papel da mulher na sociedade. Nos anos seguintes foi convidada para várias conferências e simpósios, sempre tendo como tema a mulher, em Heidelberg, em Freiburg, depois em cidades maiores como Colônia, Zurique, Viena e Praga. O que chamava a atenção sobre ela era exatamente que seu discurso distanciava-se completamente dos ideais “feministas” da esquerda. Um repórter do jornal “Heidelberger Boten” declarou que a palestra de Edith Stein

no movimento católico tornou-se mais convincente porque “não se ateve ao caráter patético do movimento feminista”, formulando seus pensamentos de forma concreta e sem rodeios.

As conferências se sucediam, e a bandeira da defesa da mulher passou para as mãos de uma pessoa que, a estas alturas, já era uma católica fervorosa. O público em geral ficava surpreso, pois muitos esperavam algo diferente: em vez de arroubos retóricos e inflamados em defesa da liberdade da mulher, Edith Stein, com sua simplicidade, modestamente vestida, convidava todos a respeitarem os direitos da mulher sem que fosse necessária a convocação para uma luta de libertação do sexo feminino, como o faziam sempre as feministas de esquerda. Isto lhe acarretou o confronto com várias ativistas da época, as quais condenavam a forma como Santa Edith Stein debatia o assunto, acusando-a de ser uma “patriarcalista” disfarçada.

Não se tratava disto, ela defendia com ardor os verdadeiros direitos da mulher. Ao mesmo tempo que afirmava categoricamente os papéis que cabiam a ambos os sexos, contestava vigorosamente a existência de qualquer igualdade sexual. Numa conferência ela definiu os dois papéis: “A profissão primordial do homem é o domínio sobre a terra. A mulher coloca-se ao seu lado como colaboradora. A profissão primária da mulher é a criação e educação dos descendentes. O homem se encaixa nessa tarefa como seu protetor. Isso significa que os dotes mencionados estão presentes em ambos, embora em diferentes medidas e proporções. Ao homem sobretudo os dotes para a luta, a conquista e domínio: a força física para a tomada de posse externa, a inteligência para penetrar o mundo de forma sagaz, força de vontade e energia para realização criadora. Para a mulher, a capacidade de guardar, proteger e estimular o desenvolvimento daquele que está crescendo e promover o seu desdobramento”. Em síntese: com o homem estaria mais a razão, enquanto que com a mulher o coração.

A par disto, Edith Stein afirmava com destemor os direitos da mulher exatamente numa época e num país onde eles eram menos respeitados, na Alemanha. Segundo críticos dela, uma de suas realizações que deu mais fruto foi exatamente banir a idéia da impossibilidade do ingresso da mulher no chamado “mercado de trabalho”, ou seja, no mundo profissional moderno. Ela afirmava que não há profissão que não possa ser exercida por uma mulher. Ao lado de mostrar de forma convicta a responsabilidade de ambos os sexos na sociedade, estabelece, todavia, a mulher num papel bem específico e mais valorizado.

Em busca do fenômeno da Fé

Embora Edith Stein perseguisse o caminho da ciência, por onde julgava que iria encontrar as soluções cruciais para as questões de seu tempo, no entanto foram as questões de Fé que mais a comoveram e fizeram mudar de vida. Não a fé tida como algo abstrato e vislumbrada apenas na mente e nas cogitações intelectuais, mas a fé vista como o “fenômeno” marcante da vida interior da alma humana. Seus passos em direção da Fé Católica foram dados aos poucos, paulatinamente, mas sempre seguros e cheios daquela certeza que só Deus pode transmitir aos corações.

Aos poucos Deus fazia-a comover-se em direção da verdadeira Fé. Quando trabalhava como enfermeira no hospital militar de epidemias teve o

seu primeiro gesto de comoção interior: ao colocar em ordem alguns pertences de um morto viu cair um pequeno bilhete, no qual havia uma oração pedindo que sua vida fosse conservada. A esposa do moribundo fizera-o carregar consigo sempre aquela oração, que deixou Edith Stein profundamente comovida. Apesar do homem haver morrido, mesmo assim ela viu naquele gesto um sentimento interior de fé robusta. O que ela mesma julgava que não possuía.

A partir daquele momento, Edith Stein passou a estudar o “fenômeno” da fé nas pessoas. Se entrava num templo protestante, nada via ali que fosse uma manifestação de fé autêntica, parecendo-lhe mais uma mistura de política e religião nas pregações, sem que nos ouvintes houvesse uma comoção interior para Deus. Da mesma forma era assim que ela via os cultos da religião de sua família, o judaísmo: não encontrava ali a fé verdadeira. Era deprimente para ela ver quanto formalismo vazio havia naquela religião que lhe ensinaram como verdadeira..

As impressões foram se avolumando no interior de sua alma, sempre levando-a a considerar como o fenômeno mais autêntico da Fé a manifestação de Deus no interior das almas, comum naquelas pessoas que eram autenticamente católicas. Não em todas, é claro, mas naquelas em que a Fé se manifestava mais vivamente. Certo dia, entrou numa igreja católica, em Frankfurt, e vê ali uma senhora rezando. Havia no semblante, no recolhimento interior da mulher, no mais profundo recôndito daquela alma, uma manifestação autêntica de uma comunicação com Deus, uma fé viva. Declarou ela em sua autobiografia: “Entramos na catedral por alguns minutos e, enquanto por lá nos demoramos um pouco em respeitoso silêncio, entrou uma mulher com sua cesta de compras e ajoelhou-se em um banco, para uma breve oração. Isto era para mim algo totalmente novo. Nas sinagogas e nas igrejas protestantes que eu visitara, apenas se ia ao culto. Aqui, porém, vinha alguém diretamente de seus afazeres diários, à igreja quase vazia, como se viesse ter uma conversa confidencial. Nunca mais eu poderia esquecer isto”. Nunca vira antes tal estado de espírito, seja nos protestantes, seja nos judeus, cuja crença em Deus era mero formalismo mecânico, sem vivência interior e, até mesmo, (no caso dos judeus) sem oração interior.

Outras provas de fé ela viria a confirmar e admirar. O filósofo Adolf Reinach, católico que ela dizia ser dotado de grande bondade de coração, faleceu no campo de batalha em 1917. Santa Edith Stein ficou encarregada de organizar o “espólio” filosófico do seu amigo, mas ficou perplexa e angustiada diante da possibilidade de seu reencontro com a viúva de Reinach. Esperava encontrar uma mulher desesperada com o destino do marido, cheia de rancor ou de amarguras. Qual não foi a sua surpresa quando, ao querer consolá-la, viu-a cheia de consolações e de uma vigorosa fé católica. Disse ela depois que este foi o seu primeiro encontro com a Cruz, ali via pela primeira vez a Igreja verdadeira nascida de um Cristo Redentor, representada pela vitória sobre a morte.

A conversa com a viúva dissipou-lhe, inclusive, as trevas de seu ceticismo crônico, oriundo de suas crenças judaicas e do cientificismo moderno. Não chegou a se converter ainda, mas entendeu perfeitamente onde se encontrava a verdadeira fé em Deus. Mais um episódio veio a se somar em seu espírito para confirmar em quais corações ela viria encontrar Deus e sua Igreja.

Acostumada a estudar os fenômenos de uma forma mais metódica e não empírica, foi lendo a autobiografia de Santa Teresa D'Ávila que Edith Stein tomou a resolução de tornar-se católica. Durante uma temporada de férias passada na casa do casal amigo Conrad-Martius, em Bergzabern, pegou por acaso um livro na estante, do qual declarou: "Comecei a ler, fiquei imediatamente fascinada e não parei mais até o fim. Quando fechei o livro, disse para mim mesma: aqui está a verdade!"

Não era, porém, nos livros que ela iria encontrar-se com Deus, mas dentro de si mesma, tomando para tanto a difícil resolução de se dirigir a um sacerdote e solicitar o batismo. Antes, porém, procurou entender os dogmas de sua nova fé, adquirindo um Catecismo da Doutrina Cristã e um Missal, onde estudou com mais detalhe os mistérios da Fé Católica. Depois de ler o Missal, entendendo-o perfeitamente já com a alma cheia de ardente fé, foi assistir a Santa Missa e pediu para ser batizada.

No dia 1º. de janeiro de 1922, Edith Stein recebia o batismo cristão, na igreja matriz de Bergzabern, tendo como madrinha a filósofa sua amiga Hedwig Conrad-Martius. Recebeu o nome cristão de Teresa, acrescido depois de Benedita da Cruz ao entrar no Carmelo.

A Fé buscada pelo intelecto

Quando cursava ainda faculdade, Santa Edith Stein procurou sugestões para o tema de sua formatura e todos a advertiram de que tivesse cuidado com o tema, pois a direção da Escola tinha "preconceitos inquisitoriais" para certos temas. Casualmente veio-lhe às mãos uma obra do filósofo Edmund Husserl, "Investigações Lógicas", notável por sua crítica ao ceticismo tão em moda naquela época. As idéias que predominavam fortemente eram as de Kant, de Auguste Comte, e de dezenas de outros filósofos que colocavam a razão e a ciência como contrários à fé, erigindo como norma suprema a descrença e o ceticismo. Husserl criava um novo método de estudos, denominado por ele mesmo de "fenomenologia", pelo qual as verdades deveriam ser aceitas conforme elas se manifestassem através dos fenômenos de sua existência. Assim, um milagre, por exemplo, seria verdadeiro não porque a razão e a ciência o comprovassem, mas se sua existência fosse constatada através de sua manifestação ou "fenômeno". A Fenomenologia procurava descobrir a essência das coisas pelo reconhecimento interno delas, manifestada pelo fatos externos.

Escreveu ela depois: "Todo trabalho da inteligência tende para a contemplação tranqüila da verdade e parte do conhecimento intuitivo dos princípios". Mas de nada adiantaria contemplar sem mover a vontade na direção daquilo que amamos". Baseada neste princípio, procurou ela estudar com afinho a Fenomenologia, e estudando-a e vivendo-a, conheceu a Fé verdadeira. Fez disto não só seu trabalho da formatura, mas sua forma de vida. Hedwig Conrad, discípula de Husserl e madrinha de batismo de Edith Stein, declarou que a Fenomenologia "pode conduzir absolutamente à Fé", como de fato ocorreu. O próprio Husserl (que também era judeu) chegou a admirar e compreender a Fé católica abraçada por Santa Edith Stein, não o fazendo também ele por causa, segundo disse, de seus compromissos com os judeus seus amigos.

Buscando sempre a lógica em seu procedimento, Santa Edith Stein viu na argumentação de Edmund Husserl o nexo que procurava para sua existência, e aí foi a procura do filósofo para pedir sua ajuda na tese de mestrado. E o professor não só aceitou ser seu orientador, mas pediu que ela mesma se tornasse sua secretária para ajudá-lo a aprofundar mais os estudos da Fenomenologia. As conclusões lhe vieram à mente com a realidade prática dos fenômenos que passou a observar. Sabia ela que a inteligência foi posta por Deus no homem para reconhecer o mundo e a Obra divina, mas este reconhecimento se daria pelos fenômenos universais que os seres manifestariam externamente, sempre conforme a essência de cada um. Sabia também que a luz que penetra na alma vem através do intelecto, e este mesmo elabora deduções lógicas das manifestações divinas na Criação.

O filósofo Husserl logo formou uma escola (a “Escola de Göttingen”) e ao seu lado destacaram-se alguns discípulos, como Adolf Reinach, Hans-Theodor Conrad e sua esposa Hedwig Martius (católicos), ao lado de judeus como Edith Stein, Max Scheler (que também veio a se tornar católico) e o próprio Husserl. Tais discípulos, quando convertidos, tornaram-se grandes luminares da filosofia fenomenológica, sobrepondo-se inclusive ao próprio mestre da escola, o qual não conseguia desvencilhar-se de preconceitos e recalques de sua religião.

A empatia, o caminho afetivo em busca da Fé

Edith Stein estudou uma das formulações da Fenomenologia e o explicitou na forma de sua tese de doutorado, sob o título de “O problema da empatia em seu desenvolvimento histórico e na observação fenomenológica”. Husserl havia se aproximado do tema sem contudo fazer as definições necessárias à elaboração de uma tese de doutorado. Sua discípula, auxiliada embora por seu mestre, que era seu orientador em seu estudo, fez as definições que fizeram da “empatia” um tema atual e exaustivamente estudado pela filosofia moderna.

Estudando a “Fenomenologia”, que, como vimos acima, revela que a ciência não trata apenas daquilo que a razão o comprova, mas do que se manifesta através de seus “fenômenos”, Santa Edith Stein conseguiu destruir todos os argumentos cépticos e ateus dos filósofos racionalistas dos séculos anteriores. Um de tais “fenômenos” seria a percepção interior que cada pessoa tem de seu semelhante, chamada de “empatia”, que pode levar a uma espécie de identificação com o interlocutor.

E o tema tornou-se tão debatido em nosso tempo que em outubro de 1998 foi realizado em Roma um simpósio internacional sobre Santa Teresa Benedita da Cruz, ou Edith Stein, tratando exclusivamente da empatia. Naquele simpósio o teólogo Reihard Körner, OCD, afirma que Santa Edith Stein dissertou sobre a empatia em 1917 e obteve em seu mestrado a nota “suma cum laude” de Doutora em Filosofia na Universidade de Freiburg, na Alemanha.

Os filósofos estudaram o termo “empatia” no decorrer do século XX, o qual serviu de base para estudos de relações humanas nas empresas. Alguns teóricos da administração moderna buscaram na filosofia algo que demovesse funcionários de empresas a melhorar seu desempenho no atendimento da clientela. O termo “empatia” passou, então, a ser estudado e explicitado...

Segundo o sentido mais corrente, “empatia” é um processo pelo qual uma pessoa se coloca no lugar de outra. Assim, quando alguém se aproxima de nós e manifesta seus anseios, devemos nos colocar no seu lugar para entender melhor o que ele deseja. O que significa “se colocar no lugar do outro”? Significa “ficar do lado dele”, passando a ser um como que “parceiro” do outro naquilo que pensa ou deseja? Segundo a concepção relativista seria esta a meta do processo. No entanto, isto já é uma interpretação errada do estudo de Santa Edith Stein, que via na empatia um fenômeno interior não relativista mas coerente com o íntimo de cada pessoa. “Colocar-se no lugar do outro” não significa renunciar a seus princípios religiosos, morais, éticos e sociais, em benefício de uma convivência amena ou de um proveito meramente comercial. Trata-se de uma atitude interior com intuito apenas de compreender o que o interlocutor deseja. Pensando assim, a pessoa colocaria seus sentimentos interiores, diria seu coração, no lugar do interlocutor (apenas interiormente) e em seguida agiria para melhor atender seus anseios, mas sem renunciar a nada do que é próprio.

Aprofundados estudos filosóficos

Santa Edith Stein realizou profundos estudos filosóficos e científicos, publicados a maioria quando ainda vivia. O primeiro e mais debatido foi seu estudo sobre a empatia, acima citado. Estudou a obra de São Tomás de Aquino, tendo traduzido do latim “Quaestiones disputatae de veritate”. Realizou também estudos sobre a filosofia grega e a Escolástica medieval. Publicou um livro sobre “causalidades psíquica” e um outro sobre o poder estatal com o título de “Investigação sobre o Estado”, exatamente numa época em que o Nazismo crescia sob o princípio da soberania absoluta do poder estatal. As idéias expressas nestas obras já são frutos de seus estudos escolásticos e baseiam-se, em sua maioria, na doutrina tomista. Numa época em que se colocava o poder estatal nas alturas, considerando-o superior a tudo, Santa Edith Stein estabelece os limites de tal poder e confronta os princípios da “estatolatria” com o da doutrina católica.

Vítima expiatória e mártir da Fé

Tornando-se Carmelita, Santa Edith Stein seguia o caminho de Santa Teresa d'Ávila e de São João da Cruz, daí ter adotado-os como seu nome cristão. Quando o nazismo tomou o poder na Alemanha e deflagrou a Segunda grande Guerra, a Santa já estava há alguns anos como irmã professa do Carmelo de Colônia. A perseguição aos judeus e católicos era inclemente, e ela era uma vítima duplamente visada pelos perseguidores. Fez de tudo para escapar das mãos de seus verdugos, tentando fugir: primeiramente foi para a Holanda e de lá preparava-se para fugir para a Suíça quando foi capturada, tirada de detrás das grades da reclusão de Echt para o campo de concentração de Auschwitz. Na noite entre 2 e 3 de agosto de 1942, foi levada à força pelos esbirros nazistas, tendo passado antes pelos campos de Arnerfost e Westerbork, situados numa zona completamente desabitada ao norte da Holanda. No dia 9 de agosto foi executada na câmara de gás.

Por três vezes, Santa Edith Stein havia anteriormente se oferecido como vítima expiatória, tanto pelo seu povo judeu quanto pela Europa e pelos

católicos perseguidos. O Papa João Paulo II a proclamou, juntamente com Santa Catarina de Sena e Santa Brígida, como Co-Patrona da Europa.

Fontes consultadas:

- “A Mulher, Sua missão segundo a natureza e a Graça – Edith Stein – Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC), Bauru (SP);
- “A Ciência da Cruz” – Edith Stein – Edições Loyola;
- “Benedicta dela Cruz – Edith Stein, signo de contradición” – Florencio Garcia Muñoz – Editora San Pablo, Madrid.

O JUDEU ALFONSO RATISBONA SE CONVERTE PELA MEDALHA MILAGROSA

Alfonso Ratisbona, aparentado com a famosa e rica família Rothschild, judeu de nascença e de religião, converteu-se ao Catolicismo em 20 janeiro de 1842 quando a Santíssima Virgem lhe apareceu sob a invocação de Nossa Senhora da Graças, ou da Medalha Milagrosa como ficou conhecida.

Ratisbona, além de judeu, era um homem culto e de fino trato, muito bem relacionado com a alta sociedade. Quando esteve em Roma visitou, como simples turista, as ruínas históricas e numerosos monumentos cristãos.

Às véspera de sua parte fez uma visita ao Barão Teodoro de Bussières, irmão de um velho conhecido seu. Para livrar-se do incômodo compromisso, decidiu usar de mera formalidade como um cartão de visitas e poucas palavras. No entanto, o anfitrião, que não entendia bem seu idioma, o porteiro o fez entrar na casa e anunciou sua visita ao patrão.

Apóstolo ardoroso e hábil

Teodoro de Bussières havia sido convertido do protestantismo recentemente e, no ardor da nova Fé, era um apóstolo ardoroso, não deixando portanto escapar a oportunidade de conquistar essa alma pra Deus. Recebeu o visitante com muita cortesia e habilmente conduziu a conversação a fim de fazê-lo discorrer sobre seus passeios pela Cidade Eterna. A certa altura, Ratisbona disse: “Visitando a Igreja de Araceli, no Capitólio, senti uma moção profunda e inexplicável. O guia, dando-se conta de minha perplexidade, perguntou o que ocorria e se por acaso desejava retirar-me”.

Ao ouvir isso os olhos de Bussières brilharam de alegria. Seu interlocutor, percebendo-o, apressou-se em ressaltar que dita emoção nada tinha de cristã. E perante o argumento de que bem poderia ser uma graça de Deus chamando-o à conversão, o israelita, contrariado, pediu-lhe para não insistir mais no assunto porque jamais se tornaria um católico. “Perde você seu tempo. Nasci na religião judia e nele vou morrer!”, afirmou. A conversação caminhava para a discussão. Em certo momento, Bussières teve uma singular idéia, que seguramente muitos chamariam de loucura, ao lhe propor: “Já que você é um espírito tão superior e tão seguro de si mesmo, prometa-me levar em seu pescoço um obséquio que quero lhe oferecer”.

- Vejamos. De que se trata? – perguntou Ratisbona.

- Simplesmente esta medalha – mostrando-lhe a conhecida Medalha Milagrosa.

O judeu reagiu com surpresa e indignação, mas Bussières acrescentou com calculada frieza:

- Segundo sua maneira de pensar, isto pode lhe ser completamente indiferente; e ao aceitar usá-la proporciona-me um grande prazer.

- Está bem... A usarei. Isto me servirá como capítulo pitoresco de minhas anotações e impressões de viagem – acrescentou Alfonso, mofando da fé de seu anfitrião.

Bussières colocou-lhe a medalha e, ato seguinte, lhe propôs algo mais ousado ainda: pediu que rezasse ao menos uma vez ao dia a oração de São Bernardo “Lembraí-Vos, ó piedosíssima Virgem”.

Ratisbona se recusou a rezá-la de forma categórica, considerando demasiado impertinente a proposta. Mas, uma força interior movia Bussièrès em insistir. Mostrando-lhe a oração rogou-lhe que fizesse uma cópia de seu próprio punho e letra, a fim de que cada um deles conservasse um exemplar escrito pelo outro, a maneira de lembrança.

A fim de se livrar de tão importunada insistência, Ratisbona aceitou, dizendo com ironia: “Está bem, vou escrevê-la. Você ficará com minha cópia e eu com a sua”.

O poder da oração

Quando a visita saiu, Bussièrès e sua esposa entreolharam-se em silêncio. Preocupados com as blasfêmias proferidas por Ratisbona ao longo da conversa, pediram perdão a Deus por ele. Essa mesma noite Bussièrès procurou seu antigo amigo, o Conde Augusto de La Ferronays – católico fervoroso e embaixador da França em Roma – para lhe contar o ocorrido e pedir orações pela conversão de Ratisbona.

- Tenha confiança, que se ele rezar o “Lembraí-Vos” a partida está ganha – respondeu La Ferronays, que rezou com empenho pela conversão do jovem israelita; e há indícios de que até tenha oferecido sua vida por essa intenção.

Quando Ratisbona chegou cansado ao hotel, maquinalmente leu e guardou a oração. No dia seguinte descobriu surpreso que a pregação havia tomado conta de seu espírito. Mais tarde escreveu: “Não podia defender-me. Essas palavras voltavam sem cessar, e eu as repetia continuamente”.

Bussièrès foi visitá-lo no hotel. Um profundo impulso interior o mandava seguir o instinto, seguro de que mais cedo ou mais tarde Deus abriria os olhos de Ratisbona. Não o encontrando deixou um convite para voltar à sua casa no outro dia. E o jovem atendeu o convite, mas o previniu:

- Espero que não me venha com aquelas conversações de ontem. Somente vim despedir-me, pois esta noite parto para Nápoles.

- Partir hoje? Jamais! Haverá um pontifical solene na Basílica de São Pedro e você precisa ver o Papa oficiando.

- Que me importa o Papa? Partirei – replicou Ratisbona.

Bussièrès, porém, insistiu e prometeu levá-lo a outros lugares pitorescos de Roma, terminando por convencê-lo a atrasar a partida.

E assim foi que estiveram visitando palácios, igrejas e obras de arte. Mesmo que a conversação entre ambos fosse de coisas triviais, o incansável apóstolo tinha plena convicção de Ratisbona se tornaria católico, ainda que tivesse de descer um anjo do céu para iluminá-lo. Essa noite faleceu inesperadamente o Conde de La Ferronays e Bussièrès teve motivos para marcar novo encontro com Ratisbona para a manhã seguinte defronte à Igreja de Sant’Andrea delle Fratte. Quando chegou comunicou-lhe a morte do Conde e lhe pediu que o aguardasse alguns minutos dentro da igreja, enquanto ele ia para a sacristia providenciar alguns detalhes relativos às exéquias. O jovem hebreu permaneceu de pé no templo, olhando impávido em torno de si, sem prestar atenção. Não podia passar para a outra nave por causa das cordas e arranjos florais que obstruíam o corredor. Bussièrès regressou pouco depois, e de início não conseguia localizar onde estava seu amigo. Observando melhor, o encontra ajoelhado frente ao altar de São Miguel, bastante distante do local

onde o havia deixado. Aproximou-se e o tocou várias vezes sem conseguir que reagisse. Finalmente, o jovem voltou-se para ele com o rosto banhado em lágrimas e as mãos postas, dizendo: “Oh! Quanto rezou este senhor (La Ferronays) por mim!”

“Eu a vi! Eu a vi!”

Estupefato, Bussières sentinha a emoção de quem presencia um milagre. Levantou solicitamente a Ratisbona, perguntando o que se passara e aonde queria ir. “Leve-me onde quiser; logo que o vi, eu obedeco” – foi a resposta.

Ainda que instado a se explicar melhor, Ratisbona não conseguia fazê-lo. Porém, tirou do pescoço a Medalha Milagrosa e a beijou várias vezes. Tão somente pôde exclaimar: “Ah, como sou feliz! Como Deus é bom! Quanta plenitude de graças e de bondade!” Com uma olhada radiante de felicidade abraçou seu amigo e lhe pediu que trouxe até ele o quanto antes um Confessor; perguntou também quando poderia receber o Batismo, sem o qual, dizia, já não conseguiria viver. Acrescentou que não diria mais nada sem a autorização de um sacerdote, pois “o que tenho que dizer somente posso fazê-lo de joelhos”.

Bussières o conduziu imediatamente à igreja dos jesuítas, onde o Padre Villefort o induziu a contar o ocorrido. Ratisbona tirou a Medalha Milagrosa, a beijou mostrando-a e dizendo emocionado: “Eu a vi! A vi!”

Em seguida, mais tranquilo, contou: “Estava há pouco tempo na igreja quando, de repente, me senti dominado por uma emoção inexplicável. Levantei os olhos. Todo o edifício havia desaparecido de minha vista. Somente uma capela lateral havia, por assim dizer, concentrado a luz. E no meio desse esplendor apareceu de pé sobre o altar, grandiosa, cheia de majestade e doçura, a Virgem Maria tal como está nesta medalha. Uma força irresistível me levou para Ela. A Virgem me fez um sinal com a mão para que me ajoelhasse, e pareceu dizer-me:

“Está bem!” Não me falou, porém o compreendi tudo”.

O sacerdote pediu mais detalhes ao feliz convertido, que acrescentou haver visto a Rainha dos Céus em todo o esplendor de sua beleza imaculada, mas sem poder contemplar diretamente seu rosto. Três vezes tentou levantar a vista, mas seus olhos somente chegaram a pousar em suas mãos virginais, das quais brotavam raios luminosos em sua direção. Era dia 20 de janeiro de 1842. .

Batizado com o nome de Alfonso Maria, o jovem Ratisbona renunciou à família, à fortuna, à brilhante posição social e se ordenou sacerdote. Faleceu em odor de santidade após uma vida de intenso apostolado para a conversão dos judeus.

Quem visita a igreja de Sant’Andrea delle Fratte pode observar, na capela da Virgem, um quadro grande e formoso de Nossa Senhora das Graças no lugar exato onde Ela apareceu e produziu tão estupenda conversão. Nele há uma inscrição com os seguintes dizeres:

“A 20 de janeiro de 1842, Alfonso Ratisbona de Estrasburgo, veio aqui judeu empedernido. A Virgem se lhe apareceu como a vês. Caiu judeu e se levantou cristão. Estrangeiro, leva contigo esta preciosa lembrança da misericórdia de Deus e da Santíssima Virgem”.

A CONVERSÃO CONTADA PELO PRÓPRIO RATISBONA

A 20 de janeiro de 1842, na paróquia romana de San Andrés “delle Fratte”, dirigida pelos Padres Mínimos, o israelita de 27 anos, Alfonso de Ratisbona, natural de Estrasburgo⁴⁹, se converteu ao Catolicismo instantaneamente, iluminado pela graça, ao receber uma aparição da Imaculada tal como aparece em sua imagem na Medalha Milagrosa. O que sucedeu naquela hora de graça, o descreve o mesmo Ratisbona em algumas cartas e na declaração jurada no vicariato de Roma, para certificar a veracidade do acontecimento. Alfonso Ratisbona foi batizado e recebido na Igreja Católica pelo Cardeal Patrizi, a 31 de janeiro de 1842. Foi ordenado sacerdote em 1847.

Publicamos a seguir um resumo da carta autobiográfica onde Alfonso narra a viagem que o levou a Roma e como foi sua experiência interior.

*“Comecei os estudos no **Colégio Real de Estrasburgo**, onde progredi mais na corrupção do coração do que na cultura. Era aproximadamente pelo ano de 1825 (nasci a 1 de maio de 1814). Então meu irmão, Teodoro, no qual tinha muitas esperanças, declarou-se cristão; e pouco depois, apesar da desolação causada, foi mais longe: foi ordenado sacerdote e exerceu seu ministério na mesma cidade, ante o olhar inconsolado da família.*

Eu era jovem; essa conduta de meu irmão desgostou-me e comecei a odiar seu hábito e sua pessoa. A conversão de meu irmão, que considerava como uma inexplicável loucura, me fez acreditar no fanatismo dos católicos e lhes tive horror.

Eu então era dono de meu patrimônio porque havia perdido de pequeno a minha mãe a seguir meu pai, porém havia ficado com um tio muito ilustre, o qual, não tendo filhos, deu todo seu carinho aos filhos do seu irmão. Este tio fez com que me apegasse às finanças bancárias, das quais ele era chefe. Estudei direito em Paris e logo fui chamado a Estrasburgo por meu tio, que fez tudo o que pôde para que permanecesse com ele. Não sabia contar quantos eram seus regalos: cavalos, coches, viagens; havia me cumulado de generosidade e não me negava nenhum capricho. A estas provas de afeto acrescentou um sinal muito positivo de sua confiança: me deu parte em seus bens e me prometeu ademais os benefícios como sócio... promessa que cumpriu a 1 de janeiro de 1842, enquanto me encontrava em Roma.

Somente numa coisa meu tio me reprovava: “Te agradam demasiado os Campos Elíseos”. Eu não pensava mais do que nos prazeres. Não sonhava mais do que nas festas e diversões, e por elas me deixava levar com paixão.

Era hebreu de nome somente, pois não acreditava nem sequer em Deus. Não havia aberto jamais um livro de religião, e na casa de meu tio, como na de meus irmãos e irmãs, não se praticava a mínima prescrição do judaísmo.

Um vazio existia em meu coração e nada me fazia feliz. Tinha uma sobrinha, filha de meu irmão maior, que me havia sido prometida desde quando éramos meninos os dois. Ela se deslizava graciosa ante meus olhos e nela via todo meu futuro e toda a esperança de felicidade que me estava reservada. Seria difícil se imaginar uma jovem mais doce, mais amável e mais graciosa.

⁴⁹ Estrasburgo é uma cidade situada no leste da França, na margem esquerda do Rio Reno. É a capital da região administrativa da Alsácia e do département do Bas-Rhin.

Odiava somente a um de minha família: a meu irmão Teodoro. Sem embargo, ele me amava, mas seu hábito me repelia, sua presença me enjoava, sua palavra, grave e séria, excitava minha cólera.

Olhar a minha noiva despertava em mim não sei quê sentimento de dignidade humana; começava a acreditar na imortalidade da alma; mais ainda, me pus instintivamente a rezar a Deus, dava-lhe graças por minha boa sorte e todavia não era feliz.

Considerada a curta idade de minha noiva se acreditou conveniente atrasar o matrimônio. Ela tinha 16 anos. Eu devia fazer uma viagem de férias a espera do casamento. Não sabia onde ir. Minha irmã, que estava em Paris, me queria com ela. Um amigo muito querido me convidava para a Espanha. Por fim, agradou-me a idéia de ir a Nápoles e passar o inverno em Malta para tonificar minha delicada saúde. Permaneci um mês em Nápoles, visitando e anotando tudo; sobretudo escrevi contra a religião e os sacerdotes que naquela cidade me pareciam fora de seu lugar. Oh! Quantas blasfêmias em meu diário! Se falo delas é para dar a conhecer a perfídia de minha alma. Escrevi para Estrasburgo que no Vesúvio havia bebido o licor Lacryma Christi à saúde do reverendo Ratisbona, e que essas lágrimas me agradavam. Educado entre jovens cristãos indiferentes, eu não havia sentido até então nem simpatia nem antipatia pelo cristianismo, porem, para Roma não!

A ROMA NÃO!

Não tinha nenhum desejo de ir a Roma. Minha noiva desejava que eu fosse diretamente a Malta e me enviou uma prescrição de meu médico recomendando passar ali o inverno, me proibindo em absoluto ir a Roma pela malária que ali reinava.

Como cheguei a Roma? Não posso dizê-lo, não posso explicá-lo. Creio que me equivoquei, pois no lugar de dirigir-me à sala das saídas para Palermo, para onde queria ir, encontrei-me nos escritórios de diligências para Roma. Deixei Nápoles a 5 de janeiro e cheguei a Roma no dia 6, dia dos Reis Magos. Disse que estaria de volta a 20 de janeiro para ir a Malta.

Ao primeiro impacto, Roma não me causou a impressão que esperava. Tinha poucos dias para esta excursão improvisada, pelo que me apressava em devorar do modo que fosse as ruínas antigas e modernas que a cidade oferece à avidez do turista. A 8 de janeiro, enquanto caminhava pela cidade, ouvi que me chamavam: era Gustavo de Bussières, amigo de infância. Alegrou-me aquele encontro pois me pesava a solidão. Fomos comer na casa de seu pai. Quando eu entrava na casa, saía o senhor Teodoro de Bussières, primogênito desta distinta família. Eu sabia que era amigo de meu irmão e que havia abandonado o protestantismo para converter-se ao catolicismo. Isto era suficiente para inspirar-me uma profunda antipatia. Porém, havendo se revelado por suas viagens ao Oriente e à Sicília, pareceu-me conveniente, antes de viajar, pedir-lhe alguma sugestão. Seja por isso ou por mera educação, lhe expressei minha intenção de conversar com ele.

Continuava percorrendo Roma todo dia, exceto duas horas pela manhã que passava com Gustavo. Tentou persuadir-me junto com outros dois amigos a que passasse o carnaval em Roma. Porém sua insistência foi inútil. Tinha que fazer as visitas de despedida, e a do barão de Bussières a recordava sempre como um maldito dever que me havia imposto. O senhor Teodoro de

Bussuères me falava das grandezas do catolicismo, e eu respondia com ironia e com as acusações que havia lido ou escutado com frequência.

“De toda forma, me disse o senhor de Bussières, já que você detesta a superstição e professa doutrinas muito liberais, já que tem um espírito valente e muito ilustrado, teria o valor de submeter-me a uma prova inocente”?

- Que prova?

– Seria esta levar consigo um objeto que lhe quero presentear. Eis aqui! É uma medalha da Santíssima Virgem. Lhe parecerá ridículo não é verdade? ...No entanto, eu dou um grande valor a esta medalha”.

Confesso que a proposta me surpreendeu por sua pueril originalidade. Não esperava esta ocorrência. A primeira reação foi de rir-me, encolhendo-me os ombros. E aceitei tomar a medida como prova do relato que contaria à minha noiva. Dito e feito. Pus a medalha ao pescoço e explodi de rir: “Rá, rá! Já sou católico, apostólico e romano!” Era o demônio que profetizava por minha boca.

O “LEMBRAI-VOS”

“Agora, disse-me, é necessário completar a prova. Trata-se de rezar pelas manhãs e pelas tardes o “Lembrai-vos”, oração muito breve e muito eficaz que São Bernardo dirigia à Virgem Maria”. “Em que consiste esse Lembrai-vos?” Exclamei: “Deixemos essas tolices!” Porque naquele momento senti que revolvía toda minha animosidade. Roguei ao senhor de Bussières que se detivesse ali, e esquivando-se dele me queixava de não ter também uma oração hebreia para dar-lhe, pois não sabia nenhuma. Porém meu interlocutor insistia, e dizia que recusando recitar esta breve oração tornava inútil a prova e com isso mostrava a obstinação voluntária de que se acusa aos hebreus.

Não quis dar muita importância à coisa, e disse: “Está bem! Prometo recitar esta oração, pois mesmo que não me beneficie, acredito que tampouco me prejudicará!”. O senhor de Bussières foi buscá-la, e me convidou a copiá-la. Concordei, “com a condição – respondi – que fique você com minha cópia e eu com a original”. Minha intenção era enriquecer meus apontamentos com um elemento comprovativo.

Nos separamos e fui ao teatro, onde me esqueci da medalha e do “Lembrai-vos”. Ao voltar para casa encontrei um cartão de visitas do senhor de Bussières onde me dizia que tinha lhe devolver seu “Lembrai-vos” antes de partir. No dia seguinte fiz minhas malas e me pus a copiar a oração: “Lembrai-vos, ó piíssima Virgem Maria, que jamais se ouviu dizer que nenhum dos que têm procurado a vossa proteção, implorando vossa assistência e reclamando vosso socorro, fosse por Vós desamparado. Animado com esta confiança, a Vós recorro, ó Virgem, Mãe das virgens; e ainda que gemendo sob o peso de meus pecados me atrevo a comparecer ante vossa presença soberana. Não desprezeis, ó Mãe de Deus, minhas humildes súplicas; antes, pelo contrário, inclinai vossos ouvidos e dignai-vos aceitá-las favoravelmente”. Havia copiado mecanicamente estas palavras quase sem nenhuma atenção. Era tarde e estava cansado.

No dia seguinte, 16 de janeiro, fiz selar meu passaporte e providenciei as moralidades da volta; porém durante o caminho repetia sem cessar as palavras do “Lembrai-vos”. Pois, de que modo, Deus meu, estas palavras se haviam gravado tão viva e profundamente em meu espírito! Não podia

desentender-me delas; vinham-me constantemente à memória, as repetia continuamente, como certas melodias musicais que te perseguem sem desejá-lo. Às onze fui visitar o senhor de Bussières para lhe devolver sua misteriosa oração. Falei-lhe de minha viagem. Ele exclamou de improviso: “É raro que você deixe Roma num momento em que todos vêm para assistir às celebrações de São Pedro”. Respondi que havia reservado e pago o bilhete. Sem embargo, não sei por que motivo, decidi prolongar minha estadia em Roma. Atendi à insistência de um homem que apenas conhecia e que houvera rechaçado e meus amigos mais íntimos.

Em que consistia, meu Deus, esse impulso irresistível que me obrigava a fazer o que não queria? Oh, Divina Providência! Fiz vários passeios com o senhor de Bussières. Se falava do que o impressionava a nossos olhos: um monumento, uma pintura, etc. Misturavam-se temas religiosos que o senhor de Bussières introduzia com muita naturalidade. Eu pensei que si algo podia afastar um homem da religião, era a mesma insistência que se punha para convertê-lo. Por meu caráter jovial, ria das coisas mais sérias e unia às tiradas de minhas piadas o fogo infernal das blasfêmias. O senhor de Bussières permanecia tranquilo e tolerante. Uma vez chegou a dizer-me: “Apesar de seu comportamento, estou convencido de que um dia você será cristão. Há em você um fundo de honestidade que me assegura e convence de que um dia será iluminado, mesmo que para isso o Senhor tenha que enviar um anjo do céu”. “Em boa hora – respondi – porque de outra maneira seria difícil”.

Na quarta-feira, 19, encontrei novamente o senhor de Bussières. Parecia triste e abatido. Eu devia partir dia 22 para Nápoles, pois pela segunda vez havia reservado o bilhete. Entretanto, ruminava a invocação de São Bernardo constantemente e com rara impaciência. Porém a meia noite, entre 19 e 20 de janeiro, despertei-me sobressaltado. Via fixa diante de mim uma grande cruz negra, de tamanho particular e sem o Cristo. Esforcei-me por afastar esta imagem, porém não podia evitá-lo. Para qualquer lado que me voltasse sempre a tinha na frente.

20 DE JANEIRO DE 1842!

Depois de haver desjejuado no hotel fui ver a meu amigo Gustavo, o pietista, que havia regressado da caça. Nos separamos pelas onze. Entrei num café da Praça de Espanha para dar uma repassada nos periódicos. Se me aproximou Alfredo de Lotzbeck, que era protestante. Falamos de caça, de prazeres, das festas de carnaval. Saindo do café me encontrei com a carruagem de Teodoro de Bussières. Parou e me convidou a subir nela para um passeio. Paramos alguns minutos na igreja de S. Andrés “delle Fratte”. Me propôs esperar na carruagem, mas preferi descer e ver a igreja. Estavam fazendo os preparativos de um funeral e me informei do nome do defunto. Bussières respondeu: “Era um de meus amigos, o Conde Laferronnays; sua morte inesperada – acrescentou – é o motivo da tristeza que tens notado em mim estes dias”.

A igreja de S. Andrés é pequena, pobre e deserta. Creio que fiquei quase só. Caminhava mecanicamente, olhando ao meu redor sem pensar em nada. Só me recordo de um cão negro que brincava perante eu. Em seguida este cachorro desapareceu, toda a igreja também desapareceu, já não via nada mais, ou melhor, Oh meu Deus! Vi uma coisa só! Como poderia falar

disso? Oh, não! A palavra humana não pode expressar o inefável. Toda descrição, por mais sublime que seja, não seria senão uma profanação da inefável verdade. Estava ali, ajoelhado, chorando, com o coração fora de mim, quando o senhor Bussièrès me chamou de novo à vida. Não podia responder a suas perguntas. Porém tomei a medalha que havia posto sobre meu peito e beijei com grande afeto a imagem da Virgem deslumbrante de graça. Oh, era Ela!

Eu não sabia onde estava. Não sabia se era Alfonso ou outro. Experimentava uma mudança tão grande que me acreditava ser outra pessoa. Uma imensa alegria enchia toda minha alma. Não podia falar. Não quis revelar nada. Sentia dentro de mim algo grandioso e sagrado que me fez chamar a um sacerdote. Fui até ele. E somente depois de me haver expressamente ordenado falei como pude do acontecido com o coração tremendo.

“Vi como um véu diante de mim – declarou Alfonso no processo. – A igreja me parecia toda escura, exceto a capela, como se toda a luz da igreja se houvesse concentrado nela. Voltei os olhos para a capela radiante de tanta luz e vi sobre o altar da mesma, de pé, viva, grande, majestosa, belíssima e misericordiosa à Santíssima Virgem Maria, semelhante no gesto e na forma à imagem que se vê na Medalha Milagrosa da Imaculada. Me fez sinal com a mão para que me ajoelhasse. Uma força irresistível me empurrava para Ela e parecia dizer-me: Basta já! Não o disse, porém o entendi. Ante esta visão, caí de joelhos no lugar onde me encontrava; tratei de levantar várias vezes os olhos para a Santíssima Virgem, porém o respeito e o esplendor me o faziam baixar, ainda que sem impedir a evidência daquela aparição. Fixando-me em suas mãos, vi a expressão do perdão e a misericórdia. Em presença da Virgem, apesar de que Ela não me dizia uma palavra, compreendi o horror do estado em que me encontrava, a deformidade do pecado, a beleza da religião católica, numa palavra: compreendi tudo”.

Eu saía de uma tumba, de um abismo de trevas, e estava vivo, perfeitamente vivo, e chorava! Via no fundo do abismo as enormes misérias das que havia sido arrancado por uma infinita misericórdia

(Texto traduzido de: <https://www.hogardelamadre.org/es/revista-hm/numeros.../140-ratisbona>)

A CONVERSÃO DOS IRMÃOS LEHMANN

Joseph e Augustin Lehmann eram judeus Aschkenazitas, irmãos gêmeos órfãos em tenra idade, e criados por seus tios e tias em uma abastada, aristocrática família judia em Lyon, França. Estes, por sua própria iniciativa e sem o conhecimento dos seus familiares, foram batizados na fé católica com a idade de dezoito anos; quando a família descobriu tentou fazer os meninos abjurar; e quando isso falhou, vários dos seus tios atacaram-nos violentamente. Ao ponto de morte, um dos rapazes foi capaz de lutar pela liberdade o tempo suficiente para chegar ajuda, e eles foram resgatados pela polícia. O incidente, ocorrido, como o fez em uma das primeiras famílias da cidade, causou um grande escândalo, a família tentou justificar o seu comportamento, acusando que os meninos haviam sido ludibriados pelo padre que os batizou. Para defender o padre os rapazes enviaram a seguinte carta ao jornal local:

Prezado Editor, domingo, 17 de setembro de 1854

Vemo-nos na necessidade de quebrar um silêncio que tínhamos determinado a manter. Os jornais têm falado bastante sobre o lamentável incidente que nos trouxe à atenção do público. Se estamos sozinhos estavam a ser acusado, a condenação que foi colocada na nossa conversão seria de pouca preocupação para nós, a nossa consciência pertence a nós sozinhos, e reconhecemos ninguém mais o direito a ela. Mas, como algumas pessoas estão circulando maliciosas insinuações com relação ao clero, tornou-se o nosso dever de revelar a verdade e ilumine os pareceres de razoáveis homens.

Em nossa conversão, tudo tem sido o trabalho de Deus. Desde nossa infância, ao vermos os católicos em seus serviços ficamos muito impressionados, a tal ponto que sentimos pesar pelo fato de que não nascemos cristãos. Quando começamos a freqüentar a escola, este pesar se tornou mais agudo; vimos, por um lado, alguns judeus, e por outro lado, um grande número de crianças cristãs. Essa diferença atinge-nos. Quando fomos à missa e ouvimos as canções acompanhadas pelo órgão, aquilo nos moveu a uma escolha perante o que havia em nossa aula de um inútil ritual.

Mas o que abalou-nos ainda mais foi o amor e a devoção dos sacerdotes e religiosos que se dedicavam ao serviço dos doentes, uma devoção que, em comparação com a frieza e indiferença dos outros, que nos rodeavam. Além disso, um de nós caiu gravemente doente. Fomos aprender mais e mais com o catolicismo. No entanto, nós não ousávamos abordar a questão; queríamos estudar mais. O mais avançado que no nosso estudo, o mais acentuadamente vimos a falsa posição. Estamos abertos aos fatos, e não pudemos evitar tornar-se consciente da situação atual do povo judeu, em comparação com o seu passado.

Mais e mais dificuldades, que o nosso Rabino nunca poderia resolver, empilhadas nas nossas cabeças. O estudo dos clássicos de Bossuet, de Fenelon, de Massillon, foi capaz de preparar os nossos corações para receber a graça de um Deus de misericórdia. Então Pesquisamos as Sagradas Escrituras. Desde o início, que compreendemos que não podíamos andar sozinhos; tivemos de encontrar um santo sacerdote. Cada dia a partir de então em diante, ele deu-nos instruções, dissipadas nossas dúvidas, explicou-nos as profecias, que nos permitiram compreender a relação entre a antiga e a nova lei.

Então, nós dissemos para nós mesmos "Se o Messias já chegou, que é Jesus Cristo, é preciso tornar-se cristãos. Caso ele ainda não chegou, no entanto, já não temos de permanecer judeus, porque o tempo da promessa já passou e os nossos livros estão mentindo".

Ele fez-nos esperar mais de um ano. Depois de diploma de ensino médio, que insistiu em ser batizado; tivéssemos sido fora da escola durante um mês.

Ele não podia recusar o nosso pedido, que se tornássemos cristãos e fôssemos felizes. Ninguém pode fazer-nos renunciar a nossa fé, estamos decididos a morrer primeiro.

Parece-nos que a idade de dezoito anos é suficiente para discernir o verdadeiro do falso. Além disso, os judeus têm exigido a liberdade de religião para si próprios e para os protestantes, que dificilmente pode recusá-lo para nós.

PS: Sir, que confiam em sua lealdade para imprimir esta carta na sua próxima edição".

Os dois irmãos gêmeos tornaram-se padres, teólogos, e cânones da Igreja; eles se tornaram bons amigos do Papa Pio IX e desempenharam um papel ativo na Concílio Vaticano Primeiro. Naquele concílio, foi distribuído um "Postulatum", assinado por quase totalidade dos Padres (510) , e que foi calorosamente apoiado pelo Papa Pio IX. Apenas o foco da guerra franco-prussiano, que fez prematuramente encerrar o Concílio, impediu a proclamação oficial do Postulatum. Consistia de um caloroso convite para os judeus a aderirem à Fé Católica; o texto era o seguinte:

"Os abaixo-assinados Padres do Concílio humildemente vêm urgentemente suplicantes pedir que o Santo Concílio Ecumênico Vaticano condescenda a vir em ajuda da infeliz nação de Israel com um convite inteiramente paterno, isto é, que expressem o desejo de que, finalmente esgotado por uma espera nada menos do que longo tempo, os Israelitas se apressem a reconhecer como o Messias, a nosso Salvador Jesus Cristo, verdadeiramente prometido a Abraão e anunciado por Moisés; completando assim a revelação, não alterando a religião mosaica.

Por um lado, os Padres abaixo têm muito firme confiança em que o santo Concílio tenha compaixão sobre os Israelitas, porque são sempre muito caros a Deus por conta de seus pais, e porque é a partir deles que o Cristo nasceu, de acordo com a carne.

Por outro lado, os mesmos Padres compartilham o doce e íntima esperança de que este ardente desejo de ternura e honra será, com a ajuda do Espírito Santo, bem recebido por muitos dos filhos de Abraão, porque os obstáculos que eles realizaram atrás até agora parece estar a desaparecer cada vez mais, o antigo muro de separação já deveria ter caído.

Oxalá que, em seguida, rapidamente seja feita a aclamação a Cristo, dizendo "Hosanna ao Filho de David! Bendito seja Aquele que vem em nome do Senhor!"

Oxalá que Arremessamos próprios para os braços da Imaculada Virgem Maria, até agora a sua irmã, de acordo com a carne, que pretende ser também a sua mãe, de acordo com graça como ela é nossa!"

Os irmãos Lehmann Fundaram em 1892 o Convento de Nossa Senhora do Monte Carmelo, em Haifa (Israel), para Carmelitas, e também vários

orfanatos e escolas. Foram feitos cânones honorários do Primaz do Lyon em 1894, cânones honorários de catedrais de Beauvais, Bourges, Reims e Langres. Em 1899, foram feitos cânones honorários de Montpellier e Joseph foi nomeado cônego honorário em 1899 em Atenas. Em 18 abril de 1908, o Cardeal Coullé, arcebispo de Lyon, participou a chegada das cartas papais do Papa São Pio X conferindo a dignidade de “*Prelado doméstico de Sua Santidade*”, ainda chamado “*Prelados romanos*”, que lhes deu o título de *Monsenhor*. Ambos os mandados dando-lhes cada Prelazia (*Te Antistitem urbanum Domus Pontificalis Seu Praesulem facimus*), assinada pelo Cardeal [Merry del Val](#), são datados de 07 de abril de 1908. Publicaram mais de 150 livros, alguns com a assinatura dos dois, e a maioria tratando do tema dos judeus, como “Uma Antiga Profecia” e “A causa de Israel permanece introduzida no Concílio”, de 1912. De autoria do padre Joseph Lehmann: “A religião de combate”, em 1891; “Preponderância judaica legendada, as suas origens”, 1889; “A entrada de judeus na sociedade francesa”, 1886 e “Joana D’Arc e as heroínas judaicas”, de 1873.

VIDA DO VENERÁVEL FRANCISCO LIBERMAN

Jacó Libermann (nome de Batismo), nasceu em Saverne, de uma família de judeus, no dia 11 de Abril de 1802, sendo o quinto filho de um total de nove. Seu pai, Lázaro Libermann, era o rabino da cidade. Era uma criança dócil e suave, dotada de uma inteligência marcante e desde a mais tenra idade, apresentava-se muito determinado nos seus ideais. Seu pai desejava e o preparava, desde menino, em deixar-lhe como sucessor no cargo que exercia, assim que deixasse este mundo.

Prosseguindo os seus estudos perto de seu pai, Jacó com ele permaneceu até aos 21 anos de idade como um israelita praticante, vivendo uma vida virtuosa, e submisso a certas severidades dos rabinos judeus. Em 1824, seu pai lhe autoriza a prosseguir os seus estudos em Metz, onde havia uma Escola superior israelita.

Alguns fatores ocorridos na escola dos rabinos, onde estudava, contribuíram para algumas desilusões, uma vez que considerava necessário, além dos estudos do Talmude, também o conhecimento das ciências profanas, e os estudos do francês e do latim. Foi durante a sua estada em Metz que passou a estudar a conversão do irmão mais velho Sansão ao catolicismo, batizado com sua mulher em 15 de Março de 1824.

Retornando a Paris, ainda hesitante quanto à decisão do irmão, dirigiu-se a faculdade Estanislau onde, sozinho, passou a procurar com afincamento algumas obras cristãs. Abordando as pessoas uma a uma, perguntava como poderia encontrar a História da Doutrina Cristã, e um outro livro do mesmo autor, para melhor conhecer e tentar assimilar o caminho escolhido pelo irmão. Este momento, escreveu, foi extremamente penoso: “Foi o momento em que, recordando-me do Deus de meus pais, lancei-me de joelhos e Lhe implorei que me esclarecesse sobre a verdadeira religião. O Senhor está perto dos que o invocam do fundo do coração, e escutou a minha oração. Imediatamente, recebi uma luz, viva e verdadeira. A fé penetrou profundamente no meu espírito e no meu coração”. Batizado, na véspera do Natal de 1826, tomou o nome de François (Francisco). Tão fulminante lhe penetrou a santa doutrina no espírito, que desejou ardentemente abraçar o sacerdócio e, já em 1827, foi admitido no seminário de Saint-Sulpice.

Durante este período, manifestou-se uma doença que iria lhe provar durante longos anos, a epilepsia. Apesar das primeiras crises, foi admitido à tonsura no ano de 1828, tempo em que passou relativamente bem. Porém, no fim do ano de 1829, quando preparava-se ao subdiaconato, atravessou uma forte crise que não deixava nenhuma dúvida sobre a gravidade do seu estado. Teve seguidamente períodos de melhoras, mas com o tempo, surgiram novas crises.

Aprendeu a conviver e a manter a serenidade, no que diz respeito à sua doença, de forma que no desdém do seu mal é que encontrou a única maneira de ser aliviado. Entretanto, a epilepsia acabou impedindo sua ascensão ao presbiterato. Sendo muito querido pelos seminaristas, foi autorizado, apesar da doença, a permanecer no seminário, onde prestou durante seis anos, cargo de auxiliar na economia da casa. Foram-lhe confiados diversos trabalhos materiais, bem como a direção dos novos seminaristas e servos. Nestas tarefas, mostrou-se diligente, além de mostrar-se um excelente diretor espiritual.

Em 1837, encontrou-se em Rennes, com o mestre dos noviços Eudistas (fundada por São João Eudes – 1634), mas não permaneceu no local por mais de dois anos.

Desde 1833, Libermann e os membros do seminário de Saint Sulpice, haviam sido influenciados pela piedade e atuação daquela congregação. Dois de seus membros, Frédéric Vavasseur e Eugene Tisserant, tiveram na ocasião inspiração para, separadamente, implementar projetos em favor da evangelização de escravos negros das antigas colônias francesas. Os dois jovens reuniram-se, em 2 de fevereiro de 1839, em Nossa Senhora das Vitórias com o prior Charles Desgenettes, que os fez se tornarem cientes da similaridade de seus interesses. Um terceiro seminarista juntou-se a eles no projeto, Brunière que, mais tarde, seria designado a partir para as missões estrangeiras. Foi nessa ocasião que Libermann teve a intuição de realizar um projeto missionário com base na iniciativa daqueles jovens. Empenhou-se em requerer a adaptação do seu projeto missionário, tendo por base a regra da Ordem dos Eudistas. A primeira providência a ser tomada era obter a aprovação da Santa Sé. Em companhia de Brunière, que assegurou as despesas da viagem, Libermann chegou a Roma em janeiro de 1840. Lá foi recebido por David Drach (o “Caveleiro Drach”)⁵⁰, ele mesmo judaico convertido, que o conhecia desde a sua conversão quando trabalhava como bibliotecário na França. Ambos obtiveram, do Papa Gregório XVI, uma audiência a 17 de fevereiro, fato que Libermann considerou como um ato de encorajamento e incentivo ao novo projeto.

No dia 11 de março apresentou um memorando solicitando a propagação da obra, mas ele teve de esperar até 6 de junho por uma resposta. Nela havia manifestação favorável à sua implementação, porém era necessário que Libermann recebesse a ordenação sacerdotal para que tudo pudesse ser efetivado. Libermann permaneceu ainda alguns meses em Roma, desenvolvendo definitivamente a regra que já havia preparado em Rennes, quando compôs o seu Comentário sobre o Evangelho de São João. Ao mesmo tempo, constatando que sua saúde havia melhorado, empreendeu diligências junto à sua diocese de origem (Estrasburgo), a fim de chegar ao sacerdócio. Obteve autorização e deixou Roma em 8 de janeiro de

⁵⁰ David Drach , que se tornou Paul-Louis Bernard Drach depois de seu batismo, também chamado de " Cavaleiro Drach " (Strasbourg¹, o 6 de Março de 1791- Roma , final de janeiro de 1865), É um ex- rabino original francês da Alsácia convertido para o catolicismo . Ele era bibliotecário da Congregação para a Propagação da Fé, em Roma.

1841, quando ingressou no grande seminário de Estrasburgo, no dia 23 de fevereiro.

Durante a estada de Libermann no Seminário de Estrasburgo, Vavas seur iniciou as negociações necessárias com Brandt (antigo seminarista de Saint Sulpice), sobrinho de Dom Mioland, Bispo de Amiens. Este propôs para a congregação nascente, o aluguel de uma casa em Neuville, hoje um bairro de Amiens. Libermann tinha sido ordenado diácono, em Estrasburgo, em 10 de agosto de 1841. Logo em seguida, dirigiu-se a Amiens, onde recebeu ordenação sacerdotal pelas mãos de Dom Mioland, no dia 18 de setembro. No sábado seguinte, celebrou em Nossa Senhora das Vitórias, uma missa, onde estavam presentes Desgenettes e alguns confrades a recrutar: Vavas seur, Tisserant e Collin, bem como alguns amigos. A 27 de setembro de 1841, abre o noviciado e em 1842, Libermann comprou uma propriedade em Amiens, onde construiu duas casas com uma capela. Iniciava aí a jornada apostólica e missionária da Congregação do Sagrado Coração de Maria.

Desde a criação da Congregação do Sagrado Coração de Maria, aventou-se muitas vezes a possível união com a Congregação do Espírito Santo (fundada em maio de 1703 pelo seminarista Cláudio Poullart des Places), mas isto não estava concretizado. Em 1848, as circunstâncias pareceram favoráveis para realizar esta união. Algumas diligências em Roma conduziram, em 28 de setembro de 1848, à aceitação oficial da fusão, tendo os dois superiores sido cientificados dos critérios a serem estabelecidos: “Vos cabe levar a termo esta fusão das vossas duas congregações, de modo que, doravante a Congregação do Sagrado Coração de Maria deixa de existir e, seus membros e candidatos sejam integrados à Congregação do Espírito Santo”. O Superior dos Espiritanos, Sr. Monnet, foi nomeado vigário apostólico de Madagascar e, a 3 de novembro de 1848, como Superior do Espírito Santo, Libermann. Este teve de usar de paciência e habilidade para superar a oposição de alguns de seus confrades à frente do novo estado das coisas. Aproveitou das mudanças ocorridas para rever a regra provisória que tinha redigido anteriormente, há cerca de oito anos. Ao mesmo tempo, era urgente empreender certas reformas para remediar as deficiências do clero colonial.

Continuou durante todo esse tempo, mantendo correspondência freqüente com os seus missionários. Nas suas viagens através da França, percebeu que era necessário implementar projetos para socorrer os pobres. Se as perturbações da Revolução de 1848, a carga suplementar resultante da fusão com o Espiritanos e a sua morte prematura em 1852, não lhe permitiram realizar todos os planos, fez de modo que a congregação comesasse a se ocupar de inúmeras ações sociais e religiosas, principalmente em Amiens, Bordeus e Paris. Nos últimos meses em Maio de 1851, redigiu as suas últimas instruções aos missionários, caderno de sessenta e quatro páginas, que foi o seu testamento espiritual.

Ao fim do ano de 1851, padre Libermann sofreu, com freqüência constante, de um grande cansaço. A sua saúde, já há algum tempo debilitada, deteriorou-se rapidamente. Em dezembro acamou-se e assim permaneceu por cerca de três semanas e desde então, seu estado piorou. O Irmão Vavas seur descreveu os últimos momentos do Padre Libermann: “Padeceu da mesma doença que teve há cerca de três anos. Não podia praticamente tomar nada. Em 27 de janeiro de 1852, administrou-se-lhe a Extrema-unção. No dia 30 de Janeiro à noite, na frente da comunidade reunida, pronunciou penosamente algumas palavras, que seriam as últimas: ‘Estou feliz de vê-los. Sacrifiquem-se por Jesus, por Jesus unicamente. Deus

é tudo. O homem não é nada. Amai o espírito de sacrifício e o zelo pelas almas, para a glória de Deus.” A sua agonia durou até 2 de Fevereiro. Expirou às três horas da tarde, no mesmo momento em que, na capela vizinha, entoava-se o Magnificat, véspera da festa solene da Purificação de Maria. O seu corpo encontra-se, desde 1967, na capela da Casa Mãe da Congregação do Santo-Espírito. O decreto das virtudes heróicas do servo de Deus, declarando-o Venerável, foi publicado em 19 de junho de 1910.

Fonte: <http://www.paginaoriental.com/santos/crpf1.htm>

HERMANN COHEN - CONVERTIDO PELA EUCARISTIA

Hermann, antes ainda de ser cristão, experimentava uma consolação doce e forte quando o sacerdote dava a bênção com o Santíssimo Sacramento. Após a conversão, a prática da oração foi seu sustento, e a Sagrada Eucaristia, sua vida.

María Lucilia Morazzani Arráiz

Percorrer as páginas da Escritura equivale a deparar constantemente com portentos e maravilhas que nos encham de admiração. Se nos fosse dado ver o mar Vermelho dividido em duas grandes muralhas de água para dar passagem ao povo eleito e, voltando ao seu curso normal, afogar a flor do exército do faraó com seus carros e cavalos, ou se pudéssemos contemplar Moisés, por ordem de Deus, golpeando com seu cajado a rocha para dar de beber aos filhos de Israel, seríamos levados a julgar que esses são prodígios insuperáveis do Antigo Testamento

Entretanto, tais maravilhas não passam de manifestações humanas do poder de Deus e pálidas representações de Sua suprema grandeza, se comparadas à ação infinitamente superior operada pelo Criador nas almas de Suas criaturas, atraindo-as irresistivelmente a Si mesmo.

A graça da conversão é uma obra exclusiva de Deus, uma imposição que abarca a alma por inteiro e a leva a agir como nunca faria por suas forças naturais, pois *"o homem não pode predispor-se para receber a luz da graça a não ser que um auxílio gratuito de Deus venha movê-lo interiormente". E "o livre arbítrio não pode converter-se para Deus, a não ser que Deus o converta para Si, segundo o que diz o livro de Jeremias: 'Convertei-me, Senhor, e eu me converterei'".(1)*

Por vezes encontramos almas que, tendo levado uma vida de desvios e de pecados, foram por Deus arrebatadas dos caminhos do inferno, e agora brilham como estrelas rutilantes no firmamento da santidade, formando um longo cortejo de bem-aventurados que cantam as misericórdias do Altíssimo.

Há poucos dias, caiu-me nas mãos uma obra do abade francês Charles Sylvain que narra a inesperada conversão de um israelita, operada pelo Santíssimo Sacramento. Iniciei a leitura com certo desinteresse que se transformou, já nas primeiras páginas do fascinante relato, em verdadeira afeição. Confesso que

não consegui parar, e nisso se foram meu almoço, meu descanso e outros afazeres. Devorei, isto sim, o livro, e senti-me profundamente comovida ante a infinita bondade de Jesus-Hóstia. Fiz o propósito de tornar a história conhecida, a fim de fortalecer a fé periclitante de tantas almas naufragadas nos vagalhões do mundo contemporâneo e favorecer um maior número de cristãos a se deixarem abrasar pelas chamas puríssimas que brotam do Sagrado Coração Eucarístico de Jesus, fornalha ardente de caridade.

Inquietudes religiosas

Nascido na cidade de Hamburgo em 1820, no seio de uma família judia da tribo de Levi, Hermann Cohen recebeu desde a mais tenra idade uma esmerada educação, condizente com a fortuna de seu pai, um opulento negociante. Não tardaram os parentes em perceber as extraordinárias disposições do menino para a música, e encaminharam o pequeno prodígio para seguir a carreira de artista.

Nos primeiros anos de sua vida, Hermann sentia uma misteriosa apetência pelas cerimônias religiosas e um grande pendor para a oração, chegando a experimentar profundas emoções ao invocar o Deus Santo de Israel. Estas impressões, porém, foram afogadas pelo vertiginoso desenvolver do germe da vaidade em sua alma. Tudo quanto ele fazia era coroado de êxito; o incenso, os elogios e os aplausos inflamavam seu fogoso coração que já não procurava senão sua própria glória e a plena satisfação de seus mínimos caprichos.

Em vão buscava a felicidade

Em pouco tempo o nome do pianista Hermann, menino genial, ressoava nos meios mais ilustres das principais capitais européias, e seu prestígio aumentava a cada dia.

Conduzido por sua mãe a Paris, privava com grandes personalidades de seu tempo, entre as quais o célebre Franz Liszt, de quem foi inseparável aluno por longos anos.

"Êxitos, honrarias, celebridade, os prazeres em que os artistas passam parte de seu tempo, as viagens, as aventuras, tudo aparecia com cores róseas na minha imaginação, extraordinariamente desenvolvida para minha idade" (2).

Más companhias e funestas influências acabaram por corromper e desviar completamente o jovem, tornando-o escravo de suas paixões e incapaz de negar qualquer coisa a si mesmo. Ele caiu numa lamentável situação, afundou-se nos vícios mais indesculpáveis, abraçou as idéias mais liberais e desvairadas da época e lançou-se numa corrida desenfreada à procura de tudo aquilo que pudesse alimentar seus delírios e fantasias.

"A felicidade! Eu a busquei, e para achá-la, percorri as cidades, atravessei os reinos, cruzei os mares. A felicidade! [...] Onde não a procurei?" (3).

Sim, em vão tentava ele saciar a sede de felicidade que o atormentava, e quanto mais se afanava em buscá-la, tanto mais ela lhe escapava das mãos e lhe dava as costas. Com efeito, a taça de todos os prazeres parecia estar envenenada, pois nela seus lábios não encontravam mais que insatisfação,

fastio e amargura. Era a mão da Providência que secreta e misteriosamente o preparava para Si.

Seduzido pela Eucaristia

Nessas condições se encontrava quando, em maio de 1847, um amigo seu, o Príncipe de Moscowa, solicitou- lhe que o substituísse na regência de um coral na igreja de Santa Valéria, em Paris, ao que Hermann aquiesceu.

Celebravam-se então as festividades do mês de Maria. No momento em que, após a Missa, o sacerdote deu a bênção com o Santíssimo Sacramento, Hermann experimentou "uma singular emoção, como remorsos de ter parte nessa bênção na qual ele não tinha direito algum de estar incluído". (4) Era uma consolação doce e forte que lhe proporcionou um "alívio desconhecido".

Nas sucessivas vezes em que Hermann retornou à igreja, sentia sempre idêntica e inexplicável impressão quando o sacerdote dava a bênção com o ostensório. Terminadas as solenidades de maio, e arrastado por um forte impulso, o jovem passou a frequentar as missas dominicais na mesma paróquia de Santa Valéria.

Apesar dos diversos escolhos postos pelo inimigo de nossa salvação - furioso por perder sua presa - Hermann entrou em contato com um piedoso sacerdote, o Pe. Legrand, que lhe deu uma boa orientação doutrinária e alentadores conselhos.

A conversão

Obrigado a partir para Ems, na Alemanha, para dar um concerto, assim que lá chegou, apressou-se em buscar uma igreja. Queria ele participar da Celebração Eucarística, sem manifestar nenhum respeito humano diante de seus amigos. Deixemos à própria pena de Hermann a narração do que lhe ocorreu naquele inesquecível dia.

"Pouco a pouco os cânticos, as orações, a presença - embora invisível, sentida por mim - de um poder sobre- humano, começam a agitar-me, a perturbar-me, a me fazer tremer; em uma palavra, a graça divina se apraz em derramar-se sobre mim com todas as forças.

Subitamente, no momento da elevação, sinto brotar através de minhas pálpebras um dilúvio de lágrimas que não cessa de derramar-se em abundância sobre minha face em chamas... Ó momento para sempre memorável para a saúde de minha alma! Eu te tenho presente em meu espírito com todas as sensações celestes que me trazias do alto! [...] Experimentei então o que sem dúvida Santo Agostinho deve ter sentido no jardim de Casiciaco ao ouvir o famoso 'Tolle, lege'. [...]

Lembro-me de ter chorado algumas vezes na minha infância, mas jamais tinha conhecido semelhantes lágrimas. Enquanto elas me inundavam, senti surgir no mais fundo da alma dilacerada por minha consciência, os mais lancinantes remorsos por toda a minha vida passada.

Então, espontaneamente, como por intuição, comecei a manifestar a Deus uma confissão geral, interior e rápida de todas as enormes faltas cometidas desde minha infância. [...] Sentia, ao mesmo tempo, por uma calma desconhecida que invadiu minha alma como bálsamo consolador, que o Deus de misericórdia me perdoaria, desviaria Seu olhar de meus crimes, teria

piedade de minha sincera contrição e de minha amarga dor... Sim, senti que me concedia Sua graça, e que, ao me perdoar, aceitava como expiação minha firme resolução de amá-Lo sobre todas as coisas, e desde aquele momento me converti a Ele.

Ao sair dessa igreja de Ems, já era cristão. Sim, tão cristão quanto é possível sê-lo antes de receber o Santo Batismo...".(5)

Árduos combates

Seguiu-se um curto período de admirável fervor e duros combates, em que nosso jovem, fugindo dos ruídos do mundo, dedicou-se com empenho ao estudo da doutrina católica, cujas práticas observava como se já estivesse batizado.

O demônio, porém, quis impedir a qualquer preço que aquela alma escolhida lhe fosse arrancada para sempre. Isto valeu a Hermann uma terrível e derradeira batalha, na noite que precedeu o seu Batismo: *"Enviou-lhe um sonho de representações sedutoras e renovou-lhe vivas imagens que considerava para sempre banidas de sua memória"* (6).

Oprimido por essa visão aterradora, Hermann se atirou aos pés do crucifixo e, com os olhos cheios de lágrimas, implorou-Lhe socorro, pela mediação da Virgem Santíssima. Imediatamente fugiu a tentação e ele levantou-se fortalecido e vitorioso, disposto a todas as lutas que de sua nova condição iriam resultar.

O batismo

Com grande entusiasmo recebeu o santo batismo no dia 28 de agosto de 1847, festa de Santo Agostinho, cujo nome adotou. Em carta dirigida ao Pe. Afonso Maria Ratisbonne, judeu converso como ele, o jovem neófito descreveu o desenrolar da cerimônia e o que experimentou no momento em que a água, derramando-se sobre sua fronte, lhe conferia a vida divina:

"Meu corpo estremeceu, e senti uma comoção tão viva, tão forte, que não saberia compará-la a não ser com o choque de uma máquina elétrica. Os olhos de meu corpo se fecharam ao mesmo tempo em que os da alma se abriram para uma luz sobrenatural e divina. Encontrei-me como mergulhado num êxtase de amor, e, tal como a meu santo padroeiro, pareceu-me participar, por um impulso do coração, dos gozos do Paraíso e beber a torrente de delícias com as quais o Seu Senhor inunda seus eleitos na terra dos vivos..." (7).

Após a conversão, a vida e os costumes de Hermann sofreram uma completa transformação. Entregou-se com ardor a todas as obras de zelo e piedade, e sua natureza fogosa, apaixonada e enérgica, passou a agir unicamente sob o influxo da graça.

Esperavam-no ainda alguns anos de tormento, pois, apesar de seu vivo desejo de se tornar religioso, diversas circunstâncias o obrigaram a permanecer no mundo por certo tempo. A prática da oração foi seu sustento, e a Sagrada Eucaristia sua vida. Instituiu, em companhia de Mons. de La Bouillerie, então Vigário Geral de Paris, a adoração noturna que logo se espalhou por mais de cinquenta dioceses da Europa.

Vida religiosa

Aos vinte e oito anos de idade, em outubro de 1849, foi admitido na Ordem dos Carmelitas Descalços, recém-reformada na França, com o nome de Frei Agostinho Maria do Santíssimo Sacramento. No ano seguinte fez sua profissão religiosa, e em 1851 foi ordenado sacerdote. Uma carta dirigida a um amigo, poucos dias antes de sua ordenação, é prova da profunda seriedade com que recebeu esse sacramento:

"Serei sacerdote no Sábado Santo e cantarei a Missa no Domingo de Páscoa. Nem você nem eu, querido filho, conheceremos jamais nesta vida terrena o que encerra de grandeza e majestade o temível mistério dos altares, ao qual os anjos assistem tremendo" (8).

A vida religiosa do Pe. Hermann transcorreu em profunda humildade, sofrimentos de toda ordem e graças místicas impressionantes. Apesar de ser uma alma intensamente contemplativa, foi impelido pela vontade divina a uma grande atividade evangelizadora: contínuas viagens, fundações de vários mosteiros, pregações que reuniam multidões de fiéis e direções espirituais interrompidas apenas por curtos períodos de absoluto recolhimento.

Seu amor a Jesus era tão forte que, apesar da debilidade de sua saúde, não poupava esforços para atrair a Ele o maior número possível de almas, e fez voto de mencionar a Eucaristia em todos os seus sermões. Ao seu incansável zelo, à eloquência de sua palavra e ao estímulo de seus exemplos, devem-se incontáveis conversões, entre elas as de dez membros de sua família e de vários outros judeus.

Seu talento musical, que outrora o tinha levado à perdição, ele agora o empregava em louvor do Santíssimo Sacramento e da Virgem Maria, compondo belíssimos cânticos a Eles devotados.

Manteve laços de amizade com grandes figuras católicas da época, como o Santo Cura d'Ars, São Pedro Julião Eymard, Santa Bernadette Soubirous, o Cardeal Wiseman.

Último campo de batalha

Após anos de frutuoso apostolado na França, Inglaterra, Bélgica e Suíça, em novembro de 1870 foi enviado por seus superiores à Prússia, como capelão dos prisioneiros de guerra franceses. Ali deu mostras de infatigável dedicação, deixando-se consumir como hóstia pura ao serviço da Igreja. Em 22 de dezembro descrevia suas ocupações e alegrias com estas palavras:

"Os prisioneiros me cercam desde as oito da manhã até a noite. Entreguei-me a eles, e estão me usando o quanto podem, e me usarão até me consumir" (9).

Com efeito, em janeiro do ano seguinte, ao ministrar os últimos sacramentos a dois soldados moribundos atacados de varíola, contraiu, ele mesmo, esta doença que o levaria à morte. Tomado por forte crise, recebeu a Unção dos Enfermos, renovou seus votos religiosos e, apesar das atrozes dores de que padecia, cantou em alta voz o *Te Deum*, o *Magnificat*, a *Salve Regina* e o *De Profundis*.

Finalmente, na noite de 19 de janeiro, tendo piorado muito, confessou-se e recebeu pela última vez aquele Jesus Eucaristia que depois de sua conversão fora o único objeto de todas as suas aspirações e desejos.

Permaneceu por longo tempo absorto em ação de graças, e um pouco mais tarde seus companheiros pediram-lhe a bênção. Em seguida, extenuado, deixou-se cair novamente em seu leito, murmurando:

"E agora, meu Deus, em Vossas mãos entrego o meu espírito!" 10.

Foram suas derradeiras palavras, depois das quais permaneceu calmo e imóvel durante toda a noite, até as dez horas da manhã, quando fez um ligeiro movimento e expirou santamente nos braços de seu amado Jesus.

1) *Suma Teológica I-II, q. 109, a. 6.*

2) SYLVAIN, Charles. Hermann Cohen, *Apóstol de la Eucaristía. Estella: Gráficas Lizarra S.L., 1998. p.7.*

3) *Idem, ibidem, p. 61.*

4) *Idem, ibidem, p. 23.*

5) *Idem, ibidem, p. 24.*

6) *Idem, ibidem, p. 26.*

7) *Idem, ibidem, p. 27.*

8) *Idem, ibidem, p. 50.*

9) *Idem, ibidem, p. 136.*

10) *Idem, ibidem, p. 138.*

(Revista "Arautos do Evangelho" Fev/2008, n. 74, p. 32 à 35)

2. “Católicos” revolucionários que voltam à Fé verdadeira

Revolucionária e funcionária da ONU se converte e muda de vida

O texto a seguir foi publicado pelo site espanhol “Religión en Libertad” e traduzido por “Fratres in Unum.Com”. Trata-se do arrependimento e conversão de uma revolucionária que trabalhava a serviço da ONU numa atividade anti-católica.

“Tudo aconteceu quando ela recebeu um disparo da polícia em plena batalha. Quando despertou no hospital, decidiu que sua vida devia mudar radicalmente.

Sua vida “lamacenta” devia dar uma guinada de 180 graus e deixar de lado o seu servilismo político e sua vida de pecado, e dedicar-se às mulheres e às crianças, buscando seu autêntico bem.

Ela havia nascido em uma família muito normal do Equador. Sua fé era tradicional, de Missa dominical e pouco mais. A exceção da regra foi seu avô, que vivia uma autêntica vida cristã.

Em certa ocasião, sendo Amparo adolescente e a caminho do ateísmo, seu avô lhe disse umas palavras que não haveria de esquecer nunca. Estavam entrando em uma igreja, e diante de uma imagem da Virgem lhe disse: “Olhe para os seus olhos. **Ela é a única que vai te salvar e a que vai te levar à fé**”. A coisa parou por aí.

O resto foi uma queda livre: **foi expulsa do colégio por brigar com uma freira**, e um encontro com evangélicos acabou por arrematar seu caminho rebelde e ateu.

A revolução e as esquerdas

Eram os anos 70 e 80, e a oferta social que Amparo encontrou fora da Igreja era a dos movimentos revolucionários, **a teologia da liberação marxista, Che Guevara, os movimentos feministas, abortistas, o indigenismo e esse grande etcétera**. Ela se meteu de cabeça nisso tudo.

Se há algo que não se pode reprovar em Amparo é dizer que ela não foi uma pessoa coerente com os seus princípios. Ela tomou todas as bandeiras, as abraçou e se dedicou a elas. Ora a encontrávamos em uma confrontação armada ou em uma manifestação antigovernamental, ou ainda em uma campanha a favor dos direitos reprodutivos das mulheres, ou seja, promovendo os contraceptivos e o aborto.

Se radicaliza na Espanha

Como a situação política no Equador se complicou, seu pai a enviou à Espanha para estudar Pedagogia Social. Neste país ela obteve seu título universitário, porém, também sua radicalização política e o contato com outros movimentos revolucionários, ateus e anticlericais..

Já de volta ao Equador, sua visão feminista e de esquerda combinava perfeitamente bem com as políticas que a ONU levava a cabo na América Latina e, graças a ela e a sua formação, **chegou a ser responsável no Equador do programa da UNFPA**, isto é, do Fundo de População das Nações Unidas, de onde contava com todos os milhões de dólares que necessitasse para cumprir, ou melhor dizendo, impor os programas contrários à natalidade, a favor do aborto e da anticoncepção.

Meu trabalho: retirar a fé dos católicos

Amparo explicou na rede católica de televisão EWTN que **“os grupos comunistas e socialistas sabem que a única instituição que pode romper as suas mentiras é a Igreja Católica**. Então – confessou — a primeira coisa que buscam são argumentos que possam destruir a pouca fé que os católicos têm. Veja as notícias ou vá atrás desse sacerdote que não está vivendo a sua vida na graça com Deus... Publique-os e os lance na imprensa... E – concluiu — é preciso omitir que no Equador, 60% das obras de ajuda às pessoas pobres estão nas mãos da Igreja, pois isso se silencia”.

Destruir a Igreja desde dentro

O grande problema dos sacerdotes é a sua solidão: “Nós íamos **em busca dos sacerdotes abandonados** nos povoados e nas montanhas para dizer-lhes que **se Deus existia, então por que permitia a pobreza?** *‘A única maneira é a revolução. Una-se a nós, e nós vamos te ajudar’*. Havia sacerdotes – lamenta agora — que cediam e que pensavam que teriam um grupo que lhe ajudaria, que lhe apoiaria, que estaria com ele... Em certas ocasiões **oferecíamos dinheiro aos sacerdotes e às religiosas para que pudessem reconstruir**, melhorar seus centros educativos com a única condição de que nos deixassem dar aulas de educação sexual e reprodutiva em seus colégios”.

Afastando-se ainda mais de Deus...

Em Amparo se cumpre aquela citação de Chesterton que “quando se deixa de crer em Deus, logo se crê em qualquer coisa”.

Imersa no ateísmo, **não deixava de buscar algum resquício de espiritualidade na leitura de cartas, reiki, yoga...**: “Como a vida na luta de esquerda era uma vida de pecado, você não podia se livrar das consequências do pecado. É a morte espiritual. São como pequenos pactos com o demônio. O demônio os cobra – adverte. Assim, comecei a sofrer por conta do dinheiro”.

“Alguém me recomendou que eu fizesse uma limpeza de ambiente. **Tinha meus próprios mantras... que agora, que pude traduzi-los, dizem ‘eu pertenco a Satanás’**. Fiz os mantras nos Estados Unidos e, inclusive, levei meus filhos ao xamã que era um mestre elevado da Religião Universal”.

... embora Deus não estivesse distante

Em certa ocasião, estando em uma comunidade, Amparo desafiou a Deus. Havia uma mulher rezando, porém, ela começou a repreendê-la severamente e chamá-la de louca. Até o ponto em que acabou rasgando uma imagenzinha que a pobre senhora segurava.

À época, sua prepotência de revolucionária não lhe fornecia muitas outras soluções. Pouco depois veio o passo seguinte até a sua conversão.

Ferida por uma bala da polícia

Amparo havia participando de todo tipo de manifestações e lutas contra o governo. Em ocasiões mobilizando os indígenas e facilitando que estes acessem armados com lanças. Porém, certo dia, estando em uma delas, foi atingida por uma bala. Quando sentiu o impacto, Amparo recorda de duas coisas: por um lado, seu marido e seus filhos e, por outro lado, uma paz inexplicável, total. Não tinha medo de partir. Tudo era alegria, gozo, paz...

Nisso, escutou uma voz que lhe cantava: **“Vi uns olhos maravilhosos. Vi o amor. Eram os olhos da Virgem.** Eram justamente os olhos da estampa que eu havia rasgado! A estampa da Virgem Milagrosa. Eu a vi como uma adolescente de 15 anos. Com roupas brancas...”.

Enquanto ela sangrava, a única coisa que sentia era paz, alegria... **Nesse momento a Virgem lhe disse: “Minha pequena, eu te amo”.** E lhe pediu que deixasse todas as causas que ela levava e que assumisse a causa de seu Filho. Também se deu conta de que por trás da Virgem havia um senhor mais idoso: era seu avô.

E seu marido pensou que ela estivesse louca

Quando acordou, narrou toda a experiência a seu marido, Javier. Ele pensou que ela estivesse louca, e não era para menos. Uma ateia convicta, militante anticatólica, e despertando daqueles sonhos...

Em seguida, levaram-na para que os altos mestres, psicólogos e peritos da Nova Era a examinassem e a convencessem de que aquelas experiências eram frutos de suas alucinações e dos ferimentos. Sem dúvida, “ninguém podia tirar da minha cabeça que era Deus”.

Primeiramente, confessar-se

“A primeira coisa que precisava era um sacerdote. Precisava me confessar. A primeira coisa, em primeiro lugar, era a confissão. **Eu pedia a Deus que não morresse no caminho, indo para casa, porque iria para o inferno.** Na confissão estavam todos os pecados. Os mais horríveis”.

Era uma nova etapa, e havia de começar desde o princípio, fazendo tudo bem feito. Assim, a primeira coisa que fiz foi aprender a amar Jesus, a amar os sacerdotes, a amar a Igreja, amar os sacramentos”.

Amparo se sentia totalmente enlameada e também convidada a uma nova revolução: **“O único que transforma o mundo é Deus.** Eu não sou digna. É tão grande o amor de Deus...”

A conversão de seu marido

Amparo rezou e convidou seu marido Javier à conversão. Com o passar do tempo, Javier, revolucionário como ela, começou a dar provas de mudança por amor a Amparo.

Devia ser uma experiência dramática em si mesma pelo único fato de ter que romper com toda uma vida de convicções e luta comprometida. Amparo explica isso dessa maneira: “Meu marido aceitou crer em Deus e na Virgem, porém, não acreditava no sacramento. Todavia, **Deus colocou um sacerdote santo em nosso caminho. Por fim, ele se confessou e sua confissão levou horas.** Ao sair, sentiu que havia se livrado de toneladas de coisas”.

Agora era hora de denunciar as mentiras da ONU

A conversão das pessoas, na maioria das vezes, é um processo longo e em etapas. Amparo estava a caminho, mas ainda não renunciara a toda sua vida de pecado. Necessitava de parte dela, pois seu salário das Nações Unidas era uma fonte necessária para a família e seu ritmo de despesas.

Tudo aconteceu quando uma amiga sua lhe pediu informações sobre a distribuição da pílula do dia seguinte por parte das Nações Unidas no Equador. Amparo era responsável pela sua importação e distribuição no país.

De fato, sua agência das **Nações Unidas havia vendido ao Equador 400.000 (quatrocentas mil) doses da pílula do dia seguinte.** A ONU em Nova York, a UNFPA no Equador: “Eles nos vendem a 25 centavos de dólar, e nós as vendemos entre 9 e 14 dólares. **É um negocio e tanto**”.

No Equador houve um julgamento em que as Nações Unidas perderam a ação devido à distribuição da pílula e os pró-vidas ganharam, visto que tiveram que reconhecer que ela não é um método contraceptivo, mas sim anti-nidatório, ou seja, abortivo, e que se utiliza quando os métodos contraceptivos falham.

O ápice de sua decisão de converter-se e dar um passo definitivo até Deus aconteceu a caminho do tribunal nesse julgamento em que a ONU perdeu: “Quando estávamos levando a informação ao Tribunal, **um jornalista me fez uma pergunta que pensei que era Deus quem me a fazia** – estás com Deus ou estás com o demônio? –. A pergunta foi: O que eu pensava da pílula do dia seguinte? E, claro, eu continuava trabalhando para as Nações Unidas e apoiava todas as organizações pró-aborto. Nesse momento me dei conta de que era o momento de dizer a verdade e deixar de mentir a mim mesma. Era uma incoerência ser católica e ao mesmo tempo, por dinheiro, continuar apoiando uma organização que vai contra os meus valores. E, claro, **disse a verdade e as Nações Unidas me despediram**”.

O que existe por trás das Nações Unidas?

Por trás dos projetos da ONU, atrás das palavras bonitas que usam quando falam de saúde reprodutiva, na realidade, há toda uma **promoção do aborto e dos contraceptivos. É o único objetivo para toda América Latina.**

Na entrevista de Amparo à cadeia de televisão norte-americana EWTN, denunciava que no livro “Cuerpos, tambores y huellas”, editado pelas próprias Nações Unidas, se reconhece a promoção das relações sexuais com crianças desde os 10 anos. E que nele se explica claramente três coisas:

- que os pais não devem ser informados da educação sexual que seus filhos recebem;

- que as escolas devem **distribuir contraceptivos a seus alunos sem o conhecimento e consentimento dos pais;**

- e que se um professor ou médico chegasse a informar aos pais de que seus filhos estão usando contraceptivos, esse professor ou médico deve ser expulso de seu trabalho por romper o sigilo profissional.

Amparo, e não só ela, denuncia a existência de um **todo um negócio em que não se desperdiça nada**: promove-se as relações sexuais entre crianças e adolescentes, e se lhes vendem preservativos. Como estes falham, então se lhes oferece o aborto ou a pílula do dia seguinte. Como o aborto produz restos humanos, estes servem bem para a experimentação ou bem para extrair algumas substâncias que depois se usam em cremes, xampus, etc. Negócio completo.

Assistam a uma conferência de Amparo Medina a seguir:

E agora na luta pela vida

A realidade foi mais dura do que o previsto em um primeiro momento. **O casal perdeu tudo quando saiu da revolução.** Eles tiveram que renunciar a muitas coisas, as primeiras foram os bens materiais. Porém, foi “bonito encontrar juntos o amor de Deus e eliminar os mitos relativos aos sacerdotes, à Virgem, à Igreja...”

Amparo Medina e seu marido Javier Salazar são pais de três filhos. Ela é Diretora executiva de Ação Pró-vida Equador e, além disso, colabora e assessora outros organismos.

Agora também luta pela família, mulheres e crianças, mas a partir da verdade integral das pessoas, e não a partir do negócio econômico.

Ameaças de morte

Um novo enfoque, sim, mas não isento de perigos. Assim, **Amparo tem sofrido ameaças de morte** como a que recebeu não faz muito tempo em uma caixa de sapatos, dentro da qual havia uma ratazana morta com a mensagem “**morte aos pró-vidas**” e “**lembre-se que os acidentes existem, lembre-se que as mortes acidentais são o dia a dia deste país, NÃO PROSSIGA COM SUA CAMPANHA ANTI MULHER E HOMOFÓBICA...Morte aos traidores, morte aos anti Pátria, MORTE OU REVOLUÇÃO**”.

Amparo não se assusta. E continua com sua luta confiante que tem em mãos a possibilidade de defender milhares de vidas humanas.

Se desejar ver uma entrevista realizada com Amparo Medina à rede de televisão norte-americana EWTN, pode acompanhar aqui:

Vídeos

<http://www.youtube.com/watch?v=GzJ-Z2rS50I>

http://www.youtube.com/watch?v=DpZp8SvF4_4

A conversão de Paul Claudel narrada por ele mesmo...

“Nasci a 6 de Agosto de 1868. A minha conversão realizou-se a 25 de Dezembro de 1886. Tinha, portanto, 18 anos de idade. Mas, nesta altura, já a minha personalidade estava muito desenvolvida.

Ainda que os meus antepassados, em ambos os ramos, tinham sido crentes, dando à Igreja vários sacerdotes, os meus pais eram indiferentes em matéria religiosa. E, depois de termos mudado para Paris, afastaram-se completamente da fé. A minha primeira Comunhão, anterior à mudança, tinha sido boa. Mas foi, como para a maior parte da juventude, a coroação e, ao mesmo tempo, o termo da minha prática religiosa.

A princípio fui educado, ou antes, instruído, por um professor particular; depois, em escolas laicas da província, e, finalmente, no Liceu Luís-o-Grande. Com a entrada neste estabelecimento de ensino, acabei de perder a fé, que me parecia incompatível com a pluralidade dos mundos (! ! !). A leitura da «Vida de Jesus», de Renan, forneceu-me novos pretextos para esta mudança de convicções, que, de resto, tudo quanto via à minha volta facilitava ou animava.

Recordemo-nos daqueles tristes anos à volta de 1880, quando estava em todo o apogeu a literatura naturalista. Jamais o jugo da matéria pareceu mais forte. Quem possuía um nome na arte, nas ciências ou na literatura, era descrente. Todos os pretensos homens iminentes daquele século que declinava, se distinguiram particularmente pela sua hostilidade contra a Igreja. Renan imperava. Na última distribuição de prémios a que assisti no Liceu Luís-o-Grande, ocupava ele a presidência, e creio que recebi o prémio das suas mãos. Vítor Hugo acabava de desaparecer numa auréola de glória.

Aos 18 anos, acreditava eu naquilo em que a maior parte das chamadas pessoas cultas daquela época acreditava. O forte sentimento do individual e do concreto obscurecera-se em mim. Aceitei a hipótese monista e mecanista em toda a sua extensão. Acreditava que tudo estava subordinado a leis», e que este mundo era um íntimo encadeamento de causas e efeitos, que a ciência não tardaria a esclarecer plenamente. Além disso, tudo isto me parecia cheio de tristeza e de tédio. A idéia kantiana do dever, tal como no-la expôs o sr. Burdeau, nosso professor de filosofia, nunca pude digeri-la.

Para mais, vivia sem o freio da moral e ia caindo, pouco a pouco, num estado de desespero. A morte de meu avô, cuja agonia durou meses inteiros, devida a um cancro no estômago, a que eu assisti, inspirara-me um pavor terrível, e à idéia da morte não me abandonou mais. Esquecera completamente a religião e, com respeito a ela, a minha ignorância era tão grande como a de um selvagem.

O primeiro brilho da verdade

O primeiro brilho da verdade surgiu-me do encontro com os livros de um grande poeta, a quem devo eterna gratidão e que tomou parte preponderante na formação do meu pensamento: Artur Rimbaud. A leitura das «Illuminations» e, alguns meses depois, «Une saison en Enfer» é um dos acontecimentos capitais da minha vida. Estes livros rasgaram a primeira brecha no meu cárcere

materialista, e deram-me uma impressão viva, quase física do sobrenatural. Mas o meu estado habitual de ansiedade e desespero continuou a ser o mesmo.

A noite de Natal do dia 25 de Dezembro de 1886

Assim se passavam as coisas com aquele pobre rapaz que, no dia 25 de Dezembro de 1886, entrava na catedral de Notre-Dame de Paris, para ali assistir ao ofício divino do Natal. Começava eu então a escrever, e tive a impressão de que poderia, com superior diletantismo, encontrar nas cerimónias católicas, um meio adequado e matéria para alguns trabalhos. Nesta disposição de espírito, apertado e empurrado pela multidão, assisti à Missa cantada, com moderada alegria. Como nada mais interessante havia a fazer, voltei de novo à tarde para assistir às Vésperas. Os meninos do coro da catedral, de roquetes brancos, e os alunos do Seminário de S. Nicolau du Chardonnet, que os auxiliavam, tinham justamente começado a cantar qualquer coisa em que mais tarde reconheci o Magnificat. Eu estava de pé no meio da multidão, junto da segunda coluna, perto da entrada para o coro, à direita, do lado da sacristia.

E ali se deu o acontecimento que domina toda a minha vida. Num momento, o meu coração sentiu-se tocado, e tive fé. Tive fé com tal intensidade de adesão, com tal exaltação de todo o meu ser, com uma convicção tão poderosa, com tal segurança, que não ficava margem para nenhuma espécie de dúvida. E, desde então, todos os livros, todos os raciocínios, todas as eventualidades de uma vida agitada não conseguiram abalar a minha fé; mais do que isso, nem sequer conseguiram tocar-lhe. Subitamente, apoderou-se de mim o sentimento fremente da inocência, da perpétua filiação divina: uma revelação inefável. Quando tento reproduzir, como faço frequentemente, o decorrer dos minutos que se seguiram a este momento excepcional, encontro sempre os seguintes elementos que, todavia, representam um único raio, uma única arma, de que a Providência divina se serviu para alcançar e abrir o coração de um pobre filho desesperado : «Que felizes são, de fato, os que crêem! E se fosse verdade? verdade! — Deus existe ; está aqui presente ! É alguém ! É um ser tão pessoal como eu! — Ama-me ! chama por mim!» Invadiram-me as lágrimas e os soluços e o cântico tão delicado do «Adeste» aumentou ainda a minha comoção.

...as minhas idéias filosóficas mantinham-se intactas

Doce comoção, na qual, todavia, se misturava uma sensação de terror e quase de espanto ! Porque as minhas idéias filosóficas mantinham-se intactas. Deus desprezara-as, deixando-as tal qual estavam, e eu não compreendia o que nelas deveria mudar. A religião católica continuava a surgir-me como um amontoado de anedotas disparatadas. Os seus sacerdotes e fiéis continuavam a inspirar-me a mesma antipatia, que ia até ao ódio e à náusea. O edifício das minhas opiniões e conhecimentos mantinha-se, e não via nele defeito nenhum; limitara-me, apenas, a sair dele. Tinha-me sido revelado um novo e terrível ser, com terríveis exigências para um jovem artista como eu, e não via maneira de o satisfazer com nada do que me rodeava. O estado de um homem, a quem de

repente se arrancou da sua pele para o introduzir num corpo estranho, no meio de um mundo desconhecido, é a única comparação que posso encontrar para exprimir este estado de completa desordem. O que mais repugnava às minhas idéias e ao meu gosto, era o que precisamente se vinha a mostrar verdadeiro ; e, a bem ou a mal, tinha de me acomodar a isso. Ah ! Pelo menos não seria sem que eu procurasse opor a maior resistência possível.

A luta foi nobre e radical. Não omiti nada...

Esta resistência durou quatro anos. Ouso afirmar que foi uma defesa heróica. E a luta foi nobre e radical. Não omiti nada. Utilizei todos os meios possíveis de resistência. Uma após outra, tive que depor as armas. Foi grande a crise da minha existência, esta agonia do pensamento, da qual Artur Rimbaud escreveu : «A luta do espírito é tão brutal como as batalhas entre os homens. Oh! noite dura! O sangue derramado arde sobre o meu rosto !» A juventude que tão facilmente abandona a fé, não sabe que tormentos custa recuperá-la. A ideia do inferno, a própria ideia da beleza, todas as alegrias que, a meu ver, teria de sacrificar para regressar à verdade, retraíam-me de tudo. Finalmente, caiu-me nas mãos uma Bíblia protestante que certa amiga alemã oferecera uma vez a minha irmã Camila. Foi na noite daquele dia memorável de Notre-Dame, depois de ter voltado para casa, ao longo das ruas molhadas pela chuva, que então me pareciam tão estranhas. Pela primeira vez, ouvi ressoar no coração a voz, tão suave, e ao mesmo tempo tão inflexível da Sagrada Escritura, que jamais se viria a extinguir. Apenas através de Renan conhecia eu a história de Jesus Cristo. E, fiando-me neste impostor, não sabia sequer que Ele se tinha proclamado o Filho de Deus. Cada palavra, cada linha, na sua majestosa simplicidade, revelava a mentira das afirmações descaradas daquele apóstata e abria-me os olhos. Como o centurião romano, reconheci verdadeiramente que Jesus é o Filho de Deus. A mim, Paulo, se dirigiu Ele, entre todos, e prometeu-me o seu amor. Mas, ao mesmo tempo, não me deixou outra alternativa além da condenação, se o não seguisse. Ah!, Eu não precisava que me explicassem o que vinha a ser o inferno; já tinha passado nele a minha «temporada»! Aquelas poucas horas tinham chegado para me demonstrar que o inferno está em qualquer parte em que não esteja Cristo. E que me importava já a mira o resto do mundo, em face deste nova e maravilhoso ser que acabava de me ser revelado?

Assim falava em mim o homem novo. Mas o velho resistia com todas as forças e não queria entregar-se

Assim falava em mim o homem novo. Mas o velho resistia com todas as forças e não queria entregar-se a esta nova vida que na sua frente se abria. Será preciso confessar que o sentimento que mais me impedia de manifestar a minha convicção era o respeito humano? A ideia de revelar a todos a minha conversão e de dizer aos meus pais que não comeria carne às sextas-feiras; o facto de ter de me afirmar coma um dos católicos tão ridicularizados, causava-me suores frios. E, momentaneamente revoltava-me até contra a violência que me tinha sido feita. Mas sentia sobre mim uma mão firme. Não conhecia nenhum sacerdote. Não tinha um único amigo católico.

O estudo da religião passara a ser para mim o interesse dominante. Coisa curiosa ! O despertar da alma e das qualidades poéticas deu-se em mim ao mesmo tempo, e desfez os meus preconceitos e os meus receios infantis. Por essa época, escrevi o primeiro esboço dos meus dramas : «Cabeça de ouro» e «A cidade». Embora andasse ainda afastado dos sacramentos, já tomava parte na vida da Igreja. Podia, enfim, respirar, e a vida penetrava-me por todos os poros. Os livros que mais me ajudaram, naquela época, foram, em primeiro lugar, os «Pensamentos de Pascal, obra inestimável para todos os que buscam a fé, muito embora a sua influência possa também às vezes ser perniciosa. Além disso, as «Investigações do espírito sobre os Mistérios» e as «Considerações sobre os Evangelhos», de Bossuet, bem como os seus restantes tratados filosóficos; a «Divina Comédia», de Dante; e, finalmente, as maravilhosas narrações de Catarina Emmerich. A Metafísica de Aristóteles purificou-me o espírito, e introduziu-me nos domínios da verdadeira inteligência. A «Imitação de Cristo» pertencia a uma esfera demasiado elevada para mim, e os seus dois primeiros livros pareceram-me de uma terrível dureza.

O grande livro que se me abriu e no qual eu fiz os meus estudos, foi a Igreja.

Mas o grande livro que se me abriu e no qual eu fiz os meus estudos, foi a Igreja. Louvada seja por toda a eternidade esta grande e majestosa Mãe, em cujos joelhos tudo aprendi ! Os Domingos passava-os em Notre-Dame, e, sempre que me era possível, ia também lá durante a semana. Era nessa altura tão ignorante na minha religião como o poderia ser em relação ao Budismo. E agora desenrolava-se, perante mim, o drama sagrado, com tal magnificência, que ultrapassava toda a força da minha imaginação. Ah ! Esta já não era, certamente, a linguagem mesquinha dos «devocionários». Era a poesia mais profunda e gloriosa, eram as atitudes mais sublimes que jamais tinham sido concedidas a seres humanos. Nunca me conseguia saciar por completo com o espetáculo da Santa Missa, e cada movimento do sacerdote gravava-se profundamente no meu espírito e no meu coração. A leitura do ofício de Defuntos, da liturgia do Natal, o drama da Semana Santa, o cântico celeste do «Exultet», ao lado do qual as harmonias mais inebriantes de Pindaro e Sófocles me pareciam incolores, tudo isto me sufocava de alegria, gratidão, arrependimento e adoração ! Pouco a pouco, lenta e penosamente, abriu caminho até ao meu coração o pensamento de que a arte e poesia são também coisas divinas. E o prazer da carne não é indispensável para elas, mas antes prejudicial. Como eu invejava os cristãos felizes que via comungar ! Só me atrevia, porém, a misturar-me com aqueles que, em todas as sextas-feiras da Quaresma, vinham beijar reverentemente a coroa de espinhos.

Entretanto, passavam os anos e a minha situação tornava-se insuportável. Intimamente, dirigia-me a Deus com lágrimas; e, contudo, não me atrevia a abrir a boca. E, apesar disso, as minhas objeções tornavam-se cada vez mais fracas, e mais dura a exigência de Deus. Oh! que bem conheci este momento e com que firmeza me ficou gravado na alma! Mas como é que tive coragem para lhe resistir? Três anos depois, li as obras póstumas de Baudelaire. E vi que o poeta, que eu preferia a todos os poetas franceses, tinha reencontrado a fé nos últimos anos da vida, e se havia debatido com as

mesmas angústias e com os mesmos remorsos que eu. Enchi-me de coragem, e, uma tardinha, aproximei-me do confessional de S. Medardo; minha paróquia. Os minutos que esperei pelo sacerdote foram os mais amargos da minha vida. Encontrei-me com um ancião, que me pareceu muitíssimo pouco abalado com a história, que a mim, todavia, me parecia muito interessante. Falou (para meu grande aborrecimento) nas «recordações da minha primeira e santa comunhão». Ordenou-me terminantemente que revelasse a família a minha conversão. E hoje não posso deixar de lhe dar razão. Humilhado e mal disposto, saí do «confessional» e só lá voltei no ano seguinte. Agora, estava completamente vencido, submisso e extenuado. Ali, naquela mesma igreja de S. Medardo, encontrei um sacerdote novo, compassivo e fraternal, o P. Ménard, que me reconciliou com a Igreja. Mais tarde, conheci lá outro santo e venerando sacerdote, o P. Villaume. Tornou-se o meu diretor e meu querido Padre espiritual, cuja poderosa proteção, lá do céu, sinto agora continuamente. A segunda comunhão recebi-a, como a primeira, no dia de Natal, a 25 de Dezembro de 1890, em Notre-Dame.

Fonte: Homens que regressam à Igreja, de Severin Lamping, OFM (Livraria Cruz, Braga, 1948, pp. 251-260).

Ateu se converte, torna-se católico e chega a ser sacerdote, após ler diário espiritual de sua esposa que rezou por ele durante toda a sua vida

Elisabeth Arrighi Leseur (nascida a 16.10.1866 e falecida no dia 03.05.1914), cujo nome de batismo era Paulina Elisabeth Arrighi, foi uma mística francesa conhecida por seu diário espiritual e pela conversão de seu marido, Félix Leseur (1861-1950), médico e conhecido líder do movimento anticlerical e ateu francês. A causa de sua beatificação se iniciou em 1934.

Elisabeth nasceu em Paris, numa rica família de origem corsa. Quando criança teve hepatite, enfermidade que voltou a ter ao longo de sua vida com ataques de gravidade variáveis.

Em 1887 conheceu Félix Leseur, também nascido de família rica e católica, com o qual ficou noiva. Porém, dois anos depois, um pouco antes do casamento realizado em 31 de julho de 1889, descobriu que o mesmo havia deixado de ser católico praticante. Além do mais já era notório materialista e colaborador de periódicos anticlericais de Paris. O ambiente em que havia nascido e crescido Elisabeth, porém, era formado por gente que, apesar de culta, educada e rica, era geralmente anti-religiosa. O vínculo matrimonial era forte, apesar de obscurecido pela falta de filhos e por um crescente desentendimento religioso.

O Dr. Leseur fez tudo o que pôde para extinguir a fé de sua esposa, tentando convencê-la a ler obras de autores racionalistas, como as obras de Ernest Renan, “As origens do Cristianismo” e “A Vida de Jesus”.

No entanto, Elisabeth percebia claramente a fragilidade das teses racionalistas como as de Renan, confrontando sempre a validade de seus argumentos e se dedicando com afinco ao estudo da Religião, do Evangelho e do Tomismo, de São Tomás de Aquino.

Os ataques do marido ao Cristianismo levou-a a sair de sua religiosidade convencional que tinha sempre vivido no seio de sua família, e passou a sondar mais profundamente sua Fé. Desta forma, teve ela mesma uma conversão religiosa aos 32 anos de idade.

A partir de então considerou como sua principal tarefa trabalhar e rezar pela conversão de seu marido, permanecendo paciente ante os constantes ataques que o mesmo fazia à sua fé religiosa.

Quando podia, trabalhava em projetos de caridade para com as famílias pobres e fundou algumas atividades caritativas. Seu marido desconhecia sua vasta correspondência espiritual durante muitos anos. Sua saúde, porém, se deteriorava e reduzia sua capacidade de exercer a atividade pastoral em prol do próximo.

Em 1907 sua saúde se deteriorou de tal forma que se viu forçada a levar uma vida sedentária, recebendo visitas e dirigindo sua casa a partir de uma poltrona. Em 1911 sofreu uma cirurgia e radioterapia por causa de um tumor maligno, do qual se recuperou e depois teve que ficar acamada até julho de 1913. Morreu de câncer generalizado a 3 de maio de 1914.

Espiritualidade

Desde o início organizou sua vida espiritual em torno de um padrão de disciplina de oração, meditação, leitura, prática sacramental e escrita. A caridade era o princípio norteador de seu ascetismo. Em sua abordagem da mortificação ela seguia a São Francisco de Sales, que recomendava moderação e estratégias internas ocultas no lugar de práticas externas.

Legado

Depois de sua morte, seu marido encontrou uma nota dirigida a ela na qual profetizava sobre sua conversão e que se converteria em sacerdote. Para livrar-se dessas “superstições” Dr. Félix foi ao Santuário de Lourdes com intenção de expor os relatos de curas ali existentes como falsos. Na gruta de Lourdes, sem embargo, passou por uma conversão religiosa.

Posteriormente, Dr. Félix publicou o diário de sua esposa, sob o título de “Journal et pensées pour chaque jour” (Diário e pensamentos para cada dia). Devido a sua aceitação pelo público, um ano depois publicou algumas das cartas de sua esposa sob o título “Lettres sur La Souffrance” (Cartas sobre o sofrimento), em Paris, 1918; depois publicou “La Vie Spirituelle” (A vida espiritual), mesmo ano, e “Lettres à des Incroyants” (Carta aos incrédulos), no ano de 1922.

No outono de 1919 converteu-se em noviço dominicano, sendo ordenado sacerdote no ano de 1923. O padre Leseur passou a maior parte de seus restantes 27 anos de vida falando publicamente sobre os escritos espirituais de sua esposa. Acabou por colaborar para a abertura da causa de beatificação de Elisabeth em 1934.

No ano de 1924, Fulton J. Sheen, que mais tarde seria arcebispo e uma figura muito popular na TV e no rádio americanos, fez um retiro dirigido pelo padre Leseur. Em muitas horas de direção espiritual, Sheen teve conhecimento da vida de Elisabeth e da conversão de Félix. Posteriormente, Fulton Sheen repetiu essa história de conversão em muitas de suas palestras e apresentações, tanto no rádio quanto na TV.

Fontes e Referencias:

Leseur O.P., Fr. Felix, “In Memoriam”, Journal et pensees de chaque jour, Paris, 2005;

Ruffing R.S.M., Janet K., “Physical Illness: A Mystically Transformative Element in the Life of Elizabeth Leseur”, Spiritual Life, Vol.40, Number 4, Winter 1994; Ruffing R.S.M., Janet K., “Elizabeth Laseur: A Strangely Forgotten Modern Saint”, in Lay Sanctity, Medieval and Modern, Ann W. Astrell, ed. * Sheen, Fulton J. “Marriage Problems” (part 40 of a recorded catechism, available online)

3. CONVERSÕES DE PAGÃOS

MUÇULMANO CONVERTIDO AO CATOLICISMO

(Filho de importante família)

Joseph Fadelle pertencia a uma das mais importantes famílias muçulmanas xiitas do Iraque, o clã Moussavi. Seu pai, como chefe do clã era uma espécie de juiz e resolvia as pendências entre os membros do clã. Ao mesmo tempo era detentor de grande fortuna e prestígio.

Em 1987 Fadelle foi convocado para o exército do Iraque, então sob o domínio de Saddam Hussein, em plena guerra desse país com seu vizinho, o Irã. A essa altura ele tinha 23 anos e era solteiro.

Enviado para uma guarnição na fronteira com o Irã, ele foi alojado num quarto juntamente com um cristão. Ao saber que ia ficar com um cristão ele ficou indignado, pois como muçulmano e de uma família que descendia de Maomé, isso era uma insulto.

O desafio: você entende o Corão?

Mas, o cristão, de nome Massoud, era mais velho do que ele e o acolheu com gentileza, de modo que, pouco a pouco as prevenções foram caindo. Fadelle concebeu o plano de convertê-lo para o Islã. Numa ausência de Massoud, vendo entre seus livros um com o título *Os Milagres de Jesus*, ficou curioso e começou a lê-lo. Ele não tinha a menor ideia de quem se tratava, pois no Corão Jesus é chamado de Isa, mas ficou encantado com os milagres, como o das Bodas de Caná e atraído pela figura de Jesus.

Porém, ainda com o desejo de converter Massoud ao Islã, um dia perguntou-lhe se os cristãos tinham também um livro sagrado, como o Corão. Tendo tido a resposta de que os cristãos tinham a Bíblia ele pediu para vê-la, achando que seria fácil refutá-la.

Para surpresa sua, Massoud negou-se a mostrar o livro cristão e lhe fez uma pergunta surpreendente: se ele tinha lido o Corão. Tal pergunta era ofensiva para quem tinha sido criado no Islã, mas ele respondeu apenas que o tinha lido. Então veio a nova pergunta, esta sim, embaraçante: ***“Você compreendeu o sentido de cada palavra, de cada verso?”***

Conta o futuro cristão que essa pergunta penetrou-lhe no cérebro como um dardo incandescente, pois, segundo o Islã o que importa não é entender o Corão, mas apenas lê-lo. Diante de seu embaraço, seu companheiro fez-lhe a seguinte proposta: que ele lesse de novo o Corão, mas agora procurando entender cada frase; depois disso ele lhe emprestaria o livro dos cristãos.

Desencanto com o Corão e um sonho místico

Muhammad aceitou a proposta o que veio mudar-lhe completamente a vida. Pois, à medida que procurava entender o sentido do que estava escrito no Corão, se dava conta de que havia muita coisa absurda ou sem sentido. A consulta a um Imã não lhe resolveu as dúvidas e cada vez mais ele foi ficando desencantado com o livro islâmico.

Era como se escamas caíssem de seus olhos e ele passasse a ver pela primeira vez o que realmente dizia o Corão. Finda essa leitura atenta,

meditada, ele chegou à conclusão de que esse livro não podia ser de origem divina.

Foi então que se passou um fato de natureza mística que preparou a sua conversão. Ele sonhou que estava num prado, à beira de um riacho e via na outra margem um homem muito imponente, extremamente atraente. Ele tentou pular para a outra margem, mas ficou parado no ar até que o misterioso personagem o tomou pela mão e o trouxe para junto de si e lhe disse: ***“Para atravessar o riacho, é preciso que tu comas o pão da vida.”*** Em seguida ele acordou.

O choque da conversão: Jesus é o pão da vida

Sem mais pensar no sonho, ele afinal conseguiu de Massoud o empréstimo dos Santos Evangelhos. Abrindo-o, deparou com o Evangelho de São João. A leitura o absorveu totalmente, fazendo com que ele sentisse grande bem-estar. Em dado momento, ficou profundamente emocionado por encontrar no livro as misteriosas palavras do sonho: “o pão da vida.” As palavras de Jesus no Evangelho eram claras: ***“Eu sou o pão da vida: aquele que vem a mim não terá fome, e aquele que crê em mim jamais terá sede.”*** (João, 6:35).

Narra ele: ***“Então se passou em mim algo de extraordinário, como uma deflagração violenta que leva tudo à sua passagem, acompanhado de uma sensação de bem estar e calor... Como se, de repente, uma luz brilhante iluminasse a minha vida de uma maneira inteiramente nova e lhe desse todo seu sentido. Tive a impressão de estar ébrio, ao mesmo tempo em que dominava em meu coração um sentimento de uma força indizível, uma paixão quase violenta e amorosa por este Jesus Cristo do qual falam os Evangelhos!”***

O preço da conversão: a morte

A conversão foi plena, total e duradoura. Ele queria que Massoud o ajudasse a se transformar num cristão, mas aí encontrou resistência. Pelas leis islâmicas, um muçulmano que abandona o Islão, tornando-se cristão, deve ser morto, assim como aqueles que o levaram à conversão.

Em todo o caso, Massoud o ensinou a rezar e os dois passavam o tempo livre lendo os Evangelhos e rezando.

Mas, o cristão foi liberado do exército enquanto Muhammad estava de licença e este não o encontrou quando voltou. Pouco depois ele também foi liberado e voltou para a casa dos pais.

Anos de provação

Para Fadelle começou a grande provação que ia durar anos, exigindo dele uma fidelidade sem par.

Conforme lhe recomendara Massoud, ele procurava esconder sua conversão da família, embora evitando, sob vários pretextos, participar das orações muçulmanas em comum, com a família. Ao mesmo tempo ele tentava aproximar-se dos cristãos. Mas estes, temiam aceitá-lo nas igrejas, por não conhecê-lo, e temerosos pelo clima de perseguição em que viviam.

O consolo de Fadelle era ler, às escondidas, a Bíblia que havia ganhado de Massoud, meditando especialmente os Evangelhos. Por fim ele conseguiu,

através de um cristão com o qual fez amizade, frequentar uma das igrejas, mas o tão ansiado batismo não se realizava.

O tempo foi passando e em 1992, seu pai comunicou-lhe que tinha arranjado uma noiva para ele e que ele devia se casar. Tratava-se de uma moça do mesmo meio social e, evidentemente muçulmana, chamada Anuar.

Após o casamento e o nascimento de um filho, Fadelle, que continuava a frequentar a igreja secretamente, encontrou um Missionário estrangeiro no Iraque que aceitou prepará-lo para o batismo. Mas aconteceu então algo inesperado. Sua mulher, que não entendia aonde ele ia todos os domingos, um dia, quando ele voltava da missa, o interpelou, julgando que ele estivesse indo ver outra mulher. Pego de surpresa e sem pensar no que ia dizer, Fadelle respondeu que ela se enganava: o que acontecia era que ele era cristão e estava indo à missa todos os domingos.

Conversão de sua mulher

Sua mulher ficou totalmente chocada com a notícia de que ela estava casada com um cristão. Descomposta, ela fugiu e se trancou no quarto. Depois, na ausência do marido, pegou o filho e foi para a casa da mãe.

Fadelle deu-se então conta do perigo. Ela iria contar para a família dela que ele era cristão e com isso ele seria condenado à morte. No entanto, por um milagre, a mulher não disse nada aos familiares e depois aceitou voltar para casa. Mais do que isso, ela pediu que ele explicasse melhor o que era o cristianismo. Ele empregou o mesmo método que Massoud tinha usado com ele: pediu que ela lesse o Corão procurando prestar atenção no sentido das palavras, na doutrina expressa. E como acontecera com ele, ela também ficou chocada, especialmente com o modo como o livro islâmico trata a mulher.

Depois de ler os Evangelhos, Anuar começou a frequentar com o marido, às escondidas, a igreja e a ter aulas de religião com o missionário.

Ameaça de morte e prisão

Em 1997, deu-se um fato capital na vida de Fadelle. Sua família acabou percebendo seu distanciamento do islã e ficando desconfiada de que algo estava acontecendo. Em uma ausência do casal, que tinha ido à igreja, seus irmãos revistaram sua casa e descobriram o exemplar da Bíblia. Interrogando seu filho criança, este fez o sinal da cruz que havia aprendido dos pais.

No dia seguinte, de manhãzinha, Muhammad foi levado à casa dos pais sob um pretexto urgente. Quando entrou na sala principal, imediatamente começou a ser espancado pelos irmãos e tios, na presença do pai. Este, no auge da indignação o acusou de ser cristão, mas, o mais terrível foi ouvir sua própria mãe proferir estas palavras inauditas:

“Matai-o e jogai seu corpo no esgoto!”

Embora ele não tenha sido morto nessa ocasião, Fadelle foi levado por um primo, membro da polícia secreta, para a prisão política de Saddam Hussein. A intenção era torturá-lo para que ele revelasse o nome dos cristãos que o tinham “corrompido.” Durante três meses ele foi duramente torturado e perdeu quase a metade de seu peso, sendo depois libertado sem nada revelar. A família fingiu que tudo tinha sido um engano, mas pôs uma de suas irmãs para morar em sua casa para vigiá-lo.

Fuga do Iraque e batismo

Usando vários estratagemas, Fadelle conseguiu manter o contato com o missionário, o qual, entretanto, mandou que ele deixasse o Iraque, por proteção própria e dos cristãos de Bagdá.

Afinal, em abril de 2000, depois de muitas peripécias, o casal e dois filhos (havia nascido uma menina), conseguiram fugir para a Jordânia onde, por fim ele pode realizar seu tão ansiado sonho: ser batizado. E não somente ele, mas também sua mulher. Ele tomou o nome de João (mas ficou conhecido como José) e ela de Maria.

A tentativa de assassinato

Entretanto, a tranquilidade para praticar o catolicismo ainda não tinha sido encontrada. Sua família, quando percebeu sua fuga, passou a procurá-lo e acabou por localizá-lo na Jordânia. Em dezembro do mesmo ano, quatro de seus irmãos e um tio, conseguiram atraí-lo para um lugar deserto onde, após breve discussão, em que exigiam sua apostasia do cristianismo, tentaram executar a fatwa que o condenava a morte por abandonar o Islã. Por milagre os tiros dados, apesar de serem a queima-roupa, erraram por pouco o alvo e, apesar de estarem sozinhos, ele ouviu uma voz feminina mandando-o correr, o que ele fez. Afinal, já mais distante, uma bala atingiu seu tornozelo e ele caiu na lama, desmaiando. Seus agressores pensando que ele tinha morrido, fugiram.

Levado por um desconhecido a um hospital e depois tratado por médicos cristãos em sua casa, Fadelle recebeu ordem das autoridades eclesiásticas jordanianas de abandonar o país para não pôr em risco a comunidade cristã. Obteve refúgio na França onde vive até hoje.

A beleza de uma alma reta

O modo como Fadelle se deixou atrair pela graça para o catolicismo, mostra como sua alma tinha uma profunda retidão e como sua pertença ao Islã era apenas fruto das circunstâncias de nascimento e família. Ele estava preparado para, posto em contacto com a verdade, aceitá-la, ainda que isso o levasse a perder todos os confortos e privilégios de uma posição social elevada e a sofrer terríveis perseguições, inclusive o risco de vida.

Sua conversão e a de sua mulher, fazem ver como existe a possibilidade de conversão de muçulmanos e como muitos anseiam, sem o saber por esse “**pão da vida**,” que é Nosso Senhor Jesus Cristo.

Rezemos por essas almas e pelos cristãos tão perseguidos nos países islâmicos.

Fonte:

http://www.abim.inf.br/o-preco-a-pagar-autobiografia-de-um-muculmano-convertido-ao-catolicismo/#.V8Q-E_krldU

4. OUTROS CONVERSOS, INCLUSIVE JUDEUS E PROTESTANTES

RABINO ISRAEL ZOLLI

Israel Zoller nasceu em Brodj, Galizia, em 17 de setembro de 1881. Sua família teve o nome italianizado para Zolli. Eram judeus polacos e tinham sido Rabinos durante quatro séculos. Em 1920 Israel foi nomeado rabino de Trieste, que então pertencia ao império austro-húngaro. Ocupou também a presidência da cadeira hebraica de Língua e Literatura na Universidade de Pádua. Em 1940 foi privado da presente posição pelos fascistas e enviado para Roma como Chief Rabbi.

Zolli dedicou todo um capítulo em suas memórias para a ocupação alemã de Roma e elogiou a liderança do Papa: "... O povo de Roma detestava os nazistas e teve intensa compaixão para com os judeus. Ele ajudou na evacuação da população judaica em aldeias remotas, onde foi ocultada e protegida por famílias cristãs. Muitas famílias cristãs no coração de Roma aceitaram judeus em suas casas. Havia dinheiro na tesouraria para o apoio aos refugiados, assim, de miséria escondida. O Santo Padre enviou uma carta à mão para os bispos instruindo-os a levantar o cerco de conventos e mosteiros, de modo que eles pudessem se tornar refúgios para os judeus. Sei de um convento onde as Irmãs dormiam na cave, dando os seus leitos para refugiados judaicos. Face a esta caridade, o destino de tantos dos perseguidos é especialmente dramático."

O rabino Zolli é o mais importante não-católico que testemunha em favor de Pio XII em tempo de guerra na Itália durante a ocupação nazista e a perseguição aos judeus. Um estudioso bíblico cuja coragem e integridade não pode ser contestada, Zolli ficou escondido no Vaticano. Sua esposa e sua filha Miriam foram escondidas em um convento. Elas foram testemunhas oculares da deportação de judeus da Roma pela Gestapo em 1943.

Zolli pediu para ser recebido pelo Papa. A reunião com Pio XII teve lugar no dia 25 de julho de 1944. Notas do Secretário de Estado do Vaticano Giovanni Battista Montini (futuro Papa Paulo VI) confirmam o fato de que em julho 23 o rabino Zolli dirigiu-se à Comunidade judaica na Sinagoga e agradeceu publicamente o Santo Padre por tudo o que ele fez para salvar a comunidade judaica de Roma. Sua palestra foi transmitida por rádio. Em 13 de fevereiro de 1945, Zolli foi batizado em Roma pelo Bispo Auxiliar Luigi Traglia na Igreja de Santa Maria degli Angeli. Presente à cerimônia o padre Agostino Bea, o confessor do Papa e futuro protagonista durante o Conselho no que diz respeito ao diálogo entre as religiões. Em agradecimento a Pio XII, Israel Zolli tomou o nome, Eugenio. Um ano depois, sua esposa e filha também foram batizadas.

Em seu livro, *Antisemitismo*, o rabino Zolli afirma: "World Jewry tem uma grande dívida de gratidão para com Pio XII por seus reiterados apelos à justiça e à prensagem em nome dos judeus, e, quando estes não prevaleceram, pelo seu forte protesto contra más leis e procedimentos".

Zolli, que encontrou abrigo no Vaticano durante a guerra afirmou: "Nenhum herói em toda a história foi mais militante, mais lutaram contra, nada mais heróico do que Pio XII na prossecução dos trabalhos da verdadeira caridade! ... E isto em nome de todas as crianças que sofrem de Deus".

Durante todo o seu papado. Papa Pio XII foi quase universalmente, considerado como um santo homem, um sábio, um homem de paz, uma torre de força, e um defensor compassivo e protetor de todas as vítimas da guerra e genocídio que tinha encharcado Europa no sangue. Ao final da guerra nações ocidentais prestaram homenagem aos seus esforços em nome dos oprimidos. Quando Pio XII morreu, judeus elogiaram-lhe o seu apoio e estiveram entre os primeiros a manifestar a sua gratidão pela presteza e solicitude durante o Holocausto.

RELATO DA CONVERSÃO DE ROY SCHOEMAN

"Cresci como judeu num bairro de classe média na cidade de Nova York, filho de refugiados judeus que haviam fugido da Alemanha no início do regime de Hitler. Meus pais eram ativos na congregação "conservadora" local e tive uma educação judia bastante religiosa. Assisti a estudos de religião depois da escola desde o primeiro grau até a universidade. Frequentemente, ainda que nem sempre, assistia aos serviços do Sabah e às festas religiosas judias. Cresci em contato com rabinos extraordinários, os quais Deus me deu para minha formação religiosa, e até tive que debater se eu tinha vocação religiosa.

O verão ao final de meus estudos secundários, antes de começar a universidade, o passei viajando por todo Israel, com um rabino hasídico⁵¹ (1) carismático e místico, o rabino Shlomo Carlebach, o qual todas as noites oferecia um concerto, que era na realidade uma estática sessão de louvor hasídico. Por algum tempo pensei permanecer em Israel para estudar em algumas das yeshivas⁵² ultra ortodoxas que ali existem (e que constituem o mais próximo do judaísmo para a "vida religiosa"), porém regressei para iniciar meus estudos na M.I.T. (Massachusetts Institute of Technology) em matemáticas e ciências de computadores. Na universidade tratei de preservar meu fervor religioso, e me mantive ativo numa congregação hasídica local, mas logo caí na moral e mentalidade mais típica da M.I.T. Há uma estreita relação

⁵¹Movimento religioso judaico que surgiu no século XVIII, inicialmente na Polônia e Lituânia, mas logo se difundindo por toda Europa ocidental. O termo "hasid", hebraico, significa piedoso.

⁵² **Yeshivá** (do hebraico ישיבה, "assento (subst.)" pl. yeshivot, em português: Jessibá), é o nome dado às instituições que incidem sobre o estudo de textos religiosos tradicionais, principalmente o Talmud e a Torá.

entre a pureza, de mente e de conduta, e a intimidade com Deus. Mesmo que no princípio ele não seja estrito em suas regras, mais cedo ou mais tarde, não pode se esperar que se mantenha a intimidade se não se joga segundo suas regras. À medida que abandonei suas regras, perdi a intimidade.

Ao final da universidade, o prazer da oração não era mais que uma memória abstrata, e me havia imbuído dos caminhos do mundo. Depois de alguns anos desenhando sistemas de computadores decidi assistir à Escola de Negócios de Harvard para estudar doutorado em Administração de Empresas (MBA). Como resultado de um trabalho excepcional, me convidaram a formar parte da faculdade enquanto continuava meus estudos para um doutorado, em preparação para uma carreira no ensino universitário.

Enquanto ocorria tudo isto existia, não obstante, outra dimensão mais profunda em minha vida. Ao perder contato com Deus, também perdi o sentido de propósito e direção em minha vida. Em cada disjunção, selecionava o caminho de menor resistência, o caminho que, aos olhos do mundo constituía o êxito (estar na faculdade da Escola de Negócios de Harvard aos trinta anos era quase um êxito). Sem embargo, a medida que completava dada meta me enfrentava num sentimento cada vez mais profundo de vazio, de falta de sentido nos êxitos. Já para esse então, após uns quatro anos ensinando em Harvard me sentia deprimido interiormente e com uma grande falta de sentido em minha vida, beirando ao desespero. (Eu não era o único que me sentia assim). Um colega na faculdade me confiou que, no dia seguinte em que sua cadeira se tornou permanente, depois de uma década de esforços, quase renunciou, acabrunhado pelo sentimento de vazio e a falta de sentido em tudo pelo que havia lutado. Apesar de haver muito tempo que havia abandonado a vida de oração meu consolo maior durante este período consistia em largas caminhadas solitárias entre a natureza. Foi numa destas caminhadas que recebi uma das graças mais singulares de minha vida.

Era cedo numa manhã em princípios de junho, durante um descanso que me havia tomado no meio da semana para passar dois ou três dias junto ao mar em Cape Cod antes que chegassem as multidões do verão. Estava caminhando pela praia, nas dunas entre Provincetown e Truro, solitário, junto às aves que cantavam antes de eu o resto do mundo despertasse, quando, por falta de melhores palavras “caí no céu”. Senti-me, quase consciente e fisicamente, na presença de Deus. Vi-me passar frente a mim, vendo-me como se estivesse repassando-me na presença de Deus depois da morte. Vi tudo o que me agradaria e tudo o que me pesaria. Dei-me conta, num instante, que o significado e o propósito de minha vida era amar e servir a meu Senhor e meu Deus. Vi como seu amor me rodeava e me sustentava em cada momento de minha existência. Vi como tudo o que fazia tinha um conteúdo moral, para o bem ou para o mal, e como tudo contava muito mais do que jamais pude imaginar. Vi como tudo o que me havia acontecido em minha vida havia sido o mais perfeito que podia se preparado para meu bem, por um Deus que era todo bom, todo amor, e especialmente aquelas coisas que me haviam causado

mais sofrimento quando ocorreram. Vi que os dois pesos maiores no momento de minha morte seriam todo o tempo e energia desperdiçados, preocupando-me porque ninguém me queria, quando em cada momento de minha existência encontrava-me no meio do inimaginável e imenso mar do amor de Deus; e cada uma das horas desperdiçadas, sem fazer nada de valor aos olhos de Deus. A resposta a qualquer pergunta que me surgia era respondida instantaneamente. Tem mais: não podia perguntar-me nada sem que já não supusesse a resposta, com uma exceção de grande importância – o nome do Deus que se me revelava como significado e propósito de minha vida. Não pensei nele como o Deus do Velho Testamento, a quem levava em minha imaginação desde minha infância. Rezei para que me revelasse seu nome, para saber que religião devia seguir, para poder adorá-lo devidamente. Lembro haver rezado, dizendo: “Permita-me conhecer teu nome – não me importa se sois Buda, e tenho que me fazer budista; não me importa se sois Apolo, e tenho que converter-me num pagão romano; não me importa se sois Krishna e tenho que converter-me em hindu; contanto que não sejas Cristo e tenha que tornar-me cristão!”

Esta profunda resistência ao cristianismo se baseava num sentimento de que o cristianismo era o “inimigo”, a perversão do judaísmo que havia sido a fonte de dois mil anos de sofrimento para os judeus. Como resultado, este Deus que se havia revelado a mim na praia, que havia escutado minha oração, também havia escutado minha recusa de conhecê-lo, e respeitava minha decisão. De modo que não recebi resposta nenhuma a minha pergunta.

Voltei para a minha casa em Cambridge e para minha vida rotineira. Sem embargo, tudo havia mudado. Passava todas minhas horas livres na busca deste Deus, no silêncio em meio da natureza, lendo e perguntando a outros sobre estas experiências místicas. Como encontrava-me em Cambridge, na década de 1980, era inevitável o seguir algumas das sendas da Nova Era, e terminava lendo escritos espirituais hindus e budistas. Sem embargo, um dia, caminhando na Praça de Harvard, chamou-me a atenção a capa de um livro na vitrine de uma banca. Sem saber nada do livro, nem de seu autor, comprei “O Castelo Interior” de Santa Teresa de Ávila⁵³. O devorei, encontrando um grande alimento espiritual em seu interior, porém não acreditava nas alegações do cristianismo.

Continuei nesta trajetória eclética, indiscriminatória, pelo tempo de um ano. No dia exato em que se cumpriu um ano de minha experiência na praia, recebi a segunda graça extraordinária de minha vida. Admito com franqueza que, em todos os aspectos exteriores, o que ocorreu foi um sonho. Não obstante, enquanto estava dormindo sabia muito pouco nem tinha nenhuma simpatia especial pelo cristianismo, nem nenhum de seus aspectos. No entanto, quando despertei me sentia completamente encantado pela

⁵³ Santa Edith Stein conta em suas notas autobiográficas que foi lendo a mesma obra que conheceu interiormente o caminho de sua conversão.

Santíssima Virgem Maria e não desejava mais nada do que tornar-me tão totalmente cristão quanto pudesse. No “sonho” fui conduzido a uma habitação e se me concedeu uma audiência com a jovem mais bela que jamais podia haver imaginado. Sem medir palavras, sabia que era a Santíssima Virgem Maria. Ela esteve de acordo em contestar qualquer pergunta que lhe fizesse, e recordo que me encontrava ali, baralhando várias possíveis perguntas em minha mente, e fazendo-lhe quatro ou cinco delas. Me as contestou, e então falou-me por vários minutos, terminando a audiência. Minha experiência com o ocorrido, e minhas lembranças, são de algo sucedido comigo completamente desperto. Recordo todos os detalhes, incluindo naturalmente as perguntas e as respostas, mas tudo empalidece em comparação com o aspecto mais importante desta experiência: o êxtase de estar em sua presença, na pureza e intensidade de seu amor.

Quando acordei, conforme mencionei, sentia-me completamente encantado com a Santíssima Virgem Maria e sabia que o Deus que se me havia revelado na praia era Cristo. Todavia não sabia quase nada do Cristianismo, e não tinham nem ideia da diferença entre protestantes e católicos. Minha primeira incursão no Cristianismo foi numa igreja protestante, porém quando toquei no tema de Maria com o pastor, sua recusa me fez dizer: vou-me daqui! Entretanto, meu amor por Maria inspirava-me a passar o tempo em santuários marianos, especialmente os de Nossa Senhora de La Salette (no de Ipswich, Massachusetts, e no da aparição original, nos Alpes franceses). Encontrei-me, sem dar conta, presente frequentemente em missas, e embora não acreditasse na Igreja Católica sentia um intenso desejo de receber a Comunhão. Quando me aproximei a primeira vez de um sacerdote e lhe pedi que me batizasse, ainda não tinha nenhuma crença católica. “Por que deseja ser batizado?” Molesto, respondi: “Porque quero receber a Comunhão, e vocês não me deixam se não estiver batizado!” Pensei que me pegaria pela orelha e me expulsaria dali; porém, pelo contrário, me disse: “Ah, esse é o Espírito Santo que está operando em ti!”

Todavia tive que esperar vários e amadurecer em minha fé antes do batismo, mas meu amor a Maria e minha sede pela Eucaristia me guiaram como uma bússola até minha meta. Estou infinitamente agradecido a Deus por minha conversão; estou infinitamente agradecido pelas pessoas que ele pôs em meu caminho, e lhe estou particularmente agradecido pela oportunidade haver escrito este livro, e a ti, amável leitor, por o haver lido”.

NOTA: Roy Schoeman possui um site na internet com interessante nome de “Salvation is from the jews”, “A Salvação é dos judeus”, ou “Salvação dos Judeus”, que é o nome de seu livro, em inglês mas com tradução instantânea para o português. Eis o link salvationisfromthejews.com

UMA PROTESTANTE CONTA SUA PRÓPRIA CONVERSÃO

A História da Conversão de uma Alma (Minha Alma)

Como a Menor das Criaturas consegue falar do Reino de Deus

Chegou a hora...

Esta é a história real de uma alma que encontrou enfim o aconchego da verdade absoluta. Pode alguém desejar pensar – é ínsito ao ser humano pensar - que é somente mais uma entre tantas histórias de tantos outros seres humanos que encontram o seio materno da Igreja Cristo. Eu até concordaria se a história que narro não fosse a história da minha vida, que possivelmente não representaria muito para tantos que pudessem ler tão emocionadas linhas, mas no entanto é minha vida, e ela significa muito pra mim, e significou além das medidas humanas para um jovem homem que se auto-intitula “a menor das criaturas”. Foi essa criatura “tão pequena” que tornou possível o preenchimento do infinito espaço de minha alma pela certeza do amor incontestável da Igreja de Cristo.

Meu nome é Maria Evora, tenho 45 anos, sou viúva de um excelente marido e tenho três filhos. Nasci em um lar protestante tradicional, sempre vivi tal ambiente. Nele que recebi toda a minha formação luterana tradicional juntamente com a educação formal. Estudei filosofia e os escritos reformados; também durante vinte anos mantenho o estudo da astronomia como uma ocupação diária. A razão sempre foi pra mim o único sinônimo de obtenção da verdade. Tudo que estudo e faço não se dá fora da persuasão e da investigação dos fatos que tornam claras as evidências do conhecimento científico. No lar familiar que cresci como cristã, todos nós éramos praticantes fidelíssimos das orações, embora estivessem sempre acompanhadas de ferozes críticas aos católicos. Não era difícil em meio a orações que julgávamos ser corretas, manifestarmos palavras como:

“Senhor, convertei os católicos idólatras, tirai-os do Papa”; ou ainda,

“Pai, como são eles pecadores e tão perdidos no papismo”.

Quando me casei, foi meu desejo junto do meu falecido esposo tornar nosso lar um lar estritamente arraigado no protestantismo. Educando nossos filhos da prática dos ensinamentos reformados teríamos uma vida tranquila, sem complicações. Construí minha vida sendo inimiga declarada da Igreja Romana. Estudei com afinco os ensinamentos de Erasmo de Roterdão, João Wesley e João Calvino, logrando neles a pura razão. Estava sempre pronta para o debate, no entanto, a mesma razão que eu sempre julguei ter, era terminantemente perdida quando argumentava com um católico romano:

“Você não tem conhecimento”- dizia sempre com dureza.

“Sua Igreja é uma mancha na história, e somos nós protestantes os libertadores do poder profano dos Papas”.

Que razão eu teria em tais argumentos? Certamente na época todos eram muito convincentes ao meu egoísmo, ao ponto de serem verdadeiras vendas que me impediam de olhar com profundidade para outras realidades. Usando dos conceitos por mim previamente elaborados, tinha-me sempre por vencedora, mesmo na verdade sendo a perdedora mais eficaz que o protestantismo já teve. Ninguém se daria a conversar com alguém que perdesse de início qualquer capacidade argumentativa e usava de ironias e agressividades para o que eu julgava ser um diálogo.

A fórmula que resumia minha fé – e toda minha agressividade contra os católicos – estava contida na manifestação de Lutero diante do Imperador Carlos V e dos príncipes da Alemanha, quando prestou contas de seu ensino reformado:

“Já que me pede uma resposta, darei uma que não deixa margem de dúvidas. A não ser que alguém me convença pelo testemunho da Escritura Sagrada ou com razões decisivas, não posso retratar-me. Pois não creio nem na infalibilidade do Papa, nem da dos Concílios”.

Como me soava certa tal manifestação do reformador diante dos reis e príncipes. Lutero não dividiu somente o cristianismo, mas dividiu a Europa. Tudo que a Igreja Católica tinha mantido firme com a queda do Império Romano, o frei agostiniano tentou destruir com sua pretenciosa e malfadada Odisséia.

De um fato eu estava certa, e era exatamente ter a convicção de querer estar no caminho da verdade, não me furtando do direito de sempre buscar as respostas que nenhuma filosofia moderna poderia me dar. Estava feliz no meu protestantismo, pois nem a Igreja que existia durante dois mil anos era capaz de me convencer do contrário. Certamente o Cardeal Newmann estaria dando gargalhadas de mim, ele mesmo um opositor do catolicismo dos mais eficientes, e acabou - depois de desejar provar que a Igreja Católica não era a Igreja de Cristo - afirmando que tal Igreja jamais errou, rendendo-se aos sacramentos de Roma e eleito Cardeal.

Qualquer momento para mim era propício ao ataque; se me falavam de sacramentos, eu tinha na ponta da língua a Confissão Luterana de Augsburgo; se alguém tivesse o atrevimento de discorrer sobre a Bíblia, ligeiramente eu me municiava das traduções luteranas dos Textos Sagrados; se algum mestre ensinava sobre a sucessão dos apóstolos, tão naturalmente eu reagia com o falso axioma protestante da Igreja presente em todos os lugares – ainda que não admitisse sob nenhuma hipótese que se a Igreja de Cristo estava em todos os lugares, logicamente também estaria na Igreja Católica. Meu ego me afogava em profunda cegueira. Era feliz em minha vida construída sobre as mais movediças das areias, e não sabia que minha mansão iria ruir apesar do meu convencimento de que o protestantismo era em si a essência única do cristianismo.

Estudava horas os escritos protestantes, dedicando-me especialmente às Confissões Reformadas: Augsburgo, Belga, Escocesa, Westminster, Gaulesa, New Hampshire, Saxônica, Tetrapolitana e Wurtemberg. Todas elas eram claras – mesmo que obscuras – quanto ao que eu mais desejava: derrotar o Papado e os Bispos Católicos; fazer ruir os pilares de Roma, como se isso fosse possível!

Apesar de feliz em meu palacete de argumentos, sempre me incomodei com um fato inexoravelmente intrigante, na indagação – que era mais uma ferida aberta e escondida de todos - de que um fiel do protestantismo e de todas as suas ramificações – pois temos que admitir que o protestantismo já nasceu dividido com Martinho Lutero, Ulrich Zwinglio e Felipe Melancton – era mais um objeto de posse dos pastores, mestres e doutores em protestantismo do que um membro efetivo do corpo que eles julgavam ser igreja. Somos muito mais uma fonte de números e valores do que fiéis em sentido estrito, ou seja, pessoas que aderem aos ensinamentos de Lutero e demais reformadores pelo fato de realmente crermos no que eles ensinaram. Não importa a fé, o que é

necessário e quantos mais puderem se opor ao poder dos Papas. Infindáveis discussões foram travadas com mestres e doutores em protestantismo. Eu meconsiderava mais uma entre tantos outros e que nos faltava uma mística profunda, que nos tornassem ainda mais virtuosos, invés de nos julgarmos santos já em vida. Esse pensamento sempre justificou atitudes extremamente controvertidas de nossos mestres, ao ponto que tornava legítimo ainda mais o poder profano de desejar possuir números e cifras e não fiéis verdadeiros.

Entre minhas intrigas mais atrozes, estava também uma questão se que se apresentava extremamente complexa: - *“Sendo o protestantismo já dividido já no seu nascimento, se o cristianismo pedisse socorro à unidade, seríamos nós protestantes ramificados em infinitas denominações, o meio eficaz de manter a unidade? Se um colapso cultural e jurídico como foi a invasão dos Bárbaros no século IV novamente ocorresse, toda a nossa filosofia e teologia seria suficiente para manter nossos modos de vida? Supondo que a humanidade clamasse por auxílio ao protestantismo não seríamos nós muito mais um grande grupo de denominações controversas entre si, que possibilitam acusações mútuas para engrossar cada qual suas fileiras, do que de fato prestar auxílio ao ser humano perdido, especialmente por eventos históricos que não poderemos evitar?”* - Estava aí o meu calcanhar de Aquiles e nunca pude imaginar que alguém seria capaz de decifrar em mim esse código. Qualquer momento que fosse possível que eu questionasse a minha fé radicalmente protestante, em razão dessa falha estrutural tanto do protestantismo quanto dos protestantes – quanto de mim - lembrava-me da Igreja Católica tão profana e herética, da ousadia e coragem de Lutero e dos reformadores, e tudo voltava ao normal. Meu palacete construído em areia ainda não tinha sofrido os efeitos da ventania, até o dia que conheci “a menor das criaturas”.

Entre meus mais admirados versados na doutrina luterana, estava um senhor de nome João Vital, morador de Lisboa e grande conhecedor das Sagradas Escrituras. Homem dado ao debate, sempre me outorgava sua presença e paciência. Perguntei-lhe certa vez:

- *Somos tantos espalhados em infinitas denominações, então se a unidade do mundo dependesse de nós, o que teríamos a oferecer?*

Ele respondeu:

- *Maria, essa não é nossa razão de existir, temos que manter a tradição protestante, isso nos basta! Se somos aqueles que desde a reforma protestante são os opositores do Papado, devemos permanecer fiéis ao que nos é dado como regra. As intenções de Lutero foram sinceras; não podem ser perdidas por causa de nossas dúvidas pessoais.*

Repliquei:

- *Mas é Cristo que pede a unidade? Então, se três dias após Lutero romper com as estruturas canônicas de Roma já estavam discutindo Zwinglio e Melancton sobre suas visões diferentes de Lutero e querendo dividir a Europa, isso significa que não há unidade em nós!*

A resposta foi fria e sem sentido:

- *Lutero desejou apenas reformar a doutrina cristã, negando o poder dos Papas. É isso que devemos saber e seguir. Qualquer outra forma de pensamento não condiz com o que professamos, assim se tivermos que dividir para conquistar ainda mais, que exista pois a divisão em nome do Evangelho e do luteranismo!*

Sei que nunca poderia colocar em linhas minha decepção. Tive a sensação de ser um mero objeto de um conflito de interesses que teria fim somente na grande consumação dos tempos. De um lado estava uma Igreja que admitidamente sobrevivia após dois mil anos, e de outro uma doutrina com apenas quinhentos anos de caminhada. Se sopesássemos as duas numa justa medida, não nos sobraria mais nada do que lamentar por mil e quinhentos anos que nunca existimos. Sentia calafrios ao cogitar a possibilidade de que no fim perderíamos tudo, porque Roma se erguia imponente enquanto nós estávamos dispersos sem qualquer unidade. Os católicos tinham contra mim um argumento infalível: *eram os mesmos em doutrina e na fé desde os primórdios apostólicos*.

Foi pelo protestantismo que conheci toda a Europa e o Brasil. Era participante assídua dos eventos protestantes e principalmente uma de suas entusiastas: - *“preciso levar a verdade mesmo com dúvidas concretas e incômodas sendo partes de meu existir”*. Calhou-me uma viagem ao Brasil, para visitar amigos em São Paulo, Valinhos e Campinas, cidades promissoras onde mantínhamos círculos de ensinamentos protestantes e educação bíblica. Era prazeroso assim fazer pelos menos uma vez ao ano. Viajava feliz de Portugal ao Brasil para ajudar a criar novos combatentes do protestantismo, e também outros tantos inimigos do Papa e da Igreja Católica. Soava como divertimento rir da ignorância dos católicos - e como me sentia bem e me acalmava os ânimos - ao ponto de decorrerem horas de sátiras tão cruéis. Qualquer um dos tantos que estivessem conosco se tornavam críticos do catolicismo, com argumentos muito mais difamantes da honra dos católicos do que edificantes ao protestantismo.

Era o mês de abril de 2007, estávamos em Valinhos quando se apresentou a possibilidade de viajarmos até o sul de Minas Gerais, onde teríamos meios de nos encontrarmos com eminentes estudiosos do protestantismo numa chácara na cidade de Passos. Desejava conhecer a fé luterana da região que deu ao protestantismo presbiteriano a pessoa de Rubem Alves, um professor tão notório quanto lido entre os que adotam sua linha mais progressista. Apesar de que nunca me senti tal, não podia negar o fato de que ele representava toda a fé reformada que eu tanto orgulhava possuir. Prontamente tomamos todas as medidas para irmos felizes conhecer nossos irmãos e nos deleitarmos em ensinamentos sobre o protestantismo e quem sabe criticarmos com mais rigor os católicos romanos. Não sabia que meu alçapão já estava me esperando com um dos meus pés já dentro dele.

Chegando na cidade, eis que conheci um templo presbiteriano bem no centro onde eu estava hospedada conjuntamente de outros amigos. O templo era estilo bem romano e se erguia entre outras construções de uma cidade muito bonita. Mesmo assim a expectativa para o encontro no final de semana era enorme e mal podia ter meios de arranjar momentos para passar o tempo que era severo em não me beneficiar com a velocidade. Totalmente inquieta e ansiosa ao ponto de transpirar pelas mãos, eis que uma de minhas companheiras de nome Graciela me fez um convite para o próximo dia - que seria um lindo sábado ensolarado; um dia em que grande sinal da luz em que em mim já estava raiando nasceria, uma nova aurora já dava sinais de alvorecer - de ir até uma palestra que seria realizado por seu curso universitário de ciências jurídicas. Não me interessei e me sentia perdida diante da ansiedade, mas confesso que considerava cansativo ouvir uma palestra de

um ramo do conhecimento que eu não dominava, afinal eu era protestante e só a religião tinha toda a minha adesão de consciência e de estudo, ao lado de minha amada astronomia. Para minha surpresa, a senhorita que me acompanhava – tão ou mais protestante que eu – me disse: - *“vamos, irá gostar! Será uma aula sobre direitos humanos e religião”*. Soou-me de repente um pouco mais interessante, pois o que poderia ter dos mestres do protestantismo como Wesley, Lutero, Calvino, Zwinglio e Melancton na história dos direitos humanos? Aceitei o convite.

Na linda manhã de sábado o sol se fez presente. Acordei com um pensamento latejante na cabeça: - *“quisera entender melhor o protestantismo para enfim dar a ele os contornos que tanto falta em sua doutrina, assim, nós, seus professores, não iremos nos sentir apenas um número dos interesses da igreja”*. Aquele remoer cognitivo já era a semente do que cerca de horas depois seria o mudança mais radical que uma mulher nos seus quarenta e três anos de vida – à época - já havia experimentado. O centro de eventos era próximo, tanto que caminhamos três quadras até chegar ao local. Lá vi alunos da universidade estadual chegando para a aula, que apesar de ser realizada pela academia, estava aberta ao público em geral. Adentramos pelo centro de eventos e um grande número de pessoas se fazia presente. Muitos com seus cadernos e livros, outros de terno a rigor, enquanto outros não tão bem postados. Quando é anunciado o palestrante, o meu inconsciente esperava um senhor já gasto pelos anos e com o vocabulário de um ancião - foi esse o meu primeiro engano dia, e outro maior ainda me aguardava. Sobe um jovem no plenário, estava muito bem vestido de terno preto, uma linda camisa branca e uma gravata muito bem disposta - ao estilo de um europeu muito fino. Imediatamente associei aquela figura aos jovens estudiosos de nossa doutrina. O rosto era de uma criança, mas transparecia segurança - o que me entusiasmou – seria ele um grande pastor protestante, especialmente daqueles caracteres que arrebatam toda uma assembléia de fiéis com seus discursos e pregações fundamentados na Sola Scriptura Luterana?

De tal forma projetei tal imagem que me senti logo identificada com sua pessoa, no entanto, sofro o meu segundo engano do dia. Ao lado de minha companheira digo:

“Agora sei porque me convidou! Porque esse jovem é um grande orador de nossa fé. Estou feliz por estar aqui”.

Mas a negativa foi cortante:

“Não Maria! Ele é católico, e não é daqueles que vão à missa uma vez ao ano. Alguns dizem que ele é conservador, mas eu acho que não, porque nunca ouvi ele agredir o protestantismo.. Apesar de nunca ter conhecido sua vida”.

Não consegui esconder a decepção. Tive que me recompor em pouquíssimo tempo em razão de ser aberta a aula e o silêncio reinar no plenário. Desejava sair pela porta mais próxima, o que foi impossível porque certamente iria sozinha. O jovem professor se apresentou com o nome de Carlos Eduardo – tinha uma voz firme e vibrante – e começou a proferir os ensinamentos. Discorreu sobre os escolásticos, especialmente sobre São Tomás de Aquino. Citou São Boaventura para falar da beleza do ser humano como um ser criado para as realidades supremas, e que deste pensamento foi construída toda a fundamentação dos direitos humanos.

Ouvi:

“Todo homem tem direitos humanos não só em razão de ter condição humana. Se pensássemos assim, estaríamos retirando a humanidade uma condição importantíssima de sua natureza, que é um ser que possui moral. Se cada ser humano fosse somente um corpo, e pior, sem moral, não poderíamos falar de valores supremos. Os direitos humanos são o que são porque estão dispostos pela razão da moral. O homem e a mulher possuem direitos humanos pelo fato de possuírem a marca definitiva da moral impressa em suas consciências, ou como melhor definiria, em suas almas. Imprimir na alma a moral é fruto de um ser supremo, dessa forma, cada ser humano detém uma condição de realeza sobre as demais criaturas”.

Continuou:

“Os escolásticos, especialmente Tomás de Aquino, deram o salto que nenhum filósofo grego tinha conseguido dar. A democracia grega tinha se mostrado impotente de resolver conflitos da intimidade, pois era eficaz somente no coletivo das decisões tomadas e dos discursos da Ágora Ateniense. A moral não destrói a natureza humana, porém a qualifica, a capacita, a torna apta para o reconhecimento do ser humano como um ser que possui moral, e deve viver no reconhecimento da moral própria e da moral do próximo, logo, moral universal, porque a moral não é mutável de acordo com o tempo e aos critérios individuais de cada pessoa; ela é perene e se aplica igualmente aos seres humanos indistintamente”.

O espanto era enorme, pois como poderia em plena Idade Média – tão obscura pelo catolicismo – ser possível a presença de elementos tão fortes em benefício do ser humano? Foi exatamente contra isso que Martinho Lutero havia lutado, ou seja, para libertar o povo da opressão dos Papas! Engano meu!

Quanto mais ouvia dizer sobre realeza do ser humano e como aqueles homens que eram filósofos – e para meu desgosto, também santos da Igreja opressora – ensinavam sobre a verdadeira beleza que é fruto da Beleza Incrída e como o pensamento humano tem a tendência para a perfeição, mais eu me sentia agredida em minha fé.

Impregnado da certeza impressionante, com firmeza de olhar, o professor continuava com o ensino. Afirmou que a Igreja Católica foi a primeira instituição no mundo a se opor contra a escravidão, tanto que no século XVII o Papa Bento XIV punia com pena de excomunhão qualquer católico que oprimisse a liberdade de uma criatura de Deus. O iluminismo não havia sido a luz do mundo, mas a Igreja Católica.

Ensinou que os católicos quando vitimados pela decadência dos povos bárbaros, foram eles que sustentaram toda a cultura clássica, principalmente os ensinamentos dos padres apostólicos e a utilização dos métodos do “Trivium”, construindo o conhecimento através da retórica, da lógica e da gramática; e do “Quadrivium” com a aritmética, a geometria, a música e a astronomia. Uma lança me traspassou a alma porque tinha quase como que um ofício o estudo da astronomia, um conhecimento que era tão íntimo de mim quanto o protestantismo. As dúvidas cresceram! Não estaria aquele jovem homem a decifrar em mim o que até hoje nenhum mestre protestante e nem eu mesma

havia conseguido? Um buraco em mim estava sendo preenchido pelo uso da razão. Aqueles argumentos eram extremamente convincentes mesmo que para o mais feroz dos defensores de Lutero.

“As universidades são criações da Igreja Católica, e foram nelas que os escolásticos, com a investigação acadêmica, edificaram o conceito de Estado Civil e dignidade humana”, dizia com certeza absoluta.

O que somos hoje, enquanto detentores do conhecimento foram eles que possibilitaram ao homem os meios de produzir a investigação científica. A ordem beneditina trouxe até nós as bibliotecas, os dominicanos abriram as portas para o que é o ser humano e sua alma. Foi da religião que nasceu os direitos humanos, pois ela é a única instância com suficiência moral para criar, gerir e administrar o que é peculiar da humanidade.

Lutero estava errado? A Igreja não teria sido o mal a ser batido? Eu não podia acreditar, mas aquilo tomou sentidos profundos em mim. Para meu espanto não queria mais sair correndo, mas ouvir sobre o assunto com afinco, e quando percebi, aquele jovem tinha toda a minha atenção em caráter exclusivo. A unidade que nós protestantes nunca tivemos ou possuímos estava na Igreja Católica?

Por que eu não aprendi isso? Qual foi o livro que eu não li e que me faltou nos meus conhecimentos? Seria então verdade que a Suma Teológica era verdadeiramente – como disse o professor – *“um tratado sobre a dignidade do ser humano”*? Será que como ensina São Boaventura eu teria ficado perdida pelo caminho ao não permitir que meu conhecimento tendesse para o eterno? Será que eu não me concentrei demais somente nos mestres protestantes e me esqueci de outros letrados da história que mostram que a Igreja Católica na verdade construiu todo o ocidente? Não teriam sido os reformadores muito mais sonhadores do que construtores de uma doutrina? Dúvidas tão doloridas estavam sendo respondidas por alguém que nunca tinha conhecido, e pior ainda, por um católico papista!

Meu Senhor, a Igreja Católica é a unidade! Ela até permitiu que Lutero pudesse ler e traduzir a Bíblia. Foi ela que ensinou os métodos de investigação que alguns filhos maldosos usaram contra ela própria. Esta é a Igreja que com seu Concílio de Trento afirmou a supremacia dos Sacramentos; que trouxe ao protestantismo – seu opositor histórico – a possibilidade dele mesmo se auto-proclamar cheio de dignidade mesmo que contra Ela. Mesmo separado de Roma o que teria sido Lutero sem ela? Minha vontade era estar diante dos reformadores e dizer: *“Vocês difamam e se separam daquele que é Mãe! Se sabem ler e redigir suas Confissões de Fé é porque a Igreja lhes ensinou ler e escrever. Mesmo cada um de vocês se separando dela, ainda assim Ela sustenta suas vidas”*.

Não podia admitir outra coisa, não teria outro pensamento, que não fosse a certeza de que o protestantismo estava sendo desconstruído com muita elegância diante de mim. Aquele momento tão dolorido e celestial revelou a luz aos meus olhos escamados, a luz de uma Igreja se revelava por um jovem vinte anos mais novo do que eu. Foi a mais sublime aula sobre filosofia que havia presenciado em minha vida, mesmo que com teores de uma ciência jurídica que nunca dominei. O Senhor me conduziu para aquele momento por pura misericórdia, sabendo que só poderia existir um homem – jovem – que seria capaz de exaurir em mim tão cruéis questões.

Terminada a aula, a única vontade que me dominava era poder conversar com aquele professor. Um grupo de alunos o cercou com perguntas e conversas cheias de risos, alegria, ensinamentos. Quase que me humilhando pedi para minha companheira que me aguardasse, porque era questão de vida ou morte falar com aquele doutrinador. Quando finalmente aqueles alunos se retiraram, com o sotaque tão marcante de uma portuguesa, disse: *“- Jovem professor, foi uma bela aula!”* Com um sorriso inesquecível, cheio de gentileza ouço: - *“Que bom que gostou, não é todo dia que temos uma presença internacional em nosso meio!”*

Com acanhamento disse: - *O senhor poderia dar algumas respostas para uma protestante que até pouco tempo atrás entrou por aquela porta convicta do protestantismo, e pela mesma porta se retira não sendo a mesma pessoa?*

- *Que católico eu seria se não atendesse um pedido como esse?*

- *Eu peço que me diga sobre alguma literatura que pudesse fundamentar que a Igreja Católica é Católica desde Cristo!*

Cheio de conhecimento de causa, com a mesma voz firme e olhar centrado, eis que ele me perguntou:

- *Não conhece a tradição apostólica?*

- *Não! O único estudo que fiz se concentrou do século XVI até os dias atuais! Estudei alguns textos como a Didaqué, a Epístola de Barnabé, o Pastor de Hermas. Vi algumas citações de Inácio de Antioquia e algo de Agostinho de Hipona.*

- *Então temos que sanar esse lapso de mais de mil e quinhentos anos!*

Mil e quinhentos anos? Estava ali ouvindo tudo que eu temia; finalmente o grande desafio de contraditar um católico que usasse de quinze séculos de história contra o protestantismo se concretizava. Eu estava totalmente impotente, contra toda essa história eu não podia mover sequer um dedo.

- *Existem evidências históricas de que a Igreja Católica não passou a se chamar Católica só no Concílio de Nicéia?*

- *Sim, Ela é católica desde Cristo.*

- *Mas isso é impossível, não existem relatos disso!*

- *Existem sim! O protestantismo usa a tradição apostólica somente no que interessa aos seus estudos. Quando elementos fundamentais da fé apostólica evidenciam a existência do episcopado dos apóstolos e a sucessão dos bispos, especialmente quando o nome “Igreja Católica” é relatado nos escritos apostólicos, simplesmente são retirados dos livros protestantes. Do contrário seria a ruína de uma reforma iniciada sem qualquer precedente na história.*

A elegância com que ele discorria me deixava paralisada; eu não esboçava nenhuma reação que não fosse ouvir e perguntar. Ele estava me oferecendo o início de uma graça que ainda hoje eu não compreendo a magnitude.

- *A senhora me disse que conhecia a Didaqué, a Epístola de Barnabé, Inácio de Antioquia e o Pastor de Hermas. Pois bem, conhecendo Inácio de Antioquia que viveu no século I, então, contemporâneo dos apóstolos, creio então que conheça a Epístola aos Esmirnenses e o Chronicon de Eusébio de Cesaréia.*

- Não professor! Tenho conhecimento de que tais epístolas e escritos existem e que são consultadas por muitos estudiosos, mas nunca li qualquer linha sobre que não fosse citações esparsas.

- Quando surgir oportunidade leia cada um deles. Além, inclua em sua leitura os fragmentos do Cânon de Muratori. Em todos eles verá que a Igreja é Santa e Católica desde os apóstolos, e que eles jamais permitiram que seus sucessores tratassem a fé como sendo católica se eles mesmos não autorizassem. Não pode se esquecer de estudar os escritos de Irineu, onde ele traz a lista dos Papas. Com isso constatará a continuidade da fé apostólica nos Bispos como Inácio de Antioquia, Irineu de Lião, Policarpo de Esmirna e Eusébio de Cesaréia.

- Existindo então a tradição apostólica, por que os reformadores não a levaram em consideração em suas doutrinas? Fico a pensar sobre a possibilidade de não encontrar nenhum fragmento da tradição na história.

- Simplesmente porque se assim tivessem feito, o protestantismo jamais iria nascer. A tradição apostólica fundamenta o catolicismo e não o protestantismo. Seria contraditório para os reformadores pregarem evidências que contestavam suas pretensões. Inácio de Antioquia que foi sucessor apostólico no século I, pouco mais de 70 d.C, já escrevia que onde estiver o Bispo e Cristo, ali estará a Igreja Católica. Essa é a universalidade, pois se assim não fosse, o catolicismo não passaria de um grupo de judeus revoltosos escondidos numa casa, sendo que nessa casa ocorreu o Pentecostes, e desse marco se apresenta a grandeza da Igreja.

- Creio que posso aceitar que o termo “católica” da Igreja é usado desde o primeiro século, pois se existem tais evidências, certamente irei encontrar fontes tão preciosas de estudo. Mesmo assim existe um fato notório que implica no completo desabono dos Papas e do catolicismo. Não posso ligar ao século I uma Igreja Romana que adulterou os textos sagrados, inserindo no Cânon das Escrituras os livros deuterocanônicos no Concílio de Trento.

Por um momento a velha Maria estava de volta. Não conseguia oferecer nenhum argumento contrário, até que achei ao menos um, que para meu desgosto e futura alegria durou muito pouco. Por um breve momento acreditei que ali não existiria para ele escapatória. Mas a lógica elementar do “Trivium” Católico e a retórica que ele usava com tanta destreza, imediatamente como espada desembainhada foram usados contra mim.

- Esse é uma acusação do protestantismo que não encontra fundamentos. Já ouviu falar de Bíblia de Gutenberg?

- Nunca ouvi falar. Mas o que isso toca ao assunto sendo que na Bíblia não se encontra a autoridade do Concílio de Trento?

- Lutero é tido pelo protestantismo como o tradutor da Bíblia e por ter desmascarado a Igreja Católica que inseriu arbitrariamente os deuterocanônicos no Cânon Bíblico. A Bíblia de Gutenberg foi escrita no século XV, em 1450. Nela encontramos os deuterocanônicos, além de ser a tradução do latim para o alemão dos textos sagrados. O Concílio de Trento ocorreu no século XVI, tendo seu início em 1545, ou seja, 95 anos após a edição da Bíblia de Gutenberg. Como Trento poderia ter inserido os deuterocanônicos se já circulava a Bíblia de Gutenberg um século antes? Isso contraria qualquer lei de tempo e espaço e o senso lógico. Sugiro que consulte o texto de Gutenberg, verá que consta o deuterocanônicos assim como foram autorizados pela sucessão apostólica desde os séculos primeiros do cristianismo.

- *Irei consultar com certeza, desejando ter a mesma certeza que o senhor encontrou e professa.*

A conversa continuou por um tempo, em tom amistoso e de extrema cordialidade. Era um momento que nunca que vivido. Sempre oferecia oposição ao catolicismo e aos católicos; algo diferente acontecia em mim, inegavelmente um pedaço de mim mesma havia morrido naquela aula.

Tomei a precaução de pedir todos os meios possíveis de contato com tão diferenciado católico. Ele dominava conceitos históricos e quando falava qualquer um se sentiria intimidado com tamanha desenvoltura. O encontro daquela semana com meus amigos protestantes foi totalmente sem sentido. Passamos dias bons juntos, mas só aquela figura humana era permanente em minha mente: - *E se ele estivesse certo? Então Lutero e os reformadores, especialmente suas afrontas ao papado e aos concílios, teriam sido atos impensados, muito mais constituídos de revolta do que de razão!*” Tinha que correr esse risco, não me dava o direito de fugir das respostas por mais que elas me causassem dor.

Passados oito dias daquela conversa, eis que retorno a Lisboa cheia de curiosidade e com um temor avassalador dentro do peito. *Será que ele está certo?* Não existia outra forma de constatar se era um mentiroso ou um louco! Era necessário ir buscar a água mesmo que suja para dela beber um copo, ou dois, ou tantos outros. Fui correndo para a Biblioteca Nacional de Lisboa. Pedi alguns livros que constassem as fontes sugeridas e é claro a própria Bíblia de Gutenberg. Foi longa a espera até que a bibliotecária depositou sobre a escrivaninha oito livros; entre eles uma edição da Bíblia de Gutenberg. Fiz uma oração silenciosa, clamei ao Bom Deus que se fosse da vontade dele eu pudesse ali encontrar as respostas para minhas dúvidas. Propositadamente deixei a Bíblia por último, pois se eu não encontrasse o termo “Igreja Católica” e a lista dos Papas eu não me daria o labor de verificar sequer os textos sagrados de Gutenberg.

Quando abri a Epístola aos Esmirnenses fui tomada de um pânico sem igual. Ela que foi escrita no século I, junto dos apóstolos, Inácio da Antioquia cravava na história: *“Onde comparecer o Bispo, aí esteja a multidão, do mesmo modo que, onde estiver Jesus Cristo, aí está a Igreja Católica”*. O Cânon de Muratori decretava: *“[os livros apócrifos] não podem ser recebidos na Igreja Católica”*. Policarpo de Esmirna quando foi martirizado - ele próprio discípulo do Apóstolo João - com seu ato de bravura por Cristo comoveu os cristãos que a tal ponto que o povo do episcopado de Esmirna - onde São Policarpo foi Bispo - escreveu para os povos cristãos de outros bispados: *“A Igreja de Deus que peregrina em Esmirna à Igreja de Deus que peregrina em Filomélio e a todas as paróquias da Igreja Santa e Católica em todo o mundo”*. Com esse endereçamento, enviam para a Igreja Católica em todo o mundo a oração que Policarpo fez antes de ser martirizado: *“Ó Senhor, Deus Todo-Poderoso, Pai de Jesus Cristo, Teu Filho Bem-Amado e bendito, por Quem nós Te conhecemos; Deus dos Anjos e das Potestades, Deus de toda a criação e de toda família dos Justos, que vivem em Tua presença. Eu Te bendigo por me teres julgado digno de ser contado no número de Teus mártires e de participar do cálice de Teu Cristo para a ressurreição da alma e do corpo na vida eterna, e na incorruptibilidade do Espírito Santo. Possa eu hoje, com eles, ser aceite em Tua presença, como oblação preciosa e agradável: Tu me preparaste para ela, Tu ma revelaste, guardaste Tua promessa, Deus de fidelidade e de verdade.*

Por esta graça e por tudo, eu Te louvo, Te bendigo, Te glorifico por meio de Jesus Cristo, Teu Filho Bem-Amado, eterno Sumo Sacerdote nos Céus. Por Ele, que está contigo e com o Espírito Santo, Te seja dada toda a glória, agora e pelos séculos vindouros. Amém”.

Eusébio de Cesaréia trazia no *Chronicon* a pessoa de Inácio de Antioquia como sucessor dos apóstolos que eram Bispos, então Inácio era Bispo tanto quanto os apóstolos. Tomei outro exemplar em mãos, conhecido por *Adversus Haereses* de Irineu, Bispo de Lião. Nele encontrei a lista dos Papas desde o primeiro. Para meu assombro total um nome da lista era exatamente daquele que ouviu de Cristo: *“Tu és Pedra, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja”*.

“Os bem-aventurados apóstolos [Pedro e Paulo] que fundaram e edificaram a igreja transmitiram o governo episcopal a Lino, aquele Lino que Paulo lembra na epístola a Timóteo. Lino teve como sucessor Anacleto. Depois dele, em terceiro lugar, depois dos apóstolos, coube o episcopado a Clemente, que tinha visto os próprios apóstolos e estivera em relação com eles, que ainda guardava viva em seus ouvidos a pregação deles e diante dos olhos a tradição. E não era o único, porque nos seus dias viviam ainda muitos que foram instruídos pelos apóstolos. No pontificado de Clemente surgiram divergências graves entre os irmãos de Corinto. Então a igreja de Roma enviou aos coríntios uma carta importantíssima para reuni-los na paz, reavivar-lhes a fé, e reconfirmar a tradição que há pouco tempo tinha recebido dos apóstolos, isto é, a fé num único Deus todo-poderoso, que fez o céu e a terra, plasmou o homem e provocou o dilúvio, chamou Abraão, fez sair o povo do Egito, conversou com Moisés, deu a economia da Lei, enviou os profetas, preparou o fogo para o diabo e os seus anjos. Todos os que o quiserem podem aprender desta carta que este Deus é anunciado pelas igrejas como o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e conhecer a tradição apostólica da igreja, porque mais antiga do que aqueles que agora pregam erradamente outro Deus superior ao Demiurgo e Criador de tudo o que existe.

A este Clemente sucedeu Evaristo; a Evaristo, Alexandre; em seguida, sexto depois dos apóstolos foi Sisto; depois dele, Telésforo, que fechou a vida com gloriosíssimo martírio; em seguida Higino; depois Pio; depois dele, Aniceto. A Aniceto sucedeu Sótero e presentemente, Eleutério, em décimo segundo lugar na sucessão apostólica, detém o pontificado. Com esta ordem e sucessão chegou até nós, na Igreja, a tradição apostólica e a pregação da verdade. Esta é a demonstração mais plena de que é uma e idêntica a fé vivificante que, fielmente, foi conservada e transmitida, na Igreja, desde os apóstolos até agora.”

Os testemunhos dos séculos I, II e início do século III eram claros como a luz daquele sábado onde conheci um jovem cheio de certeza. O protestantismo escondeu de mim a verdade; o professor estava certo em sua afirmação: *“A tradição apostólica fundamenta o catolicismo e não o protestantismo. Seria contraditório para os reformadores pregarem evidências que contestavam suas pretensões”*. Como uma luz que nunca tinha observado por minha cegueira, a verdade se manifestava defronte meus olhos: *a tradição apostólica, a sucessão dos apóstolos, o episcopado, a Igreja Católica, os Papas, a fé dos seguidores de Cristo, a autoridade da Igreja, o testemunho da fé desde o início da pregação do Pentecostes*. Estava tomada de um sentimento que era o mesmo tempo de exaltação e repulsa. Feliz pela Igreja

Católica, mas cheia da sensação de ter sido enganada por uma mentira contada reiteradamente. Faltava finalmente a Bíblia de Gutenberg; tomei a decisão de que se nela encontrasse os deuterocânicos ali mesmo eu abjuraria a fé protestante e me tornaria o que sempre combati: *uma católica romana!*

Naquele exemplar antigo, estavam *Tobias, Judite, Baruc, Eclesiástico, Sabedoria, I Macabeus e II Macabeus*, e os elementos gregos de *Ester e Daniel* que foram categoricamente retirados pelos reformadores. Trento não manipulou os textos sagrados, mas os manteve tais como eram desde os tempos apostólicos. Senti o desejo ardente de acreditar em tudo que eles criam. Chorei com dor mortal, pedi perdão por ter perseguido aquela Igreja que era única e santa. Os quinhentos anos de protestantismo caíram diante de mim, eram falhos e sem sentido. Meu palacete construído sobre a areia movediça teria que ser reconstruído em rocha firme. Aqueles homens viveram e morreram pela fé, portanto, eu não podia fugir como cristã do caminho que eles assumiram com tanto convicção e notoriedade. Naquela biblioteca em Lisboa, tirando de minhas costas e do meu coração definitivamente a dúvida, eu afirmei: *Creio da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica e na fé dos Papas.*

Escrevi assim que pude para aquele homem que me conduziu para a fé verdadeira. Conteí sobre minha dor e minhas lágrimas; falei sobre o impacto em mim causado e que me tornaria católica, romana e papista. Recebi uma carta como resposta, onde encontrei um escapulário e um canto espiritual de Santo Agostinho: *“Tarde te ameí, Ó beleza tão antiga e tão nova, tarde te ameí. Tu estavas dentro de mim e eu estava de fora e te buscava aqui, atirando-me, disforme, sobre estas formas de beleza que são criaturas Tuas”*. No fim da carta, o filho de Deus que me possibilitou encontrar a Igreja de Cristo assinava: *“a menor das criaturas que já pisou sobre a terra”*.

Foi assim que conheci a verdade; dela dou testemunho!

*Carlos Eduardo (Carolus), caso leia as supras linhas, aceite cada palavra como presente pelos anos de vida que completará no seu aniversário que se aproxima.

Eternamente grata!

Salve Maria!

De Portugal ao Brasil, em 29 de junho de 2008.

<http://casacatolica.blogspot.com/>

NOBRE DE VIDA MUNDANA CONVERTE-SE EM LOURDES

“O abismo abre-se diante de mim, o humano despenca-se, já se despencou. O horror deste vazio atroz não se pode explicar com palavras humanas. Por quê vivemos? É afortunado quem pode responder com segurança a esta eterna pergunta”. Estas palavras, escritas por Alessandra di Rudini expressam a luta desta mulher entre a atração dos prazeres mundanos e o chamado de Deus, de Quem ela procurava fugir com todas as suas forças.

Alessandra di Rudini é uma das figuras mais fascinantes da alta sociedade italiana do século XIX, famosa “ovelha perdida” daquela época racionalista que deixava a Deus de lado, mas que no fundo, não queria abandoná-Lo definitivamente, e somente viver como se não existisse. Até o dia em que de fato fizesse falta, para então voltar-se a Ele em situações desesperadas.

Alessandra nasce a 5 de Outubro de 1876 em Roma, no seio de uma família da alta aristocracia siciliana. É filha de Antonio Starabba, marquês de Rudini, que foi Administrador de Palermo aos 25 anos, depois do golpe de Garibaldi sobre a Sicília dos Bourbons. Mais tarde, foi Prefeito de Palermo e de Nápoles, chegando a ser também Primeiro Ministro do novo Estado italiano de 1891 a 1892 e de 1896 a 1898. Fundou o Partido da Jovem Direita com o qual triunfou para ocupar o cargo em seu primeiro mandato. Entre seus logros políticos está o de ter assinado, em 1896, o Tratado de Adís Abeba, que pôs fim às pretensões italianas sobre a Etiópia.

O marquês tinha idéias racionalistas e politicamente revolucionárias, e compartilhava a hostilidade do rei Víctor Manuel II em relação à Igreja Católica. Sua esposa, Maria de Barral, a mãe de Alessandra, não participava das idéias revolucionárias do marido, mas por causa de sua delicada saúde, pouco pôde influenciar na educação da filha.

Alessandra tinha um irmão maior, Carlo, que seria esposo da filha do político britânico Henry Labouchere, e que também seria conhecido na alta sociedade daquele tempo. A família do marquês de Rudini levava em si as contradições próprias da época em que seus personagens viveram: o anticlericalismo próprio do “Risorgimento” italiano, fortemente influenciado por esse espírito revolucionário e a idiossincrasia (maneira própria de ver, sentir, reagir) daquele país que faz com que até os maiores inimigos da Igreja tenham amigos entre os eclesiásticos, inclusive na alta hierarquia, e mais cedo ou mais tarde lembram-se de Deus, por se acaso...

Desde criança mostra um carácter inquieto, impetuoso e perspicaz. Em vez de brincar com casinhas e bonecas, prefere cavalgar no seu “pônei” (cavalinho) ou então correr pelos campos com os cães de caça à procura de presas.

Por influência da mãe, que queria assegurar um bom colégio religioso para a filha, aos 10 anos ingressa no internato do Sagrado Coração de Trinità dei Monti, no alto da “escalinata” da Piazza di Spagna, em Roma. Sem dúvida, uma das escolas de melhor reputação naqueles tempos. Sua mãe tinha a esperança de que as religiosas ajudassem-na a corrigir seu carácter independente, mas não somente não o conseguiram, como, por causa de seu mal comportamento, tiveram que expulsá-la no fim do curso escolar. Seu pai usou tal episódio como pretexto para inscrevê-la numa escola de espírito

liberal, onde Alessandra encontrar-se-á mais a gosto, muito diferente à das religiosas. De fato, naquele colégio a diretora deixava-lhe em liberdade e assim a jovem desfrutou de sua inclinação favorita: a leitura. Por influência das idéias liberais do colégio, sem a proximidade de sua mãe, aos 13 anos já estava cheia de dúvidas sobre a fé, que a acompanharam durante muitos anos.

Aos 16 anos, quando terminou os estudos, volta à residência familiar. Alessandra dá-se conta da ausência de sua mãe, cuja enfermidade levou a se recolher num asilo. E a jovem assume as tarefas da organização da casa, e passa a acompanhar o pai, chefe do Conselho de Estado, em viagens e recepções de gala. Foram seus primeiros contatos com a alta sociedade romana, na qual logo terá êxito graças a seu bom caráter e a sua firme resolução.

E no entanto, encontra-se dividida interiormente, pois à sua felicidade externa acompanhava-a o vazio de alma: *“Era como se tudo se afundasse em minha volta, e procurava com paixão desesperada um ponto seguro de apoio fora de mim mesma. Lembro-me de algumas noites de ansiedade e de dor indizível. Não existe pior dor que a da alma que busca e não consegue alcançar a verdade”*. A leitura da “Vida de Jesus”, de Ernest Renan – que recebeu o epíteto de “blasfêmo europeu” por parte de Pio IX –, obra que negava o sobrenatural, vendo em Jesus somente um homem extraordinário, foi fatal para a vacilante fé de Alessandra.

Tendo só 18 anos, já estava tomada pela vida social, ombreando-se com a nata de sua época. Realizou um cruzeiro no iate pessoal do imperador da Alemanha, Guillermo II, e estabeleceu estreitas relações com a rainha Margarita da Itália.

Aos 19 anos recusa o casamento com o Grão Duque Sérgio, parente do Czar da Rússia, porque não é católico, mas ortodoxo. Naquele mesmo ano surpreende a todos casando-se com Marcello Carlotti da Garda, marquês de Riparbella, dez anos mais velho que ela. Os recém-casados instalam-se na extensa e luxuosa propriedade que os Carlotti possuíam à beira do Lago de Garda. Mas pouco durou esta felicidade familiar, que poderia ter trazido equilíbrio pessoal a Alessandra. Em breve, Marcello manifesta sintomas de tuberculose. A partir de 1900, sente-se perdido e esforça-se em enfrentar a morte como adepto das teorias materialistas. A enfermidade do marido serviu a Alessandra para se voltar tímidamente à fé, procurando um prelado de Verona, Monsenhor Serenelli, para que assistisse espiritualmente a seu marido. Quase nada se pôde fazer, já que o marquês Carlotti recusou todo auxílio religioso e morreu a 29 de abril de 1900, sem manifestar sinal de abertura às realidades eternas. Alessandra fica viúva aos 24 anos, com dois filhos.

A vida de Alessandra fica marcada por duas tendências contraditórias: a de ser boa mãe e cuidar dos filhos, e a de voltar à vida social que tanto a atraía. A amizade com Mons. Serenelli por ocasião da enfermidade do marido, será agora uma constante em sua vida, se bem que o prelado não tenha conseguido frear algumas das excentricidades da viúva.

Durante o inverno de 1900-1901, Alessandra deixa seus filhos aos cuidados de um instituto de previdência social e parte para uma perigosa viagem de exploração por Marrocos, na qual fica impressionada com a religiosidade dos guias muçulmanos. De volta à Itália, para satisfazer o desejo do pai, regressa à vida mundana, se bem que confessa a algumas pessoas seu desconcerto e sua busca espiritual. Alessandra vê-se sacudida pelas instáveis

marés da dúvida. Mons. Serenelli dá-se conta disto, e recomenda-lhe que seja mais humilde em sua busca da Verdade. Após as exortações desse prelado, em fevereiro de 1902, confessa-se e comunga, mas perseverará pouco tempo nessa disposição.

Em 26 de Maio de 1903, no Teatro Scala de Milão, Alessandra é apresentada ao ímpio poeta e romancista Gabriel d'Annunzio (1863-1938), amigo de seu irmão Carlo. D'annunzio, famoso por seus costumes libertinos, tinha naquela época como amante a Eleonora Duse, a mais famosa atriz de teatro italiano. Logo enamora-se de Alessandra, a quem foi-lhe difícil conquistar, porque a fama de mulherengo do escritor não lhe agradava. A persistência de D'Annunzio vence a resistência da jovem viúva, que apesar dos protestos de familiares e amigos acaba convivendo escandalosamente com o escritor no seu belo palácio perto de Florença. Assim, deixou seus filhos praticamente abandonados.

Não muito tempo depois, a sua vida de luxo e de diversões desenfreadas é sacudida por uma grave doença que a surpreende na primavera de 1905, levando-a às portas da morte. É transladada para uma clínica, onde sofre duas intervenções cirúrgicas.

Ao sair da clínica seu aspecto físico está ressentido e ela nota que D'Annunzio já não é tão carinhoso como antes. Durante a convalescença, o escritor havia feito uma nova conquista, a Condessa de Mancini. Em fins de 1906, dá-lhe a entender que estava demais em sua mansão e Alessandra tem que voltar a sua residência do Lago de Garda, dolorida e humilhada.

O sofrimento ilumina sua alma, cegada pelas paixões

Mas tal humilhação foi a ocasião para se abrir à graça de Deus. Profundamente desgostada e decepcionada, Alessandra torna-se cada vez mais consciente de que as vaidades e as felicidades mundanas são falsas e passageiras. No seu coração surge impetuosamente o problema da fé. Volta-se então para o estudo da Religião e entra em contacto com Mons. Serenelli, sacerdote culto e piedoso, em fins de 1907. O bom prelado não recusa em receber a filha pródiga, cuja confissão escuta com solicitude. Na primavera de 1908, Alessandra faz um retiro espiritual de Santo Inácio. Ela experimenta nessas circunstâncias como Deus trata com misericórdia os corações aflitos e abandonados.

Mas sua conversão definitiva estava ainda por chegar. Tendo voltado às suas obrigações maternas, pede a um sacerdote francês, o Padre Gorel, que se fizesse preceptor de seus filhos, e ao referido eclesiástico expõe seus tormentos interiores e suas dúvidas de fé. O bom sacerdote recomenda-lhe uma peregrinação a Lourdes, onde ficaria curada interiormente. Ele não sabia até que ponto suas palavras iam se tornar realidade.

Em sua viagem, iniciada com muito ceticismo em agosto de 1910, providencialmente ela estava presente no momento de um prodígio: uma senhora francesa é milagrosamente curada de sua enfermidade. O Dr. Boissaire, médico encarregado de verificar tais curações, comprova seu caráter inexplicável para a ciência.

Depois de longos anos de atormentada busca, reencontra a fé e tem a certeza de que Deus a chama para a doação total da sua vida. Para agradecer à Virgem Imaculada a preciosa graça recebida, manda esculpir uma estátua do

cego curado por Jesus, que ainda hoje se venera naquele santuário. Pretende assim expressar que também ela, cega pela paixão, foi ali curada da cegueira espiritual.

Alessandra volta a Itália totalmente transformada, depois de ter feito um profundo ato de fé em Lourdes: *“Pensei muito sobre o milagre que presenciei em Lourdes, e alegra-me reconhecer que não atuei levada por um movimento de emoção religiosa, mas por um ato voluntário e pensado, preparado ao longo de muitos anos de estudo e meditação”*.

Radical mudança de vida

A partir de então começa uma ascensão espiritual que se traduzia na volta a uma antiga idéia da juventude, antes de ser sacudida pelas paixões: a da vida religiosa, rumo à qual se dirige sob a guia de seu novo confessor

Percebe entretanto, que uma decisão desta natureza vai contra tudo quanto o mundo pensa. Está porém decidida a não voltar atrás, embora sabendo que terá de deixar os dois filhos.

Depois desta experiência, a marquesa Alessandra muda radicalmente o seu comportamento. Entrega-se a uma vida de penitência e oração com tal intensidade que espanta os seus familiares e conhecidos. Ela sente no seu interior que o Senhor Deus a chama para a vida austera das Carmelitas Descalças.

Aconselhada pelo Padre Gorel em julho de 1911, a marquesa empreende o caminho do Mosteiro das Carmelitas em Paray-le-Monial, localidade célebre pelas aparições do Sagrado Coração de Jesus. Uma luz interior lhe faz ver que está ali o lugar que a Providência preparou para ela. Convence-se que o Coração de Jesus a encaminha para uma vida de amor e reparação, tal como Ele a pediu para Santa Margarida Maria Alacocque.

Ademais, escolheu a França porque na Itália era muito conhecida.

Antes de partir para o convento, Alessandra procura com solicitude que tudo para seus filhos fique em ordem e bem encaminhado.

Por medida de prudência não revela a sua decisão a ninguém. Ao filho Antonio que a interroga acerca desta nova viagem, responde apenas: --Filho, conforma-te em saber de momento, que a tua mãe não fará nada contra a honra e as tradições da nossa família.

Pouco dias depois os filhos Antonio e André escolhem a carreira militar.

Pedido público de perdão

Alessandra sente também a necessidade de pedir perdão pelo escândalo dado por ela na povoação do falecido marido, Marcelo Carlotti.

Numa Missa de domingo na Igreja Paroquial repleta de fiéis, depois da proclamação do Evangelho, inspirada pela loucura dos santos, levanta-se do seu lugar e como pobre pecadora pede perdão a todos pelos maus exemplos da sua vida passada.

Esta atitude heróica permanecerá viva na lembrança do povo de Garda, durante muitas décadas.

Entrada no Carmelo

A 28 de Outubro de 1911, depois das últimas recomendações aos filhos, a Marquesa Alessandra di Rudini, elegantemente vestida, cruza o portão do Carmelo de Paray-le-Monial, que se fecha atrás dela sôbre um mundo que deixa sem saudades.

Ali recebe o nome de Irmã Maria de Jesus e abraça com heroica fidelidade a vida austera das carmelitas totalmente voltada para a oração, reparação e imolição de si.

Encontra finalmente a paz de alma que tanto ansiava.

Para Alessandra di Rudini a vida religiosa foi-lhe muito penosa, especialmente dura no Carmelo que ela mesma havia escolhido, por querer fazer penitência dos pecados da vida passada.

Durante o noviciado recebe a notícia de que o filho André se encontra gravemente doente com tuberculose. Com o consentimento da superiora vai visitar o filho. E para dissimular aos olhos dos familiares a sua nova vida religiosa, veste outra vez a roupa elegante, põe as jóias de quando era marquesa e vai a uma cabeleireira dar um arranjo ao cabelo de modo a não chamar demasiado a atenção. Em Roma confia André à solicitude da fiel servidora Ana e interna-o num luxuoso sanatório da Suíça.

Começa então a revelar gradualmente aos familiares a nova orientação da sua vida, o que provoca neles repulsa e incompreensão. Oito dias depois está de regresso ao convento.

Um pouco mais tarde também o filho Antonio, tuberculoso, irá juntar-se a André no Sanatório.

Em 1913 a Irmã Maria de Jesus faz a profissão religiosa com um ligeiro atraso à data prevista. Isso porque num gesto de admirável caridade pede autorização para interromper o retiro espiritual preparatório da profissão, para poder tratar de uma irmã doente com tuberculose.

Enquanto a trata fere-se com uma seringa infectada, o que lhe acarreta graves danos à saúde.

As provações

Às durezas da observância da regra, às quais pouco a pouco se acostuma, unir-se-á a morte por tuberculose de seus dois filhos, Andrea e Antonio, em 1916, o que a leva a uma profunda crise de consciência por reconhecer que havia sido uma péssima mãe ao ter abandonado seus filhos.

Amadurecida pelo sofrimento e pela ação da graça em tão pouco tempo, Maria de Jesus ganha a estima e a confiança de tôdas as irmãs. Primeiro é eleita Mestra das Noviças e depois Superiora, a 1 de Junho de 1917. Soprepõe-se a tudo com sua grande força de vontade e desejo de santificar-se.

Entretanto, com a infecção contraída, a saúde piora. E estende-se por todo o corpo incluindo os dentes.

Na agonia, inteiro desprendimento

Apesar disso não duvida em gastar os bens herdados dos pais e do marido em obras da Religião. Conclui a construção do Mosteiro de Paray-le-Monial e funda três outros mosteiros em França: Valenciennes (1924), Montmartre (1928) ao lado da Basílica do Sagrado Coração de Jesus e por último, a reabilitação da antiga Cartuxa de Le Reposoir, num solitário cume da

Alta Saboya, lugar ideal para a vida eremítica e contemplativa. Aí consegue que o Estado reabra um colégio fechado em 1919.

A sua alma totalmente imersa no amor eterno só conhece duas formas de descanso: o descanso em Deus na mais intensa actividade e o descanso de se dar inteiramente ao próximo.

Em Março de 1930 sua saúde piora repentinamente como consequência da infecção que invade todo o organismo, padecendo sobretudo do fígado e dos rins. É submetida a três cirurgias, sem resultado.

Com admirável serenidade vai ao encontro da morte. A 2 de Janeiro de 1931 abandona-se nos braços do Pai com ilimitada confiança, humildade e intimidade, dizendo: *“Pai, em vossas mãos entrego o meu espírito”*. Alguns dias antes havia declarado, resumindo uma vida turbulenta e, desde muitos pontos de vista, fascinante: *“Diante da proximidade da morte, senti algo que nunca havia experimentado: a atração de Deus, a sede de Deus; e compreendi até que ponto era fácil e bom ir até Ele”*.

Morre assim uma das mulheres que mais se destacou pela sua cultura, riqueza e atrativo pessoal na sociedade italiana dos princípios deste século. Nela o Senhor Deus se dignou fazer resplandecer os infinitos tesouros do seu Amor Misericordioso.

Madre Maria de Jesus, antes Marquesa de Rudini e Marquesa de Riparbella, recorda-nos de forma viva que quanto maior é o abismo da nossa miséria, tanto mais Deus vem ao nosso encontro se, com humildade e confiança nos abandonarmos a Ele, que tudo pode, tudo vence e nunca desilude a nossa fé.

Fonte:

<http://www.historiadelaignlesia.org/2011/12/la-mas-famosa-oveja-perdida-del.html>

A MADALENA DO SÉCULO XX

Eva Lavallière era a cantora, dançarina e atriz mais famosa, não só na França, mas no mundo inteiro, no fim do século XIX e princípio do século XX. Nada lhe faltava: dinheiro a jorros, um dourado palácio em Paris, ricas jóias, vestidos elegantes, carruagem puxada por quatro cavalos e até automóvel, coisa raríssima nessa época.

Percorria os teatros da França, Alemanha e Inglaterra a cantar e representar. Os reis e os grandes do mundo aplaudiam-na e acumulavam-na de prendas. Até o rei Dom Carlos de Portugal, ao visitar Paris, a foi ver e aplaudir. O seu nome e o seu talento andavam nos jornais, nas revistas e nas atitudes e objetos de luxo. Eram penteados e vestidos “à Lavallière”, eram perfumes e lenços “à Lavallière”. Todo o mundo da vaidade falava dela.

Eva deixou-se tragar no mar largo das paixões e vícios. O mundo empresarial inundava-a de dinheiro e ela vivia com o fausto de rainha num palácio nos Campos Elíseos, em Paris.

Apesar de tantos triunfos, sentia-se triste e insatisfeita.

Em 1914, durante a primeira guerra, dá espetáculos em Londres. Certa noite, durante um baile em que é alvo das atenções, desaparece repentinamente sem ser notada. Dirige-se ao rio para se afogar. “É o momento de acabar com tudo - suspira. E quando já ia atirar-me à água, um homem a poucos passos acende um cigarro”. Foge para não ser reconhecida e assim escapa à morte.

A 26 de Maio de 1917 dirige-se para a região de Tours, onde aluga uma casa para passar as férias e preparar o repertório que há de representar na América.

Acompanha-a Leônia, uma jovem belga, que a guerra atirou para as ruas de Paris e que ela tomou para amiga e dama de companhia, inseparável até a morte.

É aí que Deus a vai procurar e Eva não Lhe voltou as costas.

O pároco da freguesia onde reside dirige-lhe palavras de bondade e de convite para o retorno à casa de Deus, que ela ouve atenta e comovida. De seguida, oferece-lhe a vida de Santa Maria Madalena, que tanto se pareceu com ela, dizendo-lhe: “Leia este livro de joelhos e verá o que Deus pode fazer numa alma como a sua”. “Depois do almoço - escreve Leônia – Eva vai para perto da cozinha e abrindo as portas para os criados ouvirem, fez a leitura em voz alta”.

Após uma cuidadosa preparação espiritual para a confissão, chegou a grande festa da conversão. Foi no dia 19 de Junho de 1917. Eva tem 51 anos e há 39 que não se confessava.

Ouçamos Leônia: “Ao voltar do confessionário, ela fixou em mim os seus grandes olhos, com tão estranha expressão, com o rosto tão pálido, que fiquei perturbada.

Também eu me fixei nela quando saía do confessionário. Tive a impressão de que ela tinha comungado, tanta era a pureza do seu rosto e profundo recolhimento. Eva já não era mais deste mundo.

Tomamos o pequeno-almoço (café da manhã) na própria residência paroquial. Chamei por Eva várias vezes, mas ela, de tão absorta não me ouvia. Foi preciso o Pároco sacudi-la.”

O Pároco aconselha-a a continuar no teatro para trazer ao bom caminho os companheiros e companheiras de profissão. Mas Eva declara: “Desta vez não venho pedir licença ao senhor, mas sim declarar que determinei irrevogavelmente não retornar ao teatro. Pedi conselho a São José e ele disse-me que não lhe obedecesse”.

No regresso à casa, exclama: “Não te parece, Leônia, que os campos têm tons mais lindos e que as flores são hoje mais belas do que nunca?”.

Escreve Leônia: “Eva retirou-se aos seus aposentos para escrever a carta em que rescindia o contrato de ir à América. Eu quis aproximar-me dela, que estava comovidíssima.

- Deixa-me só um pouco, - disse. Tenho necessidade de reler. Vês esta carta? Custou-me muito escrevê-la e mais ainda me custa mandá-la. É a minha certidão de óbito para a vida de teatro. Nunca mais representarei”.

Entregando a carta ao jardineiro para que a leve ao correio, desabafa: “A partir de hoje o nome de Eva Lavallière não voltará mais a aparecer nos cartazes”.

Em 1919 escrevia nos seus apontamentos: “Lendo a vida de Santa Ângela de Foligno, caíram-me os olhos sobre uma passagem em que Jesus dizia: “Por todas as tuas pinturas, teus perfumes, todos os arrebiques do teu rosto, Eu sofri as bofetadas que me fizeram inchar e deformar o rosto, os escarros nauseabundos e infectos que conspurcaram a minha face”.

“Ao ler isto, fui acometida de extraordinária comoção, e, como quê fora de mim, atirei com tudo ao fogo: o pó de arroz, o batom, esmalte, perfumes, tudo, tudo, porque desconfiava de mim mesma. Uma grande convicção apoderou-se de mim”.

Mas as coisas não ficaram por aqui. Vende o palácio e as jóias que possui em Paris. O dinheiro oferece-o para as missões, para as igrejas e para as instituições de caridade. Vai viver numa casa simples, primeiro em Lourdes, depois no Norte de África como missionária, e finalmente na Lorena, em França. Comunga todos os dias e passa o tempo no trabalho, na oração e na mais austera penitência.

No tempo em que vivia no mundo das paixões, não sabia o que era a felicidade. Mas, depois que se entregou a Nosso Senhor Jesus Cristo, sentia-se tão feliz! As paixões e os vícios dão um prazer que não satisfaz e depressa se esvai.

E assim desabafa com Jesus: “O meu coração não pode conter tanta felicidade! Ter sido arrancada do fundo da lama e respirar o ar puro.

Não sei nadar, mas se visse Nosso Senhor no horizonte, atirar-me-ia à água para ir ter com Ele. Sinto-me no seu coração como aquela ovelha perdida que Ele foi procurar entre os espinhos e abrolhos e a reconduziu amorosamente nos ombros.”

A 18 de Janeiro de 1921 escreve uma carta a Jesus:

“Meu Mestre adorado, eis a vossos pés o que há de mais baixo, vil e miserável: um verme repugnante. Como é possível que Vós, meu Deus, Vos dignastes inclinar para tão grande miséria, com tanta piedade e misericórdia?

Eis o que não posso, nem eu, nem ninguém, compreender na terra, pois excede tudo quanto a razão humana pode alcançar.

Ó Misericórdia infinita! Ó mistério de amor! Prostro-me a vossos pés sem respirar, sem pensar, sem nada; porque há coisas tão sublimes que reduzem o eu a nada. Ó Vós que tudo fizestes por mim, consenti que Vos peça muito humildemente, mas muito fortemente, que eu Vos ame. Todo o meu ser clama por esse amor, como o esfomeado por um bocado de pão. Ó amor, amor, dai-me a vossa chama; que eu também arda, que me abrase, que eu morra por Vós! Sim, meu Mestre, que eu Vos dê todo o sangue das minhas veias, todo o sangue do meu coração, como Vós me destes o vosso, ó Jesus. Recebei esta carta, meu Salvador muito amado, eu a deposito nas mãos benditas de Vossa Santíssima Mãe. Lede-a, meu Rei; não Vos ofendais com ela, nem vejais nada senão o ardente desejo de uma alma perdida de gratidão e que morre por não poder dar-Vos a prova completa do amor”.

A 10 de Julho de 1929, Eva Lavallière expirou sorrindo, assistida por Leônia.

Na sua sepultura foi colocado junto à cruz o epitáfio:

Eva Lavallière + 10 de julho de 1929

“Ó Vós que me criastes, tende compaixão de mim”.

(Revista Cruzada - Outubro 2004 - Braga – Portugal)

A ESTRELA DA TERRA AGORA BRILHA NO CÉU

A história de “Eva Lavallière” sempre encantarà. Tem o aroma da candura, do verdadeiro final feliz, também da grandeza.

Colocamos “Eva Lavallière” entre aspas, porque esta atriz que deslumbrou com suas artes nos albores do século XX a príncipes e personalidades, havia nascido num lugar muito pobre com o nome de Eugênia Feneglio. “Lavallière” era um tipo laço elegante, de moda na época, que Eva usava elegantemente, e de onde foi tirado o apelido.

Órfã desde pouca idade, tinha um espírito indômito, as vezes selvagem, que somado aos seus 18 anos era fonte de todas as ilusões, algumas loucas.

Trabalhou como modista e foi famosa no ofício sendo jovem. Ali começou a usar as “Lavallières” que acabaram identificando-a. Porém a profissão a aborrecia, ela queria o triunfo, a fama.

Um tio rico, em Niza, quis adotá-la como filha e lhe pediu que fosse conviver com ele, o que aumentou as ilusões de Eugênia. Mas, frívola e artificial, antes de chegar a Niza passou três dias de folia em Montpellier sem avisar ao parente que a esperava ansiosamente. E quando chegou à casa do senhor seu tio, este em sua angústia dolorosa e ressentida não a quis acolher. Dessa maneira viu-se só, num parque, chorando. Nesse momento se lhe aproximou um cavaleiro, que milagrosa e surpreendentemente levou-a a Paris...

E na cidade que chamam luz, uma casa com um anúncio em cartaz: “Dicção, canto, dança”. Eva não tinha educação artística, somente o grande desejo de triunfar; porém havia muito talento natural. Ante o professor benevolente ela cantou uma primeira vez, e o homem ficou extasiado: “Que bela voz!” O que seguiu foi somente um curso ascensional e sem tropeços até a fama, a glória. Inclusive a famosa Sarah Bernhardt a elogiou, quando não eram nada freqüentes os elogios dela para nenhum artista. Eduardo VII, Alfonso XIII, o Rei de Portugal, muitos mais a visitavam ou a felicitavam... o céu era o limite que ela havia alcançado, porém era o céu desta terra, e ela desejava outro céu.

“Enquanto baixava o cortina e ressoavam os aplausos, senti meu coração frio, tão frio! Era aquilo a glória? Ser estrela é só isso? É nada. Foi para isto que sofri e trabalhei tanto? A glória, Deus meu. É nada, é um vento”, se dizia a si mesma. Um dia, ao final de uma função, ela não quis receber os louvores, nem as perguntas dos jornalistas que desejavam cantar suas loas, senão que trancada esperou que todo mundo se fosse. Tudo lhe parecia vento, vaidade.

O desespero chegou a tal ponto que uma noite, numa das míticas pontes do rio Sena, as águas atraíram para si um manto de seda que ela deixou cair. Porém também seguiu a tentação de ir com seu ser inteiro, a tentação do suicídio, do aniquilamento. E aí, novamente, alguém se fez de Anjo da Guarda:

- Que está fazendo, senhora? – disse-lhe. Somente esta frase fez que refletisse um pouco e a impediu de uma morte terrível. Mas, a angústia, o dissabor, seguia.

Um dia o mundo da arte viu como desaparecia Eva Lavallière, por um tempo. Não se sabia nada dela, se teciam todo tipo de

hipóteses, até as mais descabidas. Outro dia reaparece e firma um contrato para realizar uma "tourné" pela América. Porém ela procura comprar um castelo solitário, no qual possa recolher-se, e decide pelo de La Porcherie, que estava sob o cuidado de um sacerdote que administrava a propriedade de duas órfãs.

Este sacerdote, o padre Chasteigner, não somente ocupou-se da venda do castelo, mas também cuidou da alma de Eva. Um domingo falou-lhe:

- Senhora, não foi hoje à missa? Não a vi esta manhã na igreja.

- Eu, Lavallière, a missa? Uma artista dos Variétés? Não será inconveniente minha presença na igreja, Padre?

- Oh! A igreja é para todos e não lhe faltará lugar, senhorita...

Foi o início de uma conversão radical, mística, que levaria Eva Lavallière aos altos cumes da virtude. A partir desse dia não faltou à obrigação dominical. Pouco depois fez uma grande confissão de suas faltas. Começou a freqüentar a igreja no meio de semana. Rompeu com todo seu passado, quis entrar para o Carmelo, mas Deus lhe pediu a renúncia a este desejo e se fez terciária franciscana.

Se estabeleceu em Lourdes, e ali viveu numa pensão de religiosas, assistindo assiduamente às cerimônias da Basílica. O mundo a perseguia, a seguia procurando, até a caluniava, mas ela não vivia já para o mundo. Passou a comungar diariamente.

Logo comprou uma pequena casa em Thuillières, que pintou de azul e branco em honra da Imaculada. Ali via de atender aos pobres, das obras de caridade que tanto fazia, e de seguir seu caminho espiritual no recolhimento.

Um dia o superior dos Padres Brancos lhe disse que se encarregue do centro de enfermeiras que pensavam abrir em Túnez. Sem pensar duas vezes parte para a África, e ali deixa o pouco de energias vitais que lhe restavam. Quando regressa à França, faz uma declaração que mostra a que altura havia chegado:

"Que eu esteja aqui ou ali, que importa! Contanto que Ele, meu doce Jesus, viva, e que Ele reine! Somente desejo, somente faço e amo sua Santíssima Vontade!" Estava já abandonada nas mãos de Deus, como Santa Teresinha do Menino Jesus, a quem muito admirava, lia e era sua santa predileta. Parecia já preparada para ir ao encontro eterno de Deus.

Porém tinha que passar ainda pela cruz de outra grande dor. Fortes sobrecargas físicas chegaram, mas sempre recebidas com suma resignação, e inclusive amor: "Senhor, puni, castigai, como quiseres, estes olhos meus que pecaram, e minha boca que se regozijou em alegrias impuras"

Até o dia trágico porém feliz em que ela, que era muito devota de São José, um 10 de julho de 1929, anunciou: "Hoje São José virá para buscar-me!", coisa que efetivamente ocorreu, às 5 da manhã.

O cortejo fúnebre foi pobre, discreto, não havia coroas, nem carros. Entretanto, como disse Mons. Ascanio Brandão, a estrela da terra era agora estrela do céu...

Por Saúl Castiblanco

(Dados biográficos extraídos do livro "Eva Lavallière, Terceira franciscana - Uma conquista do Amor misericordioso", por Mons. Ascanio Brandao. Ed. Vozes. Petrópolis. 1948)

Traduzido de **Gaudium Press** es.gaudiumpress.org, en el enlace <http://es.gaudiumpress.org/content/73869-Eva-Lavalliere--de-estrella-en-la-tierra-a-estrella-del-cielo#ixzz4ltr6HgVI>

JORIS-KARL HUYSMANS

Vejamos quem foi Joris-Karl Huysmans. Trata-se de um escritor francês muito pouco conhecido fora da França, que viveu no século XIX. Romancista, tornou-se também um homem cético e racionalista, sem religião e agnóstico, tendo seguido, segundo alguns, a escola literária de Emile Zola com todo o seu conteúdo naturalista. Sua conversão foi por ele mesmo narrada em três livros, numa forma alegórica, escritos em seu estilo romanceado, mas cheios de conteúdo por retratar tudo o que se passou no interior de sua alma. No primeiro, “Lá-Bas” (1891), ele conta como vivia num submundo terrível de abominações; no segundo, “En Route” (1895), descreve o caminho que o levou à conversão, e, “L’Oblat” (1903), fala já de sua vida de convertido. O final de sua vida como oblato num convento, e sua morte assistida pela religião católica nos faz supor que sua conversão foi sincera.

O autor usa de nomes fictícios para falar dele mesmo em suas obras, como Durtal, no livro “En route” (A caminho). Segundo conta no primeiro livro (“Lá-Bas”, isto é, o submundo), tudo começou quando ele assistia a uma missa negra, na qual um sacerdote apóstata consagrava uma Hóstia que era depois pisoteada com ódio pelos participantes. Não entendendo porque tanto ódio por aquela simples hóstia, já que ele não acreditava que ali estivesse algum poder divino, despertou-lhe a curiosidade sobre o Catolicismo, e a partir daí começou a estudar e freqüentar coisas da igreja, visitar catedrais, ouvir o gregoriano, assistir missas ou solenidades religiosas, etc. Aos poucos foi se penetrando do espírito católico, até que um dia teve a permissão de passar uma semana num convento de vida reclusa a fim de estudar a vida e os costumes dos religiosos. Converteu-se, abandonou sua vida mundana e foi ser oblato.

Observa-se na conversão de J.K. Huysmans o caso raríssimo de alguém que muda de vida e se volta para aderir à verdadeira Fé usando, quase sempre, de esforço próprio e acurados estudos de caráter literário, cultural e artístico. E, depois, publicando todo seu esforço para fazer bem às outras almas.

HUYSMANS – Apelo à conversão

Um dos escritores cuja obra encantou Dr. Plínio Corrêa de Oliveira nos primeiros tempos de congregado mariano foi Huysmans. O processo de conversão desse grande literato, sublime e espetacular ao mesmo tempo, serviu largamente ao jovem líder católico como instrumento de apostolado. Abordando com coragem temas às vezes espinhosos e polêmicos, ele utilizava as páginas do “Legionário” para proporcionar uma formação adequada aos jovens. Exemplo disso são os dois artigos publicados em janeiro de 1932, nos quais comenta as obras e a vida de J. K. Huysmans.

A literatura de nossos dias, acorrentada à sensualidade, está em franca crise de assuntos. Esta crise é, mesmo, o mais sério problema com que têm de lutar todos os literatos hodiernos. O cinema, o romance, a novela, a poesia, tudo enfim, está assolado por uma tremenda crise de temas. Os enredos giram eternamente em torno de casos amorosos. Ora, os aspectos amorosos da vida, por mais que nos modernizemos, só podem dar lugar a quatro combinações: ou são duas pessoas casadas, que abandonam seus respectivos

lares para constituírem juntas um terceiro sobre os escombros da felicidade de seus primeiros cônjuges; ou é uma pessoa casada, que se apaixona por uma solteira, culminando a paixão numa ruptura dos laços conjugais; ou a ruptura não se dá, mas morre oportunamente o cônjuge embaraçoso, de sorte que o viúvo ou viúva pode, mal fechado o caixão do defunto, atirar-se nos braços da outra; ou são duas pessoas solteiras que se tributam mutuamente um amor combatido barbaramente pelo “sogro” implacável.

Estes casos comportam evidentemente algumas variantes. Ou o crime corta o nó górdio de uma vida supérflua, que ameaçava durar demais; ou o adultério brutal põe termo a uma situação incômoda; ou o cônjuge supérfluo se suicida discretamente, para deixar o lugar a seu sucessor mais feliz.

Evidentemente, porém, estas combinações também são limitadas e se esgotam ao cabo de algum tempo. De tal sorte que, quem se entrega assiduamente à leitura de romances durante cinco anos, fica conhecedor de todo o estoque amoroso de nossas livrarias. E, com um pouco de argúcia, poderá ver, logo ao ler as primeiras páginas, qual o desfecho da história, desfecho este que depende das inclinações do autor, e dos sentimentos e posição que atribui aos personagens do romance.

Um autor que combata este círculo vicioso, para ingressar em um campo novo, é, evidentemente, um Cristóvão Colombo do espírito, que abre para a inteligência continentes novos, mundos inexplorados. É o que se dá com Huysmans, um dos mais estranhos e admiráveis escritores do século passado [século XIX]. Seu mérito foi o de ter sabido confeccionar as mais espantosas obras literárias que se possam imaginar, abstraindo totalmente de complicações amorosas.

J. K. Huysmans, literato naturalista, residente em Paris, encontrou-se a certa altura de sua vida mergulhado em tremenda crise intelectual. Suficientemente lúcido para abominar seu século, mas destituído de qualquer amparo sentimental em alguma amizade sólida ou afeição de família profunda, Huysmans, ao mesmo tempo que se isolava cada vez mais do convívio de todos, fazia dentro de si um vácuo tremendo.

Tendo abandonado todos os seus amigos, destruído todas as suas antigas ilusões, perdido todos os seus parentes, vivia isolado em Paris, em pequeno quarto, onde passava dias infundáveis em companhia de um gato, a maldizer indefinidamente o século XIX.

Foi então que conheceu um pseudo-médico, des Hermies, fidalgo “déclassé”, que freqüentava rodas espíritas, de mágicos, astrólogos, etc., no “bas fonds” canceroso que existe em Paris.

A princípio, seduziu-o no amigo o cunho original e misterioso de sua vida. Esta sedução se acentuava à medida em que ia privando com as pessoas mais chegadas a des Hermies, todas elas atacadas de um misticismo acatólico e doentio, que exalava os miasmas da mais absoluta putrefação espiritual. Levado por suas inclinações de diletante, Huysmans não recuou á vista de tal ambiente.

Sobreveio-lhe, nesta ocasião, em condições misteriosas, um convite para que assistisse a uma “missa negra”, celebrada em honra do demônio por um sacerdote privado de ordens sacras. Excitada fortemente sua curiosidade, aceita o convite e é conduzido a um lugar estranho, em que se amontoam mulheres e homens carregados com o peso de todos os vícios e todas as baixezas. Sobre o altar, um Cristo rindo, num “rictus” ignóbil, ultrajante.

Toca uma sineta, entra o sacerdote. Começa a missa, entre contorções dos presentes. Quando chega no momento da consagração, o sacerdote pronuncia as palavras sacramentais banhado em suor, a voz repassada de ódio, o olhar carregado de estranhos eflúvios diabólicos. Distribui a Sagrada Eucaristia aos presentes, que a profanam abominavelmente. Gargalhadas satânicas, blasfêmias tremendas, insultos implacáveis, nada se poupa ao Corpo adorável de Nosso Senhor.

Manifestações evidentemente diabólicas irrompem por todos os lados. É o triunfo de Satanás, glorificado pelos assistentes num delírio de abjeção e de infâmia.

Enojado, ferido nos poucos sentimentos que ainda lhe restavam, Huysman se esgueira pela porta e foge espavorido.

Desde então, uma grande preocupação assaltou sua inteligência e acabou trazendo-o submisso aos pés da Igreja. Vira o demônio, vira o espírito das trevas urdindo contra a Sagrada Eucaristia as mais tremendas infâmias.

Ora – refletia ele –, se o demônio, de cuja existência já não posso duvidar, odeia a hóstia consagrada pelos sacerdotes católicos, é porque realmente ela é o Corpo de Cristo. Logo, a Igreja Católica é verdadeira.

Daí uma conversão dolorosa, penosa, que se vai arrastando através de inúmeras lutas, de combates sem fim, travados contra a carne rebelde às injunções da vontade, e o espírito rebelde às exigências da Fé. Quando entra em uma igreja, extasia-se diante das belezas da liturgia católica. Sua alma se eleva até os pés de Deus, ao som do órgão, no desenrolar grave e compassado da música sacra. Poucas almas sentiram como a sua as belezas do cantochão. Sua descrição do “De Profundis”, do “Miserere” e da Missa de defuntos são as mais belas páginas que tenha lido em minha vida.

Freqüentando assiduamente as igrejas de Paris, a todas surpreende nas suas horas de mais intensa sentimentalidade. Ora é “Notre Dame” de Paris, detendo nas suas ogivas seculares uns restos de claridade coada através dos vitrais, enquanto some no céu, lentamente, tristemente, um sol crepuscular. Ora é uma igreja operária, na qual observa detidamente as mulheres paupérrimas, os mendigos, os operários exaustos, os miseráveis dos arrabaldes de Paris, que vêm dirigir a Deus, depois de um dia de intenso trabalho, preces infindáveis, enquanto, de dentro do tabernáculo, o Senhor invisível os consola repetindo mudamente o Sermão da Montanha: “Bem-aventurados os que choram, os que sofrem, os que têm sede de justiça”...

No entanto, Huysmans ainda não ousou aproximar-se dos sacramentos. Recai no pecado com tal facilidade que nem se atreve a aproximar-se do tremendo tribunal da Penitência.

Resolve, então, ir fazer um retiro numa Trapa. Começa aí a parte culminante de seu segundo livro, “Em Route” (“A caminho”), de que me ocuparei no próximo artigo”

(Transcrito da revista “Dr. Plínio”, edição de junho/2001, págs. 21/24, artigo do “Legionário, n. 93, de 31-1-32)

HUYSMANS – Retorno ao seio da Igreja

Um dos escritores cuja obra encantou Dr. Plínio nos primeiros tempos de congregado mariano foi Huysmans. O processo de conversão desse grande literato, sublime e espetacular ao mesmo tempo, serviu largamente ao jovem líder católico como instrumento de apostolado. Acompanhemos agora o segundo artigo no qual ele comenta o percurso do neo-convertido rumo à Igreja.

“Em um de nossos últimos artigos, consagrados à estupenda obra de J. K. Huysmans, comentávamos seu livro “Là-Bas”, que é o primeiro da série que escreveu sobre sua dolorosa e interessante evolução espiritual, que acabou por conduzi-lo ao verdadeiro porto da salvação, isto é, à Igreja.

“Là-Bas”, como os leitores devem estar lembrados, conta como Huysmans, mergulhando no satanismo, nas abominações da magia negra, das missas sacrílegas, das profanações atrozes, viu despertar em sua alma as primeiras inquietações religiosas. Estas, que encontraram terreno propício em um espírito de escol, trabalhado profundamente pelo horror que lhe causava a época em que vivia (século XIX), e pela solidão que o cercava no domínio sentimental, foram crescendo gradualmente de intensidade, até determiná-lo a ocupar-se decididamente do problema religioso.

Nessa altura, termina o “Là-Bas” e começa o “En Route”.

Aproximado pelos acontecimentos de um sacerdote francês inteligente e virtuoso, Huysmans começa a freqüentar as cerimônias religiosas católicas, que despertaram nele impressões indeléveis, as quais nos legou em páginas magistrais. Suas descrições da tristeza tenebrosa do “De Profundis”, das imprecções ardentes do “Miserere”, da alegria exultante do “Magnificat”, são páginas literárias que glorificam o idioma em que foram escritas.

Aliás, constitui a obra de Huysmans uma aplicação interessantíssima do naturalismo a assuntos religiosos, aspecto este que a enche de originalidade.

Sob o ponto de vista estritamente religioso, interessava principalmente o gênero novo de apologética que Huysmans tentou instituir. Não o preocupam os argumentos filosóficos, as contendas científicas, em que os silogismos se digladiam pró e contra a Fé. Já dizia o poeta francês que, “à force de raisonner, on perd la raison” (“à força de raciocinar, perde-se a razão”).

Faz da Igreja uma descrição material e objetiva, através da qual procura fazer ressaltar, com inimitável habilidade, os lampejos de sobrenaturalidade que se desprendem da liturgia magnífica, enriquecida por um simplismo comovedor, do cantochoão estupendo, nas suas imprecções veementes, no tumultuar de suas contrições, na explosão de seus surtos de confiança na Providência Divina, no lacrimejar harmonioso de seus ofícios de defuntos.

Impressionam-no sobremodo as ordens religiosas, nas quais vê com razão a cristalização do espírito evangélico. Fascinam-no as penitências das carmelitas, as austeridades implacáveis das beneditinas e das sacramentinas, os rigores das regras monásticas em geral. Entre todas, porém, uma Ordem chama sua atenção, pela estupenda beleza de seus princípios constitutivos: a dos trapistas. Resolve-se, então, impulsionado pelos conselhos de seu amigo sacerdote, a fazer em uma Trapa longínqua um retiro de alguns dias.

Entra-se então na parte mais interessante do livro.

Cumprir dizer que, à maneira dos antigos cristãos, que proibiam aos pagãos a assistência aos mistérios sagrados, sentimos o desejo de vedar a

leitura do que se segue a espíritos incrédulos, que terão provavelmente para a incomparável beleza moral da vida trapista, o riso estulto, ou o trocadilho alvar com que um hotentote comenta a complicação – para ele inútil – de um mecanismo moderno, cujo funcionamento está acima de sua compreensão.

Segundo o dogma da comunhão dos santos, cuja aceitação é imposta pela Igreja a todos os fiéis, os sofrimentos de uma alma podem ser aplicados em expiação dos pecados de outra. Satisfeita assim a justiça divina, pode a misericórdia incitar o pecador à conversão. A importância das Ordens religiosas, que na contemplação de Deus, e na penitência incessante, encerram (deveríamos dizer, sepultam) criaturas durante toda uma vida, em conventos humildes, para expiar assim as ignomínias do mundo pecador, participa, portanto, de toda a elevação moral do Santo Sacrifício do Calvário.

É certo que os sibaritas, tão freqüentes no século XX, inquietados em seus gozos pela visão de tanta abnegação e de tanto sofrimento, pretenderão qualificar de selvageria desumana tal procedimento. É certo que algumas pessoas, para os quais o ouro é o único ideal da vida e que consideram o homem exclusivamente segundo o que produz, o trapista é um inútil, pois que sua atividade “não rende”. Suas apreciações profanam tais assuntos. Melhor seria que se calassem sobre assuntos alheios à sua compreensão!

Foram tais as considerações que ocuparam Huysmans em sua viagem de Paris para a Trapa. Sua impressão, quando se habituou à vida do convento, foi a de um verdadeiro deslumbramento.

Monges plácidos e austeros, invariavelmente vestidos de branco, se dedicavam, dentro de uma reclusão perpétua, a trabalhos manuais e especialmente à oração e à penitência, que lhes consumiam a vida. Só uma voz falava: a da contrição e da reparação, expressa através de todas as atitudes e de todas as ações. Como cama, uma prancha de madeira. A alimentação, de um rigor extremo, era exatamente o necessário para impedir que os monges adoecessem gravemente, vitimados pela fome. Por toda a parte, o silêncio.

As Trapas constituem a mais magistral resposta aos que afirmam que a Igreja perdeu a seiva que alimentava os mártires dos primeiros séculos do cristianismo. Se é certo que é necessário um heroísmo sobre-humano para que se possa alguém sujeitar-se aos tormentos do Coliseu, também é certo que a agonia de uma vida inteira, escoada lentamente entre os cilícios e as mortificações, constitui tormento que a todos excede pelo rigor e pela provação que impõem à perseverança.

Certa noite, Huysmans, inquieto, não conseguia dormir. Levantou-se então e dirigiu-se à capela, que supunha deserta. Quando entrou, divisou vagamente, através da penumbra que coava pela clarabóia de uma cúpula, os vultos brancos dos trapistas, que furtavam à suas poucas horas de sono o tempo necessário para alimentar seu espírito de oração.

Alguns, curvados pela humildade, se prostravam no chão. Outros, como chamas de velas que se dirigem ao alto, erguiam o busto numa atitude de imprecisão ardente, de súplica veemente, que só a pena de Huysmans consegue descrever. Outros, enfim, abatidos pela enormidade dos pecados do mundo que deviam expiar, numa atitude de profunda contrição, gemiam um “Miserere”.

Lentamente, a manhã penetra através da clarabóia. As formas brancas precisam seu contorno, ainda banhadas na claridade suave da aurora. Raia

enfim o sol. Todos os trapistas se dirigem para os bancos. Toca o sino e irrompe radiosa a “Salve Regina”.

A observação de tais cenas atuou profundamente no ânimo de Huysmans, que, enfim resolvido a confessar seus pecados, se prostra aos pés de um trapista, a quem, em profunda contrição, confia todos os seus delitos contra Deus e contra os homens. No dia imediato, comunga.

Feita assim sua integração ao catolicismo, retira-se da Trapa com recordações imorredouras. E o “Em Route” cede lugar ao “Oblat”.

(Transcrito da revista “Dr. Plínio”, edição de julho/2001, artigo do “Legionário” n. 94, de 21-2-1932)

CONVERSÃO DE UM BUDISTA FAMOSO AO CATOLICISMO

Paul Williams, catedrático de filosofia budista e professor de religiões da Índia na Universidade de Bristol, foi durante mais de 30 anos uma das principais autoridades acadêmicas sobre budismo no Reino Unido. Também era um budista convencido, intelectual e praticante. Porém em 1999 surpreendeu os seus alunos, companheiros e familiares quando anunciou que se convertia ao cristianismo, mais ainda ao catolicismo mais ortodoxo. Em 2002 publicou um livro com o seu testemunho de conversão e as suas reflexões.

Na revista budista inglesa Dharmalife não escondiam sua perplexidade:

“Williams é um dos principais estudiosos britânicos do budismo e um budista praticante de muitos anos. O seu livro ‘O Budismo Mahayana’ é uma jóia de clareza e visão. Que surpreendente foi saber há dois anos que tinha decidido ser católico. [...] Catolicismo! Tinha tendência a acreditar que enquanto o budismo é uma opção vital e espiritual para as pessoas modernas, o catolicismo pertence a um passado problemático. A minha visão do catolicismo é influenciada pelos testemunhos de amigos ex-católicos, sobre os efeitos debilitadores da culpa, a sua busca de bases emocionais saudáveis para suas vidas... Como poderia uma pessoa inteligente e bem informada tomar tal opção?”

Williams explicou tudo no seu livro “*Unexpected Way*”, e em algumas entrevistas e testemunhos escritos.

Juventude anglicana tibia

Paul Williams nasceu em 1950. A família da sua mãe não era religiosa, mas depois da sua conversão descobriu que teve uma bisavó católica. A família do seu pai era tipicamente anglicana. Sendo muito jovem, Paul juntou-se ao coro da paróquia anglicana, porque gostava de cantar. Foi crismado na sua adolescência pelo bispo anglicano de Dover, e com 18 anos recorda que ia comungar algumas vezes. Mas não tinha uma relação próxima com Cristo nem recebeu formação.

O seu irmão trouxe da biblioteca um livro sobre yoga, e com ele Williams afeiçoou-se à cultura oriental nos muito alternativos anos 60.

“Estive implicado no estilo de vida e nas coisas que os adolescentes fazem. Ao aproximarem-se os exames públicos deixei o coro, deixei de servir na igreja, perdi o contacto com ela, deixei o cabelo comprido e vestia-me de maneira diferente”.

Meditação e budismo

A estudar na Universidade de Sussex, especializou-se em filosofia indiana e depois em budismo. *“Durante algum tempo fiz a Meditação Transcendental de Maharishi Mahesh Yogui, porém deixei-a porque não gostava da sua superficialidade e parecia-me que distorcia a tradição indiana”*, escreveu no seu livro.

Em 1973 já tinha tudo claro: tinha estudado tanto o budismo que via o mundo com categorias budistas. Refugiou-se formalmente como budista na tradição tibetana Dgelugspa, a do Dalai Lama. Sendo professor na Universidade de Bristol criou o seu próprio círculo de budistas.

Praticava a meditação, dava palestras em encontros budistas, aparecia em debates televisivos como budista tibetano e participou de debates públicos com o católico dissidente Hans Küng e o catalão orientalista Raimon Panikkar.

O que atraía no budismo

Williams explica:

“Interessava-me a filosofia, mas também a meditação e o exótico Oriente. Muitos de nós considerávamos o budismo interessante, porque parecia muito mais racional do que as alternativas, e às vezes muito mais exótico. Os budistas não creem em Deus, ou melhor, não parecia ter razões para crer em Deus e a existência do mal era para nós um argumento positivo a seu contrário. Nós que havíamos crescido como cristãos estávamos fartos de defender Deus num mundo hostil, cheio de detratores. No budismo existe um sistema de moralidade, espiritualidade e filosofia imensamente sofisticado, que não necessita de Deus para nada”.

Anos depois, ao converter-se ao catolicismo, o filósofo escreveu:

“Se repararmos como são os budistas do Ocidente, o chamado Budismo Ocidental, o que encontramos com regularidade é uma forma de cristianismo na qual tiraram as partes que os cristãos ‘pós-cristãos’ encontram mais dificuldades em aceitar”.

Williams conheceu um líder chamado Sthaira Sangharakshita que propunha aos budistas de passado cristão praticar a “blasfêmia terapêutica”, para conseguirem desapegar-se do seu fundo cristão, insultando coisas consideradas santas em sua cultura. Para Williams esta ideia parecia uma barbaridade.

O problema da reencarnação

O budismo no Ocidente apresenta-se sobretudo como uma técnica para viver experiências positivas: paz, harmonia, relaxamento... Mas à medida que Williams via o passar dos anos, como filósofo não podia evitar fazer-se perguntas, e entre elas: o que passa depois da morte? Há budistas que preferem não pensar no tema, e consideram que é “Mara”, uma “ilusão”, uma distração, um tema no qual não vale a pena pensar, mas pode um filósofo deixar de perguntar-se?

“Os budistas crêem no renascimento, ou melhor, na reencarnação, como é chamada. Não há um início na série de vidas renascidas: todos temos renascido infinitas vezes, não há princípio nem se necessita de um Deus que o inicie”.

Williams recorda que na época dos primeiros cristãos as crenças a favor da reencarnação estavam muito difundidas na Grécia e Roma, mas o cristianismo nunca as aceitou. *“E por boas razões: se a reencarnação é verdade, nós não temos nenhuma esperança”.*

O que há de mim numa barata?

Imaginemos que vamos ser executados sem dor amanhã pela manhã, mas sabemos com toda segurança que depois reencarnaremos como uma barata. *“Acostumar-te-ás, não há problema, ser barata não é como o nada ou o grande vazio, é uma vida, continuarás vivo... Mas por que nada disso nos consola?”*, argumenta Williams.

Mais específico ainda:

“Não peço que imagineis que despertais dentro do corpo de uma barata, como na Metamorfose de Kafka. Serias uma barata, e quem sabe quais são os sonhos ou imaginações de uma barata?”

“O terror de ser executado na aurora e renascer como barata é que, simplesmente, isso seria o meu fim. Não posso imaginar como é renascer como barata porque não há nada que imaginar! Simplesmente, não teria nada de mim aí. Se a reencarnação é verdade, nem eu nem meus seres queridos sobreviveríamos à morte. O eu, a pessoa real que sou, a minha história, acaba. Quem sabe haja outro ser vivo com algum tipo de conexão causal com a vida que eu fui, alguém influenciado por meu karma, mas eu já não estou”.

“No nível quotidiano, os budistas tendem a obscurecer este facto -que eu desapareço do tudo com a morte- quando falam de ‘meu renascer’ ou de ‘preocupar-se com as vidas futuras’, mas na realidade qualquer renascer -como uma barata sul-americana- não seria ‘eu mesmo’, e por tanto cabe perguntar-se por que hei de preocupar-me com as minhas reencarnações futuras”.

Iluminação, sim... mas quem a consegue?

Para escapar do ciclo das reencarnações, o budismo ensina que é possível alcançar a iluminação, o nirvana, uma absoluta perfeição e desapego nesta vida. Quando alguém tem 20 anos pode pensar que com muito esforço o conseguirá. Mas Williams, com mais de 20 anos de intensa prática budista e meditativa o tinha claro:

“É evidente que não vou conseguir a iluminação nesta vida. Todos os budistas tenderão a dizer isso de todo o mundo. A iluminação é uma conquista extremadamente rara e suprema, para heróis espirituais, não para nós, não para gente como eu. Assim eu, e os meus amigos e familiares, não temos esperança”.

Karma: pagar pelas outras vidas tuas... que não eras tu

Williams explica rapidamente a teoria do karma: alguns males e alguns bens que experimentas, são consequência do que fizeste em uma vida passada.

“Mas como se pode dizer que um ditador cruel que foste noutra vida eras tu? A idéia que um bebê fica doente por algo que fez outra pessoa, não nos consegue convencer. Não se pode dizer que o que alguém fez noutra vida, seja a resposta mais aceitável para o problema do mal. O bebê não foi quem fez os atos malvados, como também eu não sou uma barata depois de minha execução”.

O cristianismo oferece esperança

“O budismo não tinha esperança. Os cristãos sim têm esperança, por isso quis ser cristão. Voltei a examinar as coisas que tinha rejeitado em minha juventude. Dei-me conta que é racional crer em Deus, mais racional do que crer, como os budistas, que não há Deus”.

Examinou a chave da proposta cristã: que Jesus tinha ressuscitado.

“Assombrou-me descobrir que a ressurreição literal de Cristo dentre os mortos depois de sua crucifixão é a explicação mais racional do sucedido. Isso fazia do cristianismo a opção mais racional das religiões teístas, e como cristão considere que devia dar prioridade à Igreja Católica”.

“O cristianismo é a religião do valor infinito de cada pessoa. Cada pessoa é uma criação individual de Deus, e como tal Deus ama-a e valoriza-a infinitamente. Nisto se baseia toda a moral cristã, desde o valor da família ao altruísmo e o sacrifício dos santos. Por sermos infinitamente valiosos, é que Jesus morreu por nós, para salvar a cada um. E somos as pessoas que somos, com nossas histórias, amigos e parentes. Nossa fé é que em Deus nossas mortes terão significado para cada um de nós, de formas que excedem a nossa imaginação mas que inclusive agora já suscitam a nossa esperança e alimentam nossas vidas”.

Hoje Paul Williams é um laico dominicano e um grande admirador de São Tomás de Aquino. Lamenta que às vezes, em encontros ecumênicos ou análises de religião comparada, se faça o contraste entre os místicos cristãos de linguagem simples (como São João da Cruz) com teóricos budistas muito

elaborados, com um discurso muito intelectualizado que fazem parecer o místico cristão uma versão simples de uma filosofia complexa. Williams considera que esses autores budistas devem comparar-se com autores sistemáticos como São Tomás.

A partir de texto (traduzido) de:

<http://www.religionenlibertad.com/personajes/19324/de-budista-a-tomista-la-conversion-al-catolicismo-del-filosofo-paul.html>

(Extraído de <https://pt.aleteia.org/2017/05/26/de-budista-a-tomista/>)

ENTREVISTA E DEPOIMENTO DE UMA SATANISTA SOBRE SUA CONVERSÃO À IGREJA CATÓLICA

Entrevista de Fabiana Guerrero por Monsenhor Renato Laurentin.

No dia 30 de Abril de 2009, Sua Santidade o Papa Bento XVI promulgou:

"Monsenhor René Laurentin, Prelado de Sua Santidade"

Entrevista do dia 20/01/2011

Fabienne Guerrero nasceu no dia 14 de Abril de 1964. De média estatura, morena de olhos azuis, veste-se com modéstia. Ela conserva a precisão que ela cultivou na sua profissão de Secretária de Direção, e o seu percurso contrastado é particularmente digno de atenção.

R.L.: A senhora abandonou as seitas por Cristo com uma lucidez notável. Conte-nos isso, por favor.

F.G.: Passei a minha juventude nas drogas, no álcool, nas discotecas, nos pecados da carne. Escutei músicas intrinsecamente más, visualizado maus filmes, praticado o espiritismo, a astrologia, a numerologia, a divinação, realizado estudos sobre a Nova Era e mantido contactos com um guru que me abriu dois chacras : o chacra do terceiro olho e o chacra do coração.

R.L.: Você também frequentou os Rosa-Cruz ou Rosacruzianistas. O que vem a ser isso ?

F.G.: Trata-se de um movimento esotérico. Fui iniciada na loja "Haroëris" (um deus ou divindade da Mitologia Egípcia) em Marselha, de Abril de 1995 até Março de 1997.

R.L.: Em que é que aquilo consistia?

F.G.: Quando da primeira iniciação, ingressei na loja por um procedimento especial. Não posso detalhar para não me criar aborrecimentos.

R.L.: A senhora recebeu uma educação cristã?

F.G.: Sim. Fui batizada no dia 3 de Maio de 1964. Fiz o percurso habitual: Catecismo, Primeira Comunhão, Comunhão Solene (Profissão de Fé).

R.L.: Em que altura começaram os seus contactos com os Rosa-Cruz?

F.G.: Em Julho de 1993, e deles me apartei definitivamente em Março de 1997. Em fins de 1996, fiz uma primeira peregrinação a "Medjugorje"

– Bósnia e Herzegovina.

R.L.: De que modo é que a senhora se desprendeu dos Rosa-Cruz?

F.G.: Comecei a recitar o Rosário e consagrei-me ao Coração Imaculado de Maria. No dia 9 de Agosto de 1998, no decorrer de uma Missa, firmei um pacto de aliança com Maria, Rainha Imaculada do Universo, na Fraternidade de Bois-le-Roi. Seguindo os conselhos do Céu, mandei celebrar Missas (vários conjuntos de trinta Missas) pela minha alma, a fim de recobrar a paz. Recebi numerosos sacramentos, inclusivamente a Unção dos Doentes, várias vezes, sem estar verdadeiramente doente fisicamente. O Padre Remels (Bélgica) realizou um corte de laços com o esoterismo que eu tinha frequentado. Faço todas as manhãs a Via Sacra, seguida das Laudes e da Missa, na minha paróquia de Béziers.

R.L.: O que lhe traz a sua "Missa orquestrada" da manhã?

F.G.: Quando vejo o Senhor no momento da Elevação, ponho-me de joelhos e peço-Lhe que faça arder o meu coração junto ao fogo do Dele. Comungo sempre de joelhos e na boca. A Missa dá-me a força de me dar e de O seguir.

R.L.: Você compreendeu que a união da vontade com Deus, o mesmo é dizer, a união de amor, é o essencial.

F.G.: Sim; o que conta para mim, reside na intimidade profunda, dia após dia, com Jesus, na Sua Paz e na Sua Alegria.

R.L.: Sim, uma vontade que confere uma identificação à sua vida.

F.G.: Sim.

R.L.: Em que época começaram os seus desvios? Na sua infância?

F.G.: Na idade de 15 anos, iniciei a divinação, a astrologia e a numerologia.

R.L.: O que vem a ser a numerologia?

F.G.: É um conjunto de crenças fundadas na atribuição de propriedades a números. Procede-se ao estudo de um tema, com base na data do nascimento para situar-se numa conjuntura astral.

R.L.: Qual foi o resultado disso?

F.G.: Passei por três etapas cuja lógica eu buscava.

R.L.: E a Nova Era?

F.G.: A Nova Era constitui uma corrente espiritual que não provém de Deus. Nesse movimento, nunca ouvi falar em Jesus Cristo, enquanto Filho de Deus. Aprendi que existia o "Divino". O Divino é a mais elevada expressão da consciência cósmica, a vibração mais alta. Manifesta-se por modo de emanção na energia interior e cósmica. Coincide com o mundo e com o homem. O indivíduo pode afirmar: Deus está em mim; eu sou o meu criador. Numa palavra, tudo é um, tudo é energia, tudo é Deus. O Cristo da Nova Era que eu conheci não passa de um simples espírito que se manifestou em Buda e em Jesus de Nazaré. Não me era possível entrar em relação com um Deus Pessoal; eu não passava de uma simples onda do oceano cósmico. A minha salvação residia no conhecimento experimental da minha natureza pretensamente divina. Era necessário que eu me realizasse pessoalmente pela iluminação interior, as reencarnações, o domínio de si mesmo e, eventualmente, pela aquisição de poderes ao religar-me à energia divina que assegura a purificação e a harmonia consigo mesmo, com os outros e com o Universo. Eu bastava-me a mim mesma; eu não tinha necessidade de Revelação nem de Redenção, nem de qualquer ajuda exterior. Segundo a lei do Karma, eu devia reparar eu própria os meus próprios erros no decorrer de novas existências. A minha fé era a "gnose" (segredos reservados aos iniciados) e eu não rezava nunca. Eu nem sequer acreditava no pecado.

R.L.: A Nova Era é bem conhecida; ela apropria-se de todas as facetas da nossa cultura. Faz dela uma síntese brilhante, porém inconsistente, a qual seduz os seus adeptos, mas deixa-os frustrados. No que diz respeito aos "chacras", constituem sentidos desconhecidos no Ocidente, identificados por Indianos. Existem sete principais, desde o chacra-raíz (na base da coluna vertebral) até ao chacra-coroa que tem a sua sede no topo da cabeça. Isso submeteu-vos a todas as influências. Daí o vosso percurso desenfreado.

F.G.: A abertura dos chacras desviou-me da Fé e aberta a toda a espécie de aventuras heteróclitas que me destruíram.

R.L.: Esse guru queria abrir-vos "para além" das nossas percepções vulgares.

F.G.: Durante um ano, assisti à suas sessões de espiritismo. Um dia, ele propôs-me de efetuar uma grande limpeza. Como eu acreditava na reencarnação, pensei que ele ia libertar-me do karma, isto é, das servidões das minhas vidas anteriores. Ele pousou a sua mão sobre o meu chacra do coração e sobre o meu chacra do terceiro olho simultaneamente e fez uma invocação numa língua que eu não entendi. Na subsequente sessão de espiritismo, a Kundaliní levantou-se. Tive muito medo porque ressentia uma grande força que me atravessava desde o chacra-raíz até ao chacra-coroa e que me fazia puxar para cima.

R.L.: Com tendência para a levitação, como costuma acontecer?

F.G.: Não, de modo nenhum; é pela cabeça que aquilo me puxava para o alto, sem atingir finalidade nem objeto.

R.L.: O que foi que a fez evoluir?

F.G.: Nos finais de 1996, fui fazer uma primeira Peregrinação a "Medjugorje".

R.L.: Qual foi a mudança que ocorreu em si naquele momento?

F.G.: Reencontrei em Medjugorje o gosto pelos Sacramentos, apetência que eu tinha perdido desde a idade de quinze anos; redescobri o gosto pela Oração, especialmente o Rosário.

R.L.: Uma certa iluminação geral.

F.G.: Sim.

R.L.: Isso "abriu-a" a Cristo?

F.G.: Sim.

R.L.: Reconheceu então a senhora que isso provinha do Espírito Santo: Ele não se mostra; todavia, como os projetores que se encontram nas nossas costas durante os espetáculos, Ele alumia a cena : Jesus e a Sua Mensagem.

F.G.: Reconheci imediatamente o agir do Espírito Santo.

R.L.: O Espírito Santo não nos instrui com vocábulos e com palavras, mas Ele nos dá a Sua Luz a fim de que nos apercebamos de Cristo e da sua Ação em nós.

F.G.: Tudo aceitei do Cristianismo. Investi-me nele ativamente por meio do Apostolado. Escrevi cinco livrinhos alusivos à minha conversão. Eles obtiveram o "Imprimatur" (A Autorização Eclesiástica) no dia 1 de Dezembro de 2009, e quatro foram editados pela Editora: "Téqui". - Deixei a Ordem da Rosa-Cruz / AMORC (Antiga e Mística Ordem da Rosa-Cruz).

- Astrologia ou Confiança em Deus. - Deus libertou-me da crença na reencarnação (transmigração das almas). - Jesus Misericordioso livrou-me do espiritismo. - Jesus Misericordioso libertou-me da vidência.

R.L.: E os Rosa-Cruz, desapareceram do seu horizonte?

F.G.: Aderi à AMORC desde Julho de 1993 até Março de 1997 e acedi ao Sétimo Grau (7º Degrau) do Templo.

R.L.: Quantos Graus existem?

F.G.: doze, creio eu. Depois de Medjugorje, escrevi ao "Imperator" (Grão Mestre) da Ordem, exprimindo o meu desejo de partir. Ele perguntou-me porquê e respondi-lhe: - Para regressar na Igreja Católica.

R.L.: Os seus chacras ainda se encontravam abertos?

F.G.: Sim.

R.L.: Quem os fechou dentro da senhora? Pois não se abrem apenas para o Cristianismo...

F.G.: Um sacerdote cujo nome não me recordo fez uma Prece para o encerramento e tudo voltou à ordem.

R.L.: A senhora teve a sorte que, no que lhe diz respeito, tudo sucedeu tão depressa e tão bem.

F.G.: Sim, graças aos Sacramentos que tenho recebido todos os dias, pois muitos permanecem em dificuldade e, por vezes, morrem quando a Kundaliní acorda.

R.L.: Poderemos nós perguntar-lhe o que é a Kundaliní?

F.G.: Consiste numa poderosa energia que se encontra alojada no Osso Sacro. Ela acorda e sobe ao longo da coluna vertebral e trabalha de centro(s) em centro(s), até ao chacra-coroa (no cume da cabeça).

R.L.: Isso ajudou-a a usufruir de uma melhor receptividade em relação ao Cristianismo?

F.G.: Não diretamente. Comecei a estudar a Bíblia, a Vida dos Santos, o Concílio Vaticano IIº, o Catecismo da Igreja Católica, e dava-me conta que isso era bom.

R.L.: Isso aproximava-a de Deus?

F.G.: Sim. Eu passava as minhas tardes numa igreja, em Marselha, para fazer a Via Sacra e para passar algum tempo com Jesus, e ouvi nessa altura uma Voz. Essa Voz saía do Tabernáculo e Jesus dizia-me: "Eu sou o teu único Mestre".

R.L.: A senhora a ouviu ou a percebeu interiormente, intelectualmente, como se diz?

F.G.: Eu ouvia-a como você próprio me fala.

R.L.: Ah sim. A senhora ouvia uma Voz?

F.G.: Sim. Uma Voz que provinha do Tabernáculo. Uma Voz masculina, muito forte. Ela ressoava em mim. Isso aconteceu-me ainda outras vezes.

R.L.: Se o Espírito Santo não fala, Jesus, que se fez Homem, pode falar-nos por meio de palavras humanas.

F.G.: Jesus também dizia: "As minhas Chagas salvar-te-ão" porque ia tomar-me nas Suas Santas Chagas para salvar-me.

R.L.: As suas Chagas, os seus Sofrimentos e a Sua Morte, Ele vo-los terá feito partilhar ?

F.G.: Não. Ainda não. Pensei que me era necessário um Pai Espiritual.

R.L.: E a senhora o encontrou?

F.G.: Sim. O meu primeiro Pai Espiritual, um Padre Dominicano, discerniu que Deus me falava. Será isso normal, Monsenhor?

R.L.: Sim, absolutamente. A senhora teve a sorte de ter encontrado um sacerdote esclarecido.

F.G.: Expliquei-lhe que eu tinha um amigo e que vivia numa relação marital com ele desde 1994. Depois de Medjugorje, nós fizemos um casamento

civil no dia 6 de Setembro de 1997, mas nós não podíamos realizar o casamento religioso, na medida em que ele já tinha sido casado religiosamente, e depois divorciado.

R.L.: E a esposa dele continuava viva?

F.G.: Sim; ela o tinha deixado para um outro homem. Após o meu casamento (civil), no decorrer de uma noite, no meu quarto, Jesus veio visitar-me e pediu para lhe obedecer, de manter ambos os quartos separados ; depois, Ele disse-me: "Peço Reparação. O teu pecado ofendeu-me"; depois:

"Quero-te corpo e alma". O meu Pai Espiritual confirmou que era necessário viver em Castidade e Deus pediu-me de testemunhar da sua Misericórdia. De regresso a casa, vivi (com o meu amigo) como irmão e irmã.

R.L.: Mas ele (o amigo) aceitou de viver esta nova situação?

F.G.: Ele sentia muitas dificuldades. Mas já que Deus exigia a Continência, obedeci-Lhe. Finalmente, no dia 14 de Dezembro de 2000, divorciei para seguir a Cristo pelo (no) mundo, pois Ele tinha-me dito: "Eu quero que tu me sirvas no (dentro do) mundo". Depois de ter deixado a casa, estudei afincadamente a Fé Católica e, em inícios de 2003, criei uma rede de ícones peregrinos de Jesus Misericordioso, em obediência a um Padre Palotino (da Congregação dos Palotinos) de Osny (Val-d'Oise – França), o Padre Eugénio, com quem trabalho sempre. Ele é o meu guia no que se refere à Misericórdia Divina. Trata-se de fazer circular ícones nas famílias para o tempo de uma Novena, ícones que fabrico. Eles circulam hoje em diversos países, tais como: França – Guadalupe (Departamento Ultramarino Francês) - Martinica (Departamento Ultramarino Insular Francês) – Ilhas de "Les Saintes" – Ilha de "La Désirade" - Bélgica – Suíça – Luxemburgo – Países Baixos – África – Itália - Espanha.

R.L.: São numerosos?

F.G.: Trata-se de uma vasta rede.

R.L.: Uma rede internacional.

F.G.: Sim, dirigida pelo Padre Eugénio.

R.L.: Não há Grupo de Oração?

F.G.: Não; não com esta rede.

R.L.: A senhora desempenha uma profissão?

F.G.: Sim. Secretária de Direção bilingue. Parei após a Peregrinação a Medjugorje a fim de consagrar-me inteiramente ao Apostolado.

R.L.: Você tem apenas 46 anos; não está a idade da reforma ; de que vive a senhora?

F.G.: A minha irmã (casada com dois filhos) empresta-me um apartamento e os meus pais alimentam-me. Recusei o dinheiro que as minhas Editoras me propunham (as seguintes Editoras: "Téqui", "Parvis", "Rassemblement à Son Image"...).

R.L.: A senhora compra a sua roupa?

F.G.: Eu mendigo, porque disse-me Jesus: "Agarra-te à Pobreza". "Não tenhas receio de mendigar".

R.L.: A senhora vê-se sobrecarregada.

F.G.: Sim; por vezes, nem sei para onde virar a cabeça.

R.L.: A senhora vive à maneira de um profeta?

Fabienne Guerrero: Não. A Virgem Maria disse-me: "Não terás Mensagens (como os Profetas), mas permanece fiel ao meu Filho". Ela fala unicamente acerca de mim.

O Padre René Laurentin: A senhora usufrui uma graça de exceção : Renúncia, luz e claridade. Seja fiel nisso. Não é assim tão fácil de perdurar .

Testemunho

A Paz de Jesus esteja convosco !

Meus amados irmãos e irmãs, hoje venho testemunhar que Jesus Cristo me ressuscitou. Os meus pais batizaram-me poucos dias após o meu nascimento. Segui todo o curso do catecismo e fiz a minha primeira comunhão. A minha mãe, uma santa mulher, ensinou-me a rezar todas as noites. Apesar disto, depois da minha comunhão, nunca mais frequentei a igreja católica até 1996, data em que Jesus veio me salvar. Tinha então 32 anos.

Vou contar-vos um pouco da minha vida que tive ao longo de todos esses anos, longe de Jesus. Desde a idade de 15 anos a minha vida mudou.

Comecei a fumar, a frequentar bares sórdidos, a colocar as cartas, a praticar a numerologia e a escrever a astrólogos. Quando os meus estudos escolares terminaram, passava todos os fins de semana nas discotecas, fumando haxixe, bebendo álcool, vestindo mini-saias e roupas de luxo e tendo relações sexuais sem culpa, com os homens que encontrava. Estava então em busca de amor com um A grande.

Satanás tinha-me presa e impediu-me de buscar o amor de Cristo. Ele cegou-me com aquilo que os homens me poderiam oferecer: o prazer da carne, o dinheiro, o bem estar e o mundo. Fiquei sob amarras infernais mas, o que mais desejava era ter alguém que cuidasse de mim e não queria morrer sem amor.

Tornara-me suicidária e destrutiva após sofrer muitos males durante a minha juventude e Satanás, na sua crueldade, envenenava ainda mais as minhas feridas dolorosas.

Foi durante uma noite numa discoteca que encontrei um rapaz e, depois de alguns meses, decidimos viver em concubinato. Não sabia que, se tivesse relações sexuais sem ser casada pela igreja, a minha alma se uniria a espíritos impuros.

Após cinco anos deixei o meu companheiro e mudei-me para outra cidade onde encontrei uma astróloga e de uma rosacruziana pertencente à AMORC! A astróloga propôs-me fazer o meu tema astrológico cármico e eu aceitei! Ela explicou-me que, se ela estudasse o meu mapa astral com base nas minhas vidas passadas poderia estudar o meu karma futuro!

Algum tempo depois fui a um centro espírita para escutar os ensinamentos de um guru no qual encontrei um livro que estudei e que se chamava “Evangelho Segundo o Espiritismo” de Allan Kardec. Este guru propôs aqueles que o acompanhavam, em participar às Quartas-feiras à noite em sessões de espiritismo e eu, na minha inocência aceitei! E então comecei a ver médiuns que entravam em transe, que recebiam mensagens de supostos Santo Cura de Ars, do Santo Padre Pio, Santa Teresa do Menino Jesus e até a Mãe de Deus, por algumas vezes o Senhor Jesus Cristo e mesmo extra-terrestres! Se eu soubesse que eram espíritos caídos que deixavam estas mensagens, teria deixado o centro espírita logo de seguida.

Numa dessas sessões de Quarta-feira à noite, o guru propôs a todos aqueles que o seguiam, fazer uma grande limpeza às suas almas. Interiormente, eu sofria muito mas, a certo momento, já não sabia que eram os pecados que tinha acumulado que me oprimiam. Acreditava que todo este sofrimento interior eram dívidas cármicas que tinha acumulado desde todas as minhas vidas passadas, uma vez que eu acreditava na reencarnação.

Acreditando que este guru tinha o poder de me libertar do peso das minhas vidas anteriores, aceitei a sua proposta e me sentei do lado dele. Ele agia ao serviço do demônio e, aceitando abandonar-me ao seu poder, permiti ao demônio de me possuir. Os maus espíritos entraram em mim devido a todos os erros que eu tinha cometido em toda a minha vida, desde a cartomancia, o pêndulo, a astrologia, os horóscopos, as linhas da mão, as iniciações no yoga, a adoração de Buda, a meditação esotérica, a abertura de chakras, o chi gong, etc. O guru impôs as suas mãos em mim, sobre dois dos meus chakras, utilizando os poderes que ele tinha adquirido do demônio. O chakra do coração e o chakra do terceiro olho. Depois ele me disse que me tinha transmitido a luz. Mas infelizmente eu tinha recebido a luz do inimigo de Deus. De seguida, voltei a mim e logo me comecei a sentir muito mal.

A seguir à experiência do espiritismo, tive uma experiência muito difícil. A kundalini despertou. A kundalini é um poder energético que está alojado na base do osso sacro, na região lombar. Quando ela acorda, sobe ao longo da coluna vertebral e trabalha de chakra em chakra, até chegar ao chakra coronário que fica situado acima da cabeça. Durante esta experiência, tive a impressão que tinha sido levada ao céu, de tão forte o poder que esta energia tinha. O que eu não tinha compreendido ainda era que, através da prática do yoga e kundalini, deixei o poder de Satanás entrar em mim e de me dirigir a partir do meu interior. Não sabia de todo, que a prática do yoga poderia abrir a porta da minha alma às entidades espirituais más.

O yoga não é uma prática simples. Pertence a uma religião da qual é dificilmente separável. Fez-me adorar divindades e tinha uma função espiritual.

Aprendi, junto com um padre instruído nestas questões, que o yoga é uma prática hinduísta que realiza a união do eu temporal “Jiva” a “Brahman” infinito, o conceito hindu de Deus. Este Deus está presente como uma substância espiritual impessoal.

Ele não é Jesus Cristo, o Deus pessoal da revelação. Invocando divindades estrangeiras que não existem, eu arriscava na verdade entrar em contato com os demônios e a eles me submeter. Tomei consciência de que, quem pratica yoga adora um outro Deus que não faz parte da Trindade Santa, Pai, Filho e Espírito Santo e por consequência, faltei ao respeito ao primeiro mandamento de Deus: “Não terás outros Deuses diante de Mim”.

Entretanto, sentindo-me cada vez pior, decidi abandonar estas técnicas por causa da abertura de chakras, estive entre a vida e a morte durante três longos meses e se estou viva hoje, é devido à misericórdia de Jesus.

Mas a minha sede de conhecimento não estava ainda saciada e afiliei-me à Ordem Rosa-Cruz – AMORC e rapidamente comecei a receber pequenos fascículos para estudar. Subi até ao Sétimo Grau do Templo. Afiliei-me também a uma loja rosacrussiana aonde passei por muitas iniciações, e que mais tarde, quando Jesus me libertou, consegui ver como Satanás me possuiu após cada iniciação.

Estudei, dentro desta Ordem, diferentes assuntos tais como o corpo psíquico do homem, a viagem astral, a aura humana, os chacras, os sons vocálicos, os mantras, etc... Através desses estudos, procurei o conhecimento e conhecer o Deus do meu coração que costumávamos chamar de "o cósmico".

Mas não compreendi nada desta face de Deus e as suas energias. Imaginem qual a relação de amor que eu poderia ter com aquele Deus! Nenhuma! De nenhum coração ao coração ardente de tal forma que eu posso agora vivê-lo com Jesus de Amor e com a Eucaristia.

Na minha busca pela Nova Era, que não vem de Deus, pratiquei magnetismo, telepatia, pêndulo, todas as formas de magia, hipnose, respirações Nova Era, leitura da aura, todas as formas de cura por energia, através de cristais, música e cores, meditações através de músicas da Nova Era, o Reiki sobre o qual os Bispos dos Estados Unidos nos avisaram. E depois, tive a experiência dentro do meu corpo, que Satanás me havia depositado a sua energia e então comecei a fraquejar e a sentir-me cada vez pior.

Dentro da Ordem Rosa Cruz encontrei um homem que se encontrava só, pois há alguns anos atrás a sua esposa tinha-o deixado, trocando-o por outro homem. Alguns meses mais tarde, decidimos nos casar no civil. Não nos podíamos casar pela igreja católica, pois ele já tinha tido o sacramento do matrimônio.

E então uma luz se me fez. Olhando uma ilustração do Sagrado Coração de Jesus, entendi a Sua voz que me dizia: "As minhas chagas te salvarão!" As chagas da Sua Dolorosa Paixão. Pouco tempo depois, ao longo de uma peregrinação a Medjugorje, aceitei voltar à igreja católica. Tornei-me pequena, na minha grande miséria, diante do Santíssimo Sacramento exposto, diante da presença real de Jesus vivo, corpo, sangue, alma e divindade!

De volta a França, Deus ofereceu-me uma primeira experiência sobrenatural, ao longo da qual me pediu para fazer penitência. Ele mostrou-me a minha alma doente diante da besta que tinha uma cabeça de leão, tal qual descrito no Apocalipse. Vi os demônios que me envolviam e que estavam prontos a me levar com eles para o mundo das trevas. Estes demônios estavam ligados a cada um dos meus pecados.

Quando comecei a observar mais profundamente a minha alma, vi-me como uma hiena e desci até ao fundo do abismo, dentro da cratera de fogo, blasfemando e desafiando o ódio a Deus, tal como fazem os malditos. O estado da minha alma era a consequência das minhas desobediências à Lei de Deus e Satanás, dentro da sua fúria disse-me "Condenei-te às penas do inferno".

Não sabia que Satanás queimava no inferno e que queria que todos queimassem com ele. O seu ódio tinha entrado em mim. Vi como Satanás e os anjos caídos com as almas condenadas, atacam as almas ao nível do coração e do cérebro para as destruírem. O mais terrível foi que percebi o que a minha alma me dizia: "Amo-te Satanás!". Foi verdadeiramente horrível. Eu era um demônio em putrefação!

Sabem? Eu era uma mulher do mundo, sedutora, cortejada e dominadora. Dizia-me uma mulher liberal mas de fato eu estava acorrentada a Lúcifer.

A minha rebelião tinha começado por escutar o Rock, os Beatles, AC/DC e todos os espíritos dessas músicas malditas tinham entrado em mim. Eu dizia entretanto: “peace and love” que significa paz e amor. Empregava essas palavras com alguns dos meus amigos que eram hippies. A minha rebelião interior levou-me a ser a favor da homossexualidade, do divórcio, do concubinato, do aborto. Em determinado momento perdi a consciência de que estava a ser uma grande instigadora contra a Lei de Jesus Cristo, mas sabem, eu estava envolta pelo abismo e não poderia reagir de uma outra forma. Tinha sido a luz de Satanás, que não é mais do que as trevas, que habitava em mim. Se a minha mãe não tivesse rezado tanto e não tivesse feito tantos sacrifícios pela minha alma, estaria ainda agora presa pela luz de Lúcifer. O jejum e a oração ajudaram-me imenso. De seguida percebo o inimigo de Deus a falar à Virgem Santíssima da qual ele sente um medo terrível. Ele dizia, falando sobre as almas: “Tenho-as a todas, vou tê-las a todas” e compreendi também que ele tem também muitos sacerdotes (porque não fazem penitência e não rezam). Se o demônio conseguir ludibriar um padre através da sedução de uma mulher, ele rejubila pois durante esse tempo, o padre não fará a mais o seu dever que é salvar as almas. Pobres mulheres que distraiam um padre da sua vocação! Elas ficam logo sobre a justiça de Deus e os suplícios do inferno as esperam se elas não se arrependerem!

Se pudessem saber o quanto a Virgem Santíssima derrama lágrimas enquanto Ela vê a Besta engolir cada vez mais almas. Ela chora lágrimas de sangue.

Satanás condena as almas através do amor mundano, do dinheiro e da carne e da Nova Era. Se vocês soubessem o ódio que ele tem por todos nós e por Deus e por todos os seus padres, é horrível.

Deus disse-me: “Reza pelos meus sacerdotes”. Os sacerdotes são a menina dos olhos de Jesus. Sem os sacerdotes ninguém poderá ter acesso ao Céu pois são estas almas que nos dão os sacramentos que nos abrem a Vida em Cristo em nós e nos dão o Seu perdão.

Após estes momentos de horror intenso, Jesus fez-me remontar ao abismo e, levando-me com Ele, pude sentir o Seu poder retirando-me desse estado de escuridão no qual eu estava aterrorizada. Deus, na Sua grande bondade consolou-me e disse-me com muita caridade: “Tu és minha”, “Pensa apenas em Mim”, “Não penses em mais nada senão Me amar”, “Eu te curarei”, “És banhada pelo Meu sangue”, “Criei-te com as Minhas mãos”, “Oferece-Me o teu amor e não voltes a pecar”, “Não vendas a tua alma ao diabo”, “Não Me traias mais”, “Eu sou o teu mestre”, “Eu sou o caminho da Verdade e da Vida”, “Não vás para longe de Mim”, “Escuta a Minha palavra, observa os Meus mandamentos, observa os meus Sábados, o dia do Senhor”.

Os mandamentos de Deus, eu sabia que eram dez, mas não sabia muito mais. Então eu estudei a Bíblia, li-os e depois de ter aprendido o conhecimento descobri que, depois dos meus quinze anos de idade, estive em estado de pecado muito grave e em certos estados de pecado mortal. Então Jesus disse-me: “Defende a minha Lei!” e foi o que fiz após 1996. Para O servir bem.

O Espírito Santo disse-me que me havia oferecido o dom da Verdade!

De seguida fui ao encontro daquele com o qual tinha feito uma aliança e expliquei-lhe que deveríamos viver dentro da castidade, pelo menos até à realização do casamento civil. Alguns meses passaram e casamo-nos no tribunal civil e, dois dias após o casamento retirei-me do nosso quarto conjugal

porque Jesus me veio dizer: “Obedece-me” “Exijo reparação” “o teu pecado ofende-me” “Submete-te minha filha” e assim me mostrou os demônios aos quais eu estava ligada por causa do meu pecado de adultério. Imaginem o meu desespero! Era-me impossível pensar que eu poderia viver sem um homem. Eu tinha necessidade de me sentir super protegida. Eu quis casar para fundar uma família onde houvesse crianças mas Deus disse-me, nesse momento que eu estaria interdita de o fazer pois eu não tinha do sacramento do matrimônio.

Na manhã seguinte, procurei um padre confessor que me recebeu com muito carinho e expliquei-lhe o que Deus me tinha pedido. Este padre confirmou-me que deveríamos viver como irmãos e que eu só poderia comungar se vivêssemos em continência.

Depois, explicou-me que o divórcio não rompe o matrimônio pela igreja e que o meu marido continuava casado com a sua esposa legítima, perante Deus, até que a morte os separe, mesmo que ela já tivesse feito a sua vida. O que Deus uniu, que o homem não separe jamais!

Sei muito bem que Deus vai pedir contas a esta mulher. Deus disse-me o quanto chorava pelas mulheres infiéis. Esta mulher que deixou o seu marido será informada por Deus durante o seu julgamento: “Mulher que fizeste ao teu marido?” Se ela tivesse orado a Deus, Ele os teria reconciliado mas, o seu coração era demasiado duro.

Sabem? Uma esposa que não perdoa ao seu marido ou que o abandona, deixa a sua alma cair no abismo. Com certeza, se ela o deixa porque a sua vida está em perigo, é um caso diferente. Neste caso, a igreja permite a separação dos corpos mas não o divórcio.

Irmãos e irmãs, quem somos nós para não nos perdoarmos quando Deus tudo perdoou sobre a cruz? Como é que estareis reunidos no céu com os vossos inimigos se aqui na terra não os amais? Sabem? Deus disse-me: “Se queres que te perdoe, perdoa tu aos outros, tal como Ele nos ensinou na oração do Pai-Nosso”.

Fui libertada de verdade quando finalmente perdoei a todos, quando pedi para serem celebradas missas em intenção dos meus perseguidores, quando rezei por aqueles que me fizeram mal.

Depois de deixar o padre, só e de volta a casa, comecei a sentir muita ansiedade, pois tinha de falar ao meu marido, que se havia tornado meu irmão entretanto, e que aceitou esta situação com muita dificuldade mas, teria de a aceitar para a saúde da sua alma. Depois expliquei-lhe que queria sair da Ordem Rosa Cruz AMORC.

Persuadida de que estava num profundo erro na minha vida, comecei a rasgar em pequenos pedaços, todos os livros de autores rosacrucianos, todos os livros de numerologia, de linhas da mão, de cartomancia, livros sobre espiritismo de Allan Kardec e de Leon Denis e livros da Nova Era como esses de Helena Petrovna Blavatsky ou Alice Bailey ou ainda livros sobre ciências ocultas. Desembaracei-me de todos esses livros porque, enquanto eles estivessem perto de mim, os demônios estariam igualmente.

Uma vez que a Virgem Santíssima foi introduzida no domicílio, a calma retornou à minha casa. Substituí todos os meus antigos livros pela Bíblia, o catecismo da igreja católica, a vida dos santos, as revelações das almas do purgatório aos santos da igreja católica e fiquei muito tocada. Como sofri muito interiormente à custa dos meus numerosos pecados, comecei, pela Graça do

Espírito Santo, a fazer celebrar numerosas missas pela minha alma a fim de reencontrar a paz.

Ao longo da celebração dessas missas, o Espírito Santo fez-me tomar consciência de todos os meus pecados, os quais tinha começado depois da minha infância e, quando tinha decidido visitar um padre, o demônio na sua fúria disse-me: “Vai para o inferno!” Ora, corri para a igreja e o demônio perseguiu-me dizendo-me: “Tu estás perdoada, tu estás perdoada!”. Mas eu sabia muito bem que se somente me confessasse a Deus, sem passar pelo padre, não poderia jamais entrar no Céu e eu sabia também que se eu não entrasse no interior do confessionário, não seria liberta dos meus pecados pela igreja que só ela detém este poder. Então eu fui. O demônio deixou-me e o padre recebeu-me com muita caridade mas ficou, no entanto, surpreso de ver que eu tinha em mãos numerosas folhas nas quais eu tinha anotado cuidadosamente todos os meus pecados. Tinha-os escrito a fim de não os esquecer. Assim, comecei a citar os meus pecados sem olhar o padre nos olhos, nesse momento, sentia muita vergonha. Não sabia ainda que Jesus estava presente através do padre para me abraçar e me lavar com o seu precioso sangue. Então, mergulhei a minha cabeça nos meus papeis e li tudo aquilo que havia anotado. Confessei tudo aquilo de que vos falei anteriormente, desde o meu casamento civil, concubinato, álcool, drogas, tabaco, esoterismo, crença na reencarnação, Nova Era e acrescentei, falando docemente: “cometi muitos pecados da carne, tomei a pílula, usei minissaias e fiz pecar os homens através do olhar, tive palavras e pensamentos impuros e sem caridade, faltei à missa ao Domingo, acompanhei uma amiga a uma clínica a fim de abortar, cometi muitos pecados de gula, não rezei, não partilhei com os pobres, tive muitos ídolos através da música e dos artistas, vi filmes X, filmes de terror, li livros maus e juntei igualmente pecados capitais que tinha cometido, tais como o orgulho, a avareza, a inveja, a ira, a luxúria, a gula, a preguiça”.

O padre escutou-me com muita paciência e caridade e depois deste tempo todo, tenho-me confessado regularmente. De seguida, fiz a minha penitência diante do tabernáculo e lá Jesus me disse, com todo o seu Amor de Pai: “Os teus pecados estão apagados” Que graça!

Sim, irmãos e irmãs, os meus pecados, Jesus os apagou. As minhas misérias, Ele as consumiu. A minha fraqueza, Ele a apóia tanto que eu continuo muito pobre no meu interior.

Após receber numerosos sacramentos da reconciliação, encontrei muitos padres que me fizeram orações a fim de os cortar laços que restavam e que estavam relacionados com os meus estudos esotéricos. Recebi também, por inúmeras vezes, o sacramento dos enfermos pois o meu estado era crítico por causa da abertura dos chacras e da forma de agir de Satanás que me tinha destruído interiormente.

Os diversos sacramentos ajudaram-me a curar e estou tão totalmente atraída por Jesus, que agora passo as minhas tardes, junto ao tabernáculo, numa igreja. Desde esses momentos, comecei a fazer o caminho da cruz todos os dias, para a libertação das almas do purgatório. Deus pediu-me para continuar esta obra de misericórdia e explicou-me que o purgatório é a Sua misericórdia e que o inferno a Sua justiça e compreendi então que muitas almas estariam perdidas.

Então eu disse a Deus: “Mas foste Vós Senhor, que condenaste essas almas que estão no inferno?” e Ele me respondeu: “As almas condenaram-se a

elas mesmas". Tal como disse o apóstolo Santiago na sua epístola: "É o nosso pecado que nos tenta e não Deus". Deus não condena ninguém mas deixa a alma livre para O amar ou amar a Satanás! Deus é Amor!

Então prometi-me que iria consagrar a minha vida a rezar pela saúde de todas as almas. Jesus encorajou-me. Ele disse-me, um dia, às quinze horas: "Implora a minha piedade sobre as almas. Reza-me pela minha Paixão". E como sofro por saber que muitos dos meus amigos se encontram longe da igreja,

Jesus disse-me: "Não pares nunca de rezar por eles e te asseguro que nunca desistirei porque os amo e porque conheço os sofrimentos das almas no inferno, pois Eu lá estive também por um instante".

Durante dois anos, passei todas as minhas tardes perto de Jesus Cristo, numa igreja próxima à minha casa e à noite retornava a casa para reencontrar o homem com o qual vivia fraternalmente.

Um dia, escutando uma cassete sobre a vida de São Francisco de Assis, fui fortemente tocada pela sua grande pobreza. Com o meu primeiro pai espiritual, um padre dominicano, decidi deixar a minha casa, decidi divorciar-me já que o meu casamento não era válido perante Deus, a fim de que pudesse caminhar com a igreja católica e entrei então na Ordem das Clarissas, com as irmãs, fiquei enclausurada. Foi um tempo de graça. Depois de quinze meses deixei o mosteiro e respondi ao apelo de Deus que me pedia para O servir no mundo a fim de testemunhar a Sua misericórdia. Jesus, com uma grande caridade, pediu-me para Lhe oferecer a minha vida e, com muito amor aceitei pois o Céu me pedia para nada recusar a Deus.

Para ter onde ficar, voltei a casa dos meus pais e comecei a trabalhar com muitas editoras, a fazer o registro das conferências que eu fazia sob o Espírito Santo, sobre as almas do purgatório, sobre as aparições reconhecidas pela igreja católica, acerca dos perigos da Nova Era, acerca da Eucaristia, sobre a vida dos santos, sobre a mensagem de Jesus misericordioso a Santa Faustina. Vocês conhecem certamente as palavras de Jesus misericordioso:

"Ofereço aos homens uma taça na qual eles devem vir depositar a graça à fonte da misericórdia. Esta taça é uma placa com a inscrição: "Jesus, tenho confiança em Ti (PJ 327)".

"Através desta imagem, concederei muitas graças a cada alma que dela se aproximar (PJ 570)".

"Prometo que a alma que honrar esta placa não ficará perdida. Prometo também a vitória sobre os seus inimigos lá de baixo, especialmente na hora da morte. Eu mesmo defenderei com a Minha própria glória (PJ47)".

"Estes dois raios indicam o sangue e a água. O raio pálido representa a água que purifica as almas. O raio vermelho representa o sangue que é a vida das almas. Estes dois raios jorram das entranhas da Minha misericórdia enquanto o meu coração, agonizante sobre a Cruz, foi aberto pela lança".

"Abençoado aquele que vive na sua sombra (PJ 299)".

Pessoalmente, comprometi-me a recitar todos os dias, às 15 horas, o terço da divina misericórdia, pois Jesus havia prometido: "Mesmo o pecador mais endurecido, se ele recitar este terço uma só vez, terá a graça da minha infinita misericórdia (PJ 687)".

Disse-me igualmente: "Agrada-me conceder a estas almas, tudo aquilo que elas me peçam durante a recitação do terço (PJ 1541) se for conforme a Minha vontade (PJ 1731)".

No decurso de uma conferência acerca da misericórdia divina, encontrei um homem que nunca tinha casado antes. Rapidamente ficamos noivos pela igreja e guardamos castidade mas, dois meses antes do casamento separamo-nos pois ele não era a pessoa de que me tinha falado.

Deus tinha-me dito antes, por duas vezes: “Quero-te de corpo e alma” mas, como sabem tive muita resistência antes de me abandonar à Sua Divina Vontade. Ele disse-me também: “Deixa-me decidir acerca da tua saúde eterna”. Deixei então a Vontade Divina dirigir a minha alma para a salvar pois a partir da minha própria vontade eu dirigia-me de uma vez por todas diretamente ao inferno eterno.

Sou agora submissa a Deus, de acordo com o meu pai espiritual. A Virgem Santíssima convidou-me a não deixar entrar mais nenhum homem no meu coração e então fiz um voto de castidade, coração a coração, com Jesus de amor, diante do Santíssimo Sacramento exposto. E então Deus ofereceu-me uma experiência mística!

A minha alma encontrou-se num lugar deserto. Eu estava sobre uma espécie de plataforma e havia uma entrada. Passei pela entrada e vi-me diante de um mar de fogo no qual se encontravam almas. Vi um buraco com um fogo crepitante lá dentro. Tinha muitas chamas. Os malditos estavam em cólera e ameaçadores e quando os olhei eles disseram-me: “Odiamos-te”. O ódio deles queimou-me e o desprezo deles magoou o meu coração.

O guru que me abriu os chacras morreu, desceu sobre este lugar de trevas. A Sua alma ficou perdida para sempre pois ele recusou Jesus. Ele quis ficar livremente sobre o seu orgulho e não quis admitir as suas faltas. Deus abandonou-o a ele próprio. Deus recusa as almas orgulhosas. Ele disse-me o quanto ama as almas pequenas, as almas humildes! Deus mostrou-me que este guru, que se transformara numa alma maldita para Deus porque O ofendeu sem parar, tinha trabalhado sobre a minha alma para me tentar a cada segundo. Ouvi-o a chorar juntamente com Satanás, quando eles não me conseguiam fazer sucumbir às tentações que eles me enviavam sem parar e para a perda da minha alma. Fizeram tudo para me amaldiçoar.

A Virgem Santíssima disse-me que era preciso resistir às sugestões diabólicas e que muitas vezes eu sucumbia. Foi com a graça da confissão que posso agora estar na misericórdia. Não quero esta alma maldita para me empurrar para as tentações pois eu sei bem que essa é a tarefa de todas as almas malditas. Elas não querem saber de ninguém, nem de nós, nem de Deus. Elas não mudariam jamais as dores nem as penas para irem para o Céu! A sua missão é o ódio, a destruição, a falta de amor. É um tormento que não acaba mais. É um fogo devorador, que devora as suas entranhas. Mas eles são os malditos de Deus porque eles não querem amar. Eles levam todas as almas que podem para este lugar onde o ódio, a destruição estão sempre presentes! Tudo não é mais do que uma armadilha para destruir as almas.

Sabem? Se Deus me deixou um espinho na carne, tal como o fez a São Paulo, foi para que eu lutasse e me tornasse Santa. A sua graça me salvou!

Notei que estão sobre este estado de trevas, algumas almas às quais eu tinha avisado sobre a terra, mas que ainda não se arrependeram. E nas suas vidas, algumas se riem daquilo que lhes digo. E então Deus, num tom muito severo disse-me: “Não te ocupes mais deles”. E compreendi então de como eles vão enfrentar a justiça de Deus no momento dos seus julgamentos. E foi o que se passou! De seguida, encontrei-me encostada a um muro. Tudo estava

escuro. Ondas de luz repentinas desceram. Por cima de mim estava o purgatório e as chamas eram altas. As almas que estão neste estado de purificação estão unidas em tudo à vontade divina. O seu grande sofrimento é pelo fato de não poderem ver o rosto de Deus face a face. Elas O viram, durante o seu julgamento particular, por uma luz que não era ainda a luz do céu e elas guardaram desde então uma grande nostalgia por Deus. Não queriam contudo, aparecer diante Dele com as suas imperfeições. Elas purificam-se e reparam-se sobre a terra e muitos de entre eles aprendem a amar.

Rezei por elas e pelo seu retorno, elas rezaram pela miséria em que eu estava e juntas, pela comunhão dos santos, fomos ajudadas a ter mais luz para que nos pudssemos aproximar de Deus sem medo e sem mácula. E Jesus disse-me: “Quero que fiques mais perto de mim” e acrescentou: “Continua a tua obra de misericórdia, rezando por elas”.

As almas do purgatório tornaram-se as minhas irmãs bem amadas mas não lhes falo pois Deus não o permite. Rezo-lhes simplesmente porque elas me ajudam na minha missão de evangelização. Vi muitos degraus brancos que rapidamente escalei e, chegando ao alto das escadaria branca, um homem vestido de vermelho abriu-me uma porta, retirando-se depois. Entrei num oceano de paz onde senti de uma forma muito forte a presença de Deus Pai. Ele era a Fonte. Era um Pai benevolente, repleto de amor e de paz. A sua presença inundava este oceano de paz. Deus, o Pai é muito terno e muito carinhoso e disse-me, sem que eu O pudesse ver: “Sou um Pai pleno de amor para as minhas crianças”.

Eu, que acreditava que Deus não era mais do que um pai castigador, tomei consciência da Sua grande santidade e se Deus é Amor, Misericórdia e Justiça, o seu maior atributo permanece na Misericórdia. Então Ele disse-me: “Deus está acima de tudo. É o Pai”. Agora chamo-o de “Papá de Amor” e de “Pai querido” e estou atirada nos seus braços de amor. E depois segui o caminho da infância espiritual. Deus não pensa senão em curar-nos e restaurar as nossas mágoas. Deus é Amor, tal como o apóstolo São João nos ensinou.

Vi então, de seguida, Jesus no Céu envolto de uma lindíssima luz dourada. Foi muito bom. A minha alma experimentou uma grande paz e um grande desejo de me aproximar d’Ele. Eu queria ficar perto do Filho de Deus, pois somente assim me sentia bem. Jesus pediu-me para chorar com ele pelas almas pecadoras. Disse-me com muita compaixão: “Chora minha filha, pela saúde das almas.”

Nesta experiência espiritual, trazia ainda dentro de mim todos os pecados que eu não tinha ainda confessado, o que me fez sofrer imenso. Para o superar, confesso-me todas as semanas com a finalidade de não ter de os enfrentar durante o julgamento particular da minha alma, quando da hora da minha morte.

Deus abriu o meu interior e me fez ver que, antes de retornar a Ele eu tinha recusado a Sua misericórdia, o meu coração estava duro e Ele disse-me: “Não posso entrar dentro de um coração duro e orgulhoso.” Ele fez-me ver todos os meus pensamentos que não estavam de acordo com o Seu Amor, todas as minhas cumplicidades com o mal, todos os meus maus sentimentos, as minhas críticas e julgamentos sobre os outros e Ele disse-me: “Não julgues ninguém. Não acuses”.

Sabem? Eu acusava todo o mundo. Depois Ele disse-me: “Não julgues”. Vos asseguro que eu era especialista nesta matéria. Foram as feridas da vida que me fizeram amarga para os meus irmãos e irmãs e Deus tinha-me feito ver que eu não era melhor que Judas! Então Ele disse-me: “É preciso amar” e foi apenas após dezesseis anos de sofrimento e de perseguições contínuas que Jesus transformou a minha alma demoníaca em apóstola para a sua glória e Ele pediu-me para O imitar e fazer o que o apóstolo São Paulo fazia, viajando como ele.

Aconteceu-me muitas vezes sentir medo da perseguição. Então Deus dizia-me: “Não tenhas medo”. É verdade que todos os meus inimigos sucumbiram aos pés de Jesus Cristo. Uma vez viajei até um país diferente, o Espírito Santo protegeu-me de todos os meus medos e de todas as minhas angústias, eu somente sentia paz, a Paz de Jesus Cristo!

Quando Deus abriu o meu interior, vi e recebi todo o mal que fiz ao meu próximo e o fiz sofrer. Então clamei a Deus e disse-lhe: “Jesus, tem piedade de mim. Tem piedade da grande pecadora que eu sou” e Ele me respondeu: “Fazes toda a Minha alegria” e depois eu disse-lhe: “Todas as pessoas que eu fiz sofrer na vida, a partir deste momento, vou rezar por elas e fazer celebrar missas para que um dia nos possamos todos reunir no paraíso” E então, como por um dom, a saúde retornou à minha alma.

Ofereci a Jesus com amor, todas as minhas más escolhas e as suas conseqüências e Ele próprio veio reparar os meus próprios erros de vida com as Suas graças e o Seu amor.

Deus é Amor com um A grande. Sabem, o amor humano não é mais do que um reflexo do amor divino, assim como a bondade humana não é mais do que um reflexo da bondade divina. E ainda chorei sobre Ele e Nele dizendo: “Cura-me meu Jesus, cura-me Papá de Amor!” E pensar que eu disse a Jesus que Ele não me amava o suficiente! Mesmo assim Ele respondeu-me:

“Tu não imaginas mesmo a que ponto Eu te amo. Chamo-te para a Santidade, chamo-te para Me amares! Medita sobre a Minha Paixão!” E então, compreendi finalmente, todo o seu Amor e depois de ler as orações de Santa Brígida, aprendi que Ele sofreu 5480 chagas durante a sua dolorosa Paixão!

Que amor do Criador para salvar a Sua criatura.

Foi a Virgem Maria que me ajudou muito a me aproximar de Deus. Uma das primeiras vezes que Ela me falou, Ela disse-me: “O meu Filho está morto por causa dos teus pecados” e depois Ela disse-me: “Tu não amas a cruz o suficientemente”. Então Ela ensinou-me a aceitar o martírio, ensinou-me o silêncio, o abandono e formou-me para a minha vida espiritual e Lhe agradeço pois foi Ela que me libertou, rezando o santo rosário, de todos os demônios que me oprimiam. Fiz um pacto de aliança com Ela durante uma missa e é por isso que trago um anel no dedo, assim o quis livremente após me consagrar ao Coração Imaculado de Maria, assim como o escapulário de Nossa Senhora do Monte Carmelo, pela graça do qual a Virgem Maria me protegeu de vários perigos.

Eu, que conheci dentro do esoterismo um Deus cósmico, um Deus energia, posso-vos testemunhar que foi dentro da igreja católica que reencontrei um Deus de bondade onde o coração é profundo de amor por cada um de nós. Eu que acreditava que a igreja era uma velha instituição com dogmas rigorosos, apercebi-me que a igreja é Santa, que ela é Amor com um A grande e que sem ela e os seus sacerdotes eu não poderia sequer entrar no

céu. A igreja católica tornou-se uma mãe carinhosa para mim e compreendi todo o Amor de Jesus que a fundou sobre São Pedro, o primeiro Papa e quando observo o Papa Francisco, vi nele todo o amor de Cristo pelas crianças. Vi nele o Amor de um Pai e sou levada a muito amar a igreja e a rezar por ela e pelos seus sacerdotes.

Muitas vezes Jesus de Amor me fez conhecer a profundidade do seu Coração no qual fui transportada a lá repousar, dentro da sua bondade requintada e doçura inegável.

Para agradecer a Jesus da sua bondade, recito o rosário todos os dias pois Ele me prometeu, que pela recitação do Rosário, Ele me salvaria e restauraria:

“Rezo pela tua libertação” e compreendi então que Deus estava em mim para poder lutar contra o poder da serpente.

Rezo também o Rosário de São Miguel Arcanjo aos nove coros de anjos e termino a minha jornada de orações recitando muitas vezes esta pequena oração, muito fecunda, que é um ato de amor: “Jesus e Maria eu vos Amo. Salvem as Almas”.

Deus prometeu a Irmã Consolata Betrone, religiosa capuchinha, a qual o processo de beatificação foi aberto em 1995, que cada vez que ela recitasse com o coração: “Jesus e Maria eu vos Amo. Salvem as Almas”, uma alma seria salva para a eternidade.

Sabem, eu disse a Jesus: “Ofereço-te o meu Sim mas gostaria tanto que todas as almas pudessem conhecer o teu coração ardente de amor. Ofereço-te todas as minhas antigas escolhas e as suas conseqüências para que Tu, o Amor, Tu as queimes com o teu Fogo de ternura e nas chamas da Tua misericórdia”.

A doçura do Coração de Jesus experimentei-a em comunhão com o Corpo de Cristo. Depois que tomei conhecimento da importância da Santa Missa, participo nela todos os dias e tenho muito respeito pelos ministros de Deus aos quais foi oferecido este grandioso poder através do Sacramento da Ordem...! As suas mãos são purificadas à Luz de Deus, nas quais a transubstanciação se produz. Jesus, o Filho de Deus está realmente presente na Santa Hóstia e na Eucaristia e nós não temos capacidade para compreender esse milagre do Céu. A Eucaristia é o meio mais rápido de chegar a Jesus.

Ninguém no Céu esteve tão perto de Jesus como nós, pois desta forma O recebemos em nós mesmos.

Irmãos e irmãs, nós temos o Céu diante de nós, todo o Céu está contido dentro deste pequeno pedaço de pão.

“Quem se nutrir do Corpo e do Sangue de Cristo, nutrir-se-á da plenitude do Ser Supremo e será um reflexo Dele mesmo. A beleza de uma tal alma deleita os anjos do céu que ficam maravilhados com a onipotência do Todo-Poderoso e o Seu amor pelas almas...”

“A alma que recebe Jesus, nela se irradia o Seu Amor e a Sua Luz”.

“A Eucaristia é Magnificência Suprema, a Graça das Graças com perdões e dons do Céu”.

Podemos contemplar também esta palavra explicativa de Santo Cura de Ars que nos diz: “A alma que comunga regularmente o Corpo de Cristo tem, na a sua entrada no Céu, Deus Pai não pode deixar de lhe dar as boas-vindas já que vê no seu rosto, o rosto do Seu próprio Filho”.

Que vantagens dessas graças que o Pai nos oferece, pois elas são as nossas auréolas de santidade.

Jesus deseja encher os nossos corações famintos de Felicidade, de Alegria, de Paz. Ele se deleita com as almas românticas de Amor. Jesus é estas almas.

Elas estão Nele no momento de adoração. Na Eucaristia, as almas estão em Jesus e Nele permanecerão:

“Jesus por inteiro se oferece ao mundo. Dá-Se por completo porque O recebemos completo...”

Após o Recebermos, nós receberemos o Espírito, o Filho de Deus, morto e ressuscitado. Como diz São Francisco de Assis: “Não guardeis para vós, nenhum de vós, de modo a que todos O recebam por inteiro a Ele que se ofereceu a vós por inteiro”.

Desejem seguir Jesus, a Eucaristia é um dom maravilhoso do Céu e Jesus é o alimento da nossa alma. Cresceremos na perfeição porque Jesus é Ele próprio a perfeição. Cristo quer que nos tornemos um ícone vivente Dele mesmo e é o que acontece com uma alma diligente. Nunca uma criatura sobre a terra ficou tão próxima de Deus como na Sagrada Eucaristia. Sempre que recebemos a Sagrada Eucaristia, o que acontece com o nosso corpo e a nossa alma é como que um olhar sobre o nosso ser que diviniza aos poucos a nossa natureza humana. Durante este tempo, nós nos tornamos perfeitos porque Deus está em nós e nós n'Ele. Depois de cada Eucaristia, rezemos para que os seu efeitos se multipliquem e se prolonguem em nós eternamente.

De certo modo, Deus poderá estabelecer mais rapidamente a sua casa permanentemente em nossos corações.

Vejam queridos irmãos e irmãs, o testemunho de uma pobre alma, tão baixa, tão miserável que Deus a consagrou para O servir, O glorificar e O honrar e não para me servir e glorificar a mim própria.

Nunca aprendi teologia mas o Espírito de Deus instrui-me e disse-me: “Acorda os teus irmãos!” E assim eu testemunho a tempo e contra o tempo, depois de anos em diversos países e ilhas para onde fui convidada, com a ajuda do meu anjo da guarda.

Depois de que soube o que era o inferno e as suas torturas e depois que o experimentei dentro da minha alma, desejo a saúde de todas as almas, sem exceção, os bons e os perversos, pelos quais ofereço missas, rezo e jejuo. Deus me pediu para fazer muitos sacrifícios pelos meus irmãos e irmãs de amor e de chorar com eles para a sua salvação.

Quando eu, finalmente comparecer diante de Deus para o julgamento particular da minha alma, eu devo responder pela conversão das almas que eu encontrei no percurso da minha evangelização pelo mundo. Estas almas, milhares delas, é Deus o Pai que as chama, de país em país, a vir escutar o meu testemunho e se vocês estiverem lá, um dia estaremos todos reunidos no céu.

Queridos irmãos e irmãs, vocês irão todos, na hora da vossa morte, comparecer diante de Deus para o vosso julgamento. Esta é a razão pela qual espero que o meu testemunho vos ajude a ter mais luz.

A misericórdia de Deus tem a capacidade de mudar todos os corações.

Como sabem, o meu coração estava doente e Deus o curou. Então eu disse-lhe: “Senhor Jesus, Meu Salvador e Meu Deus, vou fazer o meu

purgatório sobre a terra para que na hora da minha morte Tu me tragas bem perto do Teu Sagrado Coração”.

Portanto, mantenham a vossa fé e digam a Jesus: “Jesus, confio em Ti!” Se Deus curou a maior pecadora do mundo que eu era, então, todo o mundo pode ser salvo. Nenhum pecador não será digno da grande misericórdia de Deus e aos poucos e cada vez mais, ela irá aumentando.

Quanto maior o pecador, mais direito ele tem à misericórdia de Deus!

Escrevi cinco livrinhos acerca da minha conversão e que foram aprovados pela igreja católica (imprimatur et nihil obstat). Vocês poderão lê-los através da minha página da internet.

Aqui está, meus amigos, o testemunho de uma alma miserável que se sente e sabe amada por Deus e que se descobriu noiva de Jesus Cristo como presente total na sua vida.

Percorro o mundo pela maior glória de Jesus pois assim Ele mo pediu. E mesmo que eu não deseje viajar, faço-o por amor a Ele que ofereceu a

Sua vida por mim e que me convidou a imitá-lo e a percorrer o mundo tal como fez São Paulo.

Sabem porque Jesus Cristo me escolheu para testemunhar a Sua misericórdia? Porque sobre a Terra, Ele não encontrou maior miséria e maior pecadora do que eu.

Eu era hipócrita, mentirosa, invejosa. Mas Jesus Cristo me pediu para percorrer o mundo pela saúde das almas. Foi por esse motivo que Ele me curou, para me glorificar e me chamar ao Seu amor, a mim, um ser tão pequeno, ferido pela vida.

Queridos irmãos e irmãs, amo-vos como Jesus vos ama até à maior felicidade e bem necessito do vosso amor.

Ajudai Jesus enquanto Ele sofre e chora tanto pelo mundo.

Louvado seja Jesus Cristo e o coração

imaculado de Maria.

Alelúia! Alelúia!

Fabienne, vossa irmã

<http://fabienne.guerrero.free.fr/>

<http://fabienneguerreroportugal.wordpress.com>